

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras

**Tramas femininas na imprensa do século
XIX: as tessituras de Inês Sabino e Délia.**

Anexo B

Maria da Conceição Pinheiro Araujo

Profa. Dra. Maria Luiza Ritzel Remédios
Orientadora

Tese apresentada como requisito
para obtenção do grau de Doutora,
pelo Programa de Pós-Graduação
em Letras da Faculdade de Letras
da Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul.

Dezembro de 2008

Sumário

Textos das autoras publicados em jornais, utilizados na tese:

Délia. Aurélia. Início.	04
Délia. Aurélia. Conclusão.	05
Délia. Desvio da Imaginação.	06
Délia. Angelina. Início.	07
Délia. Angelina. Conclusão.	08
SABINO, Inês. <i>Sobre Schopenhauer.</i>	09
SABINO, Inês. <i>Dia de Anno Bom.</i>	10
SABINO, Inês. <i>A Mulher e a religião.</i>	15
SABINO, Inês. <i>O Dia de Natal.</i>	17
SABINO, Inês. <i>A mulher e as fases da vida.</i>	18
SABINO, Inês. <i>A criança mendicante.</i>	24
SABINO, Inês. <i>A Seduzida.</i>	25
SABINO, Inês. <i>Última Jóia.</i>	29
SABINO, Inês. <i>Na Arena.</i>	31
SABINO, Inês. <i>Pátria.</i>	33
SABINO, Inês. <i>A federalista.</i>	34
SABINO, Inês. <i>A mulher brasileira.</i>	35
SABINO, Inês. <i>D. Delphina Benigna da Cunha.</i>	37
SABINO, Inês. <i>Delia.</i>	39
SABINO, Inês. <i>Patrícias.</i>	40
SABINO, Inês. <i>Impressões de leitura.</i>	41
SABINO, Inês. <i>O Veterano.</i>	45
SABINO, Inês. <i>Pérolas cor de rosa.</i>	49
SABINO, Inês. <i>Minhas caras amigas.</i>	50
SABINO, Inês. <i>A Mulher bárbara.</i>	51
SABINO, Inês. <i>Choupana de Flores.</i>	52
Sabino. Inês. <i>Nuvem Branca.</i>	53
SABINO, Inês. <i>Scenas quotidianas.</i>	54
SABINO, Inês. <i>Na Thebaida.</i>	55
SABINO, Inês. <i>Por montes e Vales.</i>	57
SABINO, Inês. <i>Ana Nery.</i>	60

SABINO, Inês. <i>Nísia Floresta</i> .	62
SABINO, Inês. <i>D. Roza da Fonseca</i> .	63
SABINO, Inês. <i>Conselhos à minha filha</i> .	64
SABINO, Inês. <i>A Freira Martir</i> .	65
SABINO, Inês. Almas de Artistas: capítulo inédito.	67
SABINO, Inês. Anita Garibaldi.	70
SABINO, Inês. Liga promotora de trabalhos femininos.	72
SABINO, Inês. Direitos femininos.	74
SABINO, Inês. D. Amélia de Alencar.	75
SABINO, Inês. D. Thereza Diniz.	77
SABINO, Inês. Lizá Diniz.	79
SABINO, Inês. Uma escritora Portuguesa.	81
Fotos das Autoras	83
Foto da casa de Délia, no RJ	87
Notas biográficas sobre as autoras, publicadas em jornais	88
Capas de livros de Inês Sabino	96
Capas de livros de Délia	103
Convite da Ed. Mulheres para o lançamento da 2ª edição do romance Lésbia.	109
Anúncios, publicados em jornais, de venda dos romances de Délia.	110
Resenhas, publicadas em jornais, sobre os livros das autoras	113
Capas de jornais em que as autoras publicaram	123

GAZETA DA TARDE - Segunda-feira 5 de Novembro de 1883

PREMIOS DE 2000000 - Lottery results table with columns for numbers and prizes.

PREMIOS DE 2000000 - Lottery results table with columns for numbers and prizes.

PREMIOS DE 2000000 - Lottery results table with columns for numbers and prizes.

PREMIOS DE 2000000 - Lottery results table with columns for numbers and prizes.

PREMIOS DE 2000000 - Lottery results table with columns for numbers and prizes.

PREMIOS DE 2000000 - Lottery results table with columns for numbers and prizes.

PREMIOS DE 2000000 - Lottery results table with columns for numbers and prizes.

PREMIOS DE 2000000 - Lottery results table with columns for numbers and prizes.

PREMIOS DE 2000000 - Lottery results table with columns for numbers and prizes.

PREMIOS DE 2000000 - Lottery results table with columns for numbers and prizes.

PREMIOS DE 2000000 - Lottery results table with columns for numbers and prizes.

PREMIOS DE 2000000 - Lottery results table with columns for numbers and prizes.

PREMIOS DE 2000000 - Lottery results table with columns for numbers and prizes.

PREMIOS DE 2000000 - Lottery results table with columns for numbers and prizes.

PREMIOS DE 2000000 - Lottery results table with columns for numbers and prizes.

PREMIOS DE 2000000 - Lottery results table with columns for numbers and prizes.

PREMIOS DE 2000000 - Lottery results table with columns for numbers and prizes.

PREMIOS DE 2000000 - Lottery results table with columns for numbers and prizes.

PREMIOS DE 2000000 - Lottery results table with columns for numbers and prizes.

PREMIOS DE 2000000 - Lottery results table with columns for numbers and prizes.

A ÚLTIMA HORA - News article about a man's death and family matters.

FACULDADE DE MEDICINA - News article about a medical school event.

Operações dentárias - Advertisement for dental services.

DEBIA AURELIA - Advertisement for a medicine or product.

Text block containing a story or advertisement.

Text block containing a story or advertisement.

Text block containing a story or advertisement.

DEBIA AURELIA - Advertisement for a medicine or product.

CANDEIAS DE BOM...

Um candelão de São Paulo... O candelão de São Paulo...

Deixa-se a mão direita... Deixa-se a mão esquerda...

Deixa-se a mão esquerda... Deixa-se a mão direita...

Deixa-se a mão direita... Deixa-se a mão esquerda...

NOTAS DE BOM...

Um candelão de São Paulo... O candelão de São Paulo...

Deixa-se a mão direita... Deixa-se a mão esquerda...

Deixa-se a mão esquerda... Deixa-se a mão direita...

Deixa-se a mão direita... Deixa-se a mão esquerda...

NOTAS DE BOM...

Um candelão de São Paulo... O candelão de São Paulo...

Deixa-se a mão direita... Deixa-se a mão esquerda...

Deixa-se a mão esquerda... Deixa-se a mão direita...

Deixa-se a mão direita... Deixa-se a mão esquerda...

NOTAS DE BOM...

Um candelão de São Paulo... O candelão de São Paulo...

Deixa-se a mão direita... Deixa-se a mão esquerda...

Deixa-se a mão esquerda... Deixa-se a mão direita...

Deixa-se a mão direita... Deixa-se a mão esquerda...

FOLHETIM

ANGELINA

DELIA

XLV

Signo de amor...

NECROLOGIA

Um candelão de São Paulo... O candelão de São Paulo...

NECROLOGIA

Um candelão de São Paulo... O candelão de São Paulo...

NECROLOGIA

Um candelão de São Paulo... O candelão de São Paulo...

SABINO, Inês. *Sobre Schopenhauer*. *Echo das Damas*, 22/09/1887, p. 01.

ANO III RIO DE JANEIRO, 22 DE SETEMBRO DE 1887 NUM. 44

ECHO DAS DAMAS

REDACTORA — AMELIA COUTO

<p>ASSIGNATURAS CORTÉ Anno 10\$000</p>	<p>COLLABORADORAS Emiliana de Moraes, Analia Franco, Maria Zelina Rolin, Ignéz Sabino, Marie Vincent, Atilia Bastos, Adelia Barros, Mathilde Macedo e Emilia Cortez.</p>	<p>ASSIGNATURAS PROVINCIAIS Anno 12\$000</p>
--	--	--

Ligeiros Estudos

SOBRE SCHOPENHAUER

Descendente, conforme as tradições da família, de um tronco Hollandez, Arthur Schopenhauer, filho de um distinto e rico negociante, e de uma senhora de letras, romancista de nomeada, viu a luz do dia em 22 de Fevereiro de 1788, na cidade de Dantzig. Pequeno ainda, acompanhou seus pais através da Allemanha, Belgica, Suíça, França e Inglaterra.

Aos nove annos, o pozeram em um collegio no Havre, e depois em outro, em Londres.

A ostia na estrangeiro, e a frequencia de diversas sociedades, lhe derão uma experiencia precoce e mesmo pratica, em vista do futuro a que o destinavão.

Tendo perdido o pai em 1804, fez-se pois uma sensivel mudança nos seus estudos, dirigidos então com habilidade para o commercio, assegurando-lhe no entretanto a fortuna deixada pelo seu progenitor, um futuro independente.

Apenas livre, o joven abraçou-se ás sciencias, letras e sobretudo a philosophia, a que dedicou-se com ardor, meditando sobre as obras de Kant e de Plutão, frequentando as Universidades de Göttingue e de Berlim, onde estudou mineralogia, botanica, o magnetismo, a physiologia, a ethnologia, a historia das Cruzadas, a jurisprudencia, a mythologia, a chimica, a antrologia, a ichtyologia, a flauta e a guitarra.

Para esse ultimo instrumento porém, o talento do academico era sponso, vendo-se por tanto na dura necessidade de por de parte a praticação.

N'um cerebro allemão, os verdadeiros pensadores, e, diga-se de passagem, os gigantes cultores scientificos, os homens cuja illustração não pode ser combatida pela justiza das ideias e firmeza das convicções, na actualidade, era possível comportar tantas materias, sempre com successo.

Em quanto ao seu « mantion », embora a do um perfeito cavalheiro,

além do dotado de uma bonita presença, affectando talvez uma franqueza impertinente, notando-se-lhe um quê de contradictorio a tudo quanto ouvisse.

Inimigo dos prazeres, sombrio até na sua vida intima, aos 29 annos, lançou ao publico a sua primeira obra « O mundo como vontade e como representação », esse esplendido livro repleto de ascetismo, onde o philosopho expandio as suas doutrinas, e, que, sendo até então um autor desconhecido, esse livro onde tinha gasto tantas noites de insomnia, deu-lhe um nome brilhante, elevando a fama do seu autor por toda a Europa que saudou com phrezezi o talentoso allemão.

Após essa publicação, indifferente a nuvem de admiración que o rodeiou, desejando de novo viajar, eil-o a caminho de Veneza onde encontrou-se com Lord Byron o celebre poeta inglez, estreitando ambos uma doce intimidade, sendo como elle igualmente eccentrico, amando como elle as aventuras amorosas, e na aquatica cidade mais de um escandalo deu-se, attribuido aos mesmos.

Confrontando-se a biographia de ambos, encontrar-se-ha, pelo menos, eu assim o penso, uma afinidade de caracteres.

Foi pois d'ahi, que, o pessimista allemão dotado de mais prespicacia, principiou a escrever os « Pensamentos e Fragmentos », assim como o seu « Ensaio sobre a mulher, e a Metaphysica do amor », igualmente accoitos com delirio.

Em vista da nomeiada que o revestia, embora, a Westminester Riview e outros jornaes batessen-lhe a doutrina pela publicação do « Fundamento da Moral », onde se declara pessimista, resolveu ir ensinar phylosophia em Berlim, onde Kant fazia successo.

Detestando talvez com sobejas razões a humanidade e a sociedade que o cercava, não escapando desse odio espontaneo nem mesmo o sexo amavel, seguia este a sciencia de Byron. « The more see of men, like theni, if could say so of wooman, all would be well. »

Celibatario por convicção, a sua vida era monotona, e tão automatica

e pintada, que, já velho, pela manhã preparava por si mesmo o seu café, em seguida, escrevia algum pensamento que as brisas matutinas lhe trouxessem, tocava um pouco de flauta, completava o vestuario e sahia.

A tarde, jantava no hotel, dormia á sôta, passeiava, lia o Times, depois alguns velhos autores, seus predilectos, ia ao theatro, cogiava, e dormia o sono bom d'aquelles que têm pura a consciencia, e que são isentos de cuidados.

Uma manhã, em 23 de Setembro de 1860, em quanto se vestia, a morte sorprendeu-o, perdendo sua patria um dos maiores sabios philosophos que a mesma tem gerado.

Deixou testamento, legando toda a sua fortuna á caixa de soccorros fundada em Berlim em favor dos soldados feridos na defeza da revolução de 1848 a 1849, de suas viúvas e de seus orphãos.

Confesso a leitora, que a primeira vez que li um livro do hoje meu autor favorito, sacudi raivosa o volume no chão, jurando a mim mesma não continuar a lê-lo, e, sabe porque ?

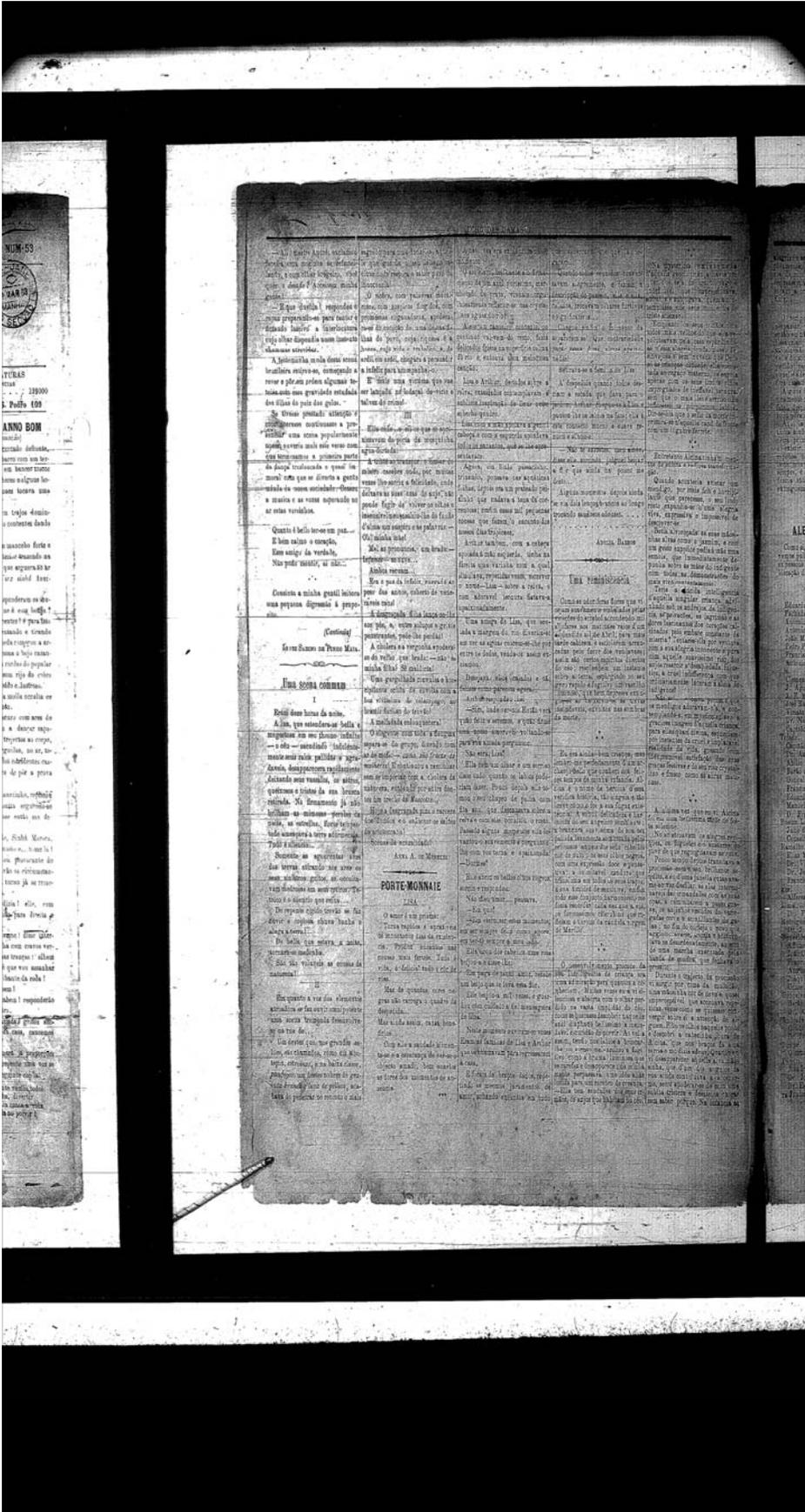
Porque á mulher elle lançava mil injurias, attribuindo-lhe a leveza do pensamento, a mentira, a fraude, o orgulho, o pedantismo, o rancor, e que sei mais ?... tantos defeitos que eu ferida no meu amor proprio, votei-lhe momentaneamente um odio profundo.

IGNÉZ SABINO PINHO MAIA
(Continua)

A mãe

Mãe! nome abençoado, terno como o suspiro das auras, doce como a felicidade, nome que se imprime na alma em caracteres indeleveis, nome que resiste á ausencia, que não se apaga na ventura, que não desapparece no augo das mais fortes commoções, proveniente da dor ou do prazer.

Mãe! palavra magica, cujo ecco repercute em todos os corações; palavra que encerra um poema de ternura, sacrificios e amor.



CORYMBO

PUBLICAÇÃO SEMANAL

REDACTORA E PROPRIETARIA -- REVOCATA H. DE MELLO

ANNO VI

RIO GRANDE DO SUL, 24 DE NOVEMBRO DE 1889

N. 11

ASSIGNATURAS

N'esta cidade -- por mez . . . 1\$000

Para fóra -- trimestre . . . 3\$000

PAGAMENTO ADEANTADO

CORYMBO

24 de Novembro de 1889.

Quando ha pouco reencetamos a publicação deste semanario, dissemos em seu primeiro numero, que, não sendo o *Corymbo* exclusivamente litterario, viria, embora pygmeu na vasta arena do jornalismo, aventar sua humilissima opinião sobre qualquer assumpto transcendente na actualidade.

Hoje porem, que o mais solenne e importante acontecimento da epocha requer o eloquente silencio das grandes sensações, ou os deslumbramentos da pena habil nas taticas da conquista, fieis aos nossos principios de que, a mulher -- seja-nos permittido dizel-o de passagem -- não deve descurar de sua instrucção, preparando-se para assumir posições sociaes, de harmonia com os deveres que lhe forem cabidos no lar, mas sim, afastar-se dos ingratos terrenos da politica, duramente positiva e egoista para a sua sensível organização moral, deixamos de parte qualquer consideração, que, interpretada por forma erronea á idéa e sentimento que a houvesse ditado, trouxesse duvidas sobre este nosso pensar.

Assim limitamo-nos apenas, a noticiar a nossos leitores, que, está fundada a Republica dos Estados Unidos do Brazil, sob o governo provisório do bravo marechal Manuel Deodoro da Fonseca, apresentando seu ministerio, vultos notaveis como Quintino Bocayuva e Ruy Barboza.

Que, o sabio, popular, bom e inolvidavel brasileiro D. Pedro de Alcantara, Imperador desthronado, deixou a patria em direcção a Europa, a 17 do corrente, acompanhado de sua illustre familia;

Finalmente, que a nossa cara provincia tem á frente de seus destinos o valente Visconde de Pelotas, cujo, já fez a sua proclamação ao povo rio-grandense, baseada em termos claros, criteriosos e persuasivos.

Cabe-nos agora seguir com vivo interesse os novos horisontes da extremecida patria, na idéa de que, a mulher não precisa arringimentar-se á politica, para comprehender e sentir a sublimidade da palavra -- Patriotismo; para bater-lhe o coração com ancia, toda a vez que o paiz natal passe por estas grandes transições a que estão sujeitas as nações e os homens.

A REDACÇÃO.

A Mulher e a Religião

AO CORYMBO

Já não é sob as abobadas pezadas dos antigos mosteiros onde o ascetismo impunha o seu prestigio, arrebanhando em seu aprisco um punhado de corações isolados pela dôr ou subjugados pela influencia religiosa, que a mulher moderna exerce os ritos do christianismo.

Já não estamos pois, sob a influencia da idade média nem muito menos sujeitos a essa obediencia passiva que atrophiava o sentimento, enfraquecendo o organismo com jejuns e penitencias, e fazendo do coração um orgão sedentário e quasi sem vida.

Os pezadêlos horribeis, os ataques hystericos produzidos pela allucinação de um affecto mal entendido, creados por

chammas desconhecidas ante a effigie de um Christo ensanguentado sedento de amor e de sacrificios, desapareceram com a abolição dos claustros. Santa Thereza de Jesus a grande poetiza, está hoje pela sciencia moderna considerada nervosa, hystérica!

Todavia, nos tempos rudes de muitos seculos que já ficaram atraz, era necessario a intervenção religiosa para moderar a devassidão, dar amor ao trabalho, incutir a reverencia pela virtude, e assentar o altar solido da civilização com a polidez e moralidade dos costumes.

De uma gruta dos Apeninos, sabio um joven conhecido mais tarde pelo nome de S. Benito, o primeiro creador das ordens religiosas, Na Irlanda, S. Patricio, o grande apóstolo, o convertêo o chamado para o gremio da igreja christã milhões de idolatras.

Não se pode, no entretanto escurecer, que sempre da igreja sahiram os primeiros homens, os primeiros talentos, as primeiras illustrações, e que a essa pleiade de apóstolos do crucificado a sociedade deve o seu bem estar e a sua civilização.

O monumento levantado pelo sangue de mil martyres basta para fortificar a crença, muito embora haja tido ella os seus adversarios, que com audacia que-rem lhe impor limites.

Presentemente vemos á oihos nus, o escandalo que tem causado a divergencia entre o rei Humberto de Italia e Leão XIII, espirito illustrado, mas que terá talvez de impôr a si mesmo uma immigração voluntaria a despeito das legendarias palavras de Jesus Christo á S. Pedro:

« Pedro, tu és Pedro, e sobre a tua pedra edificarei a minha igreja. »

Em identicas condições, já Avinhão, servio de refugio a um seo predecessor. E' mister que se ponha a margem o

sagrado para tomar assento a politica e as desidencias profanas.

Arrodando-se pois a politica do sagrado, aquella tomará o quinhão na dianteira do progresso e forçará a politica do Vaticano a um desequilibrio quasi humilhante. A vaidade, quer angariar para a sua corôa mais um diamante do alto quilato, desprezando a excomunhão Papal, e enxovalhando a púrpura do successor de S. Pedro com uma nódoa de sarcasmo.

Deixem ao pobre velho essa torção que lhe foi concedido desde que se derramou nos circoz romanos a primeira gotta do sangue dos martyres. Deixem-lhe esse pequeno feudo garantido pela vontade universal, deixem que as tradições se revistam de uma nuvem de respeito já que todas as religiões tem direito ao respeito dos seus adeptos.

Sem querer fa-mos-nos appartando do assumpto do nosso pequeno artigo, ante essa disparatada disputa entre o Papa e um rei; fallemos pois sobre a materia que tomamos a nosso cargo para desenvolver-a da melhor forma que nos fór possível.

Deixemos que á elles, os homens, seja dado aprofundar e esmiuçar o joguete das ambições politicas, assumpto arido e arduo de mais para a penna obscura de uma obscura mulher!

11

A religião tende a arrefecer aqui no Brazil; o influxo religioso está quasi exausto com a idéa da liberdade da crença. A emancipação do pensamento desconhece e desdenha o culto externo com certa impertinencia que torna-se do pessimo effeito especialmente para quem não dispoe de tal ou qual cultivo intellectual.

A mulher, não tem sido indifferente a esse movimento; e em vez de se lançar no escolho de um Scisma, ella caminha incolume, illuminada pelo facho do coração e pelos principios recebidos no berço.

Erguida do abatimento moral em que se achava antes da vinda do Messias, esse Christo Deus e homem, esse grande restaurador da humanidade, o oximio orador que captivava sob o poder da palavra as turbas boqui-abertas, ella, grata, jamais deverá renegar as doutrinas do Divino Mestre!

Felizmente já comprehende que na so-

ciiedade pode igualmente exercer os mysterios sagrados, de harmonia com os profanos.

Já se não inutiliza nem morre sob as grades sombrias dos conventos.

Esposa e mãe, ella ampara os primeiros passos do seu filho e o leva a regonar nas aguas santas do baptismo. Naturalmente bondosa, tem o coração propenso aos conchegos da Caridade. Muitas associações aproveitaveis cooptam em seu seio as senhoras mais altamente collocadas, que ali, obscuras trabalham com receio de serem presentidas, sendo ferido pela vaidade seu amor pelo proximo que sofre e que geme sem ter mais consolo senão as esmolas distribuidas por mãos humildes.

E verdade que ha quem as crimine, quem... sobre essas emissoras do bem, lance os epithetos os mais abjectos, o que não ha de impatar, estamos certos, a grande obra do aperfeiçoamento moral, que, continuará enquanto houverem corações bem formados que no repasta das obras de caridade e religião, sem affectar vangloria, tenham sempre uma baga de compaixão pelo orphão, pela viuva, e pelo inválido!

111

Taxa-se quasi sempre com o titulo de *carolas* ás senhoras que frequentam os templos e que no confessorario e na communhão vão buscar consolo ás almas atribuladas, mas alimentadas pela Fé.

A mulher precisa ser religiosa, precisa mostrar que não desdenha o Rito de sua igreja, e que faz profissão do credo social que tem como Religião de Estado, a Catholica Apostolica Romana.

Blasonar de culto, das ceremonias, é blasonar de si mesmo — é repellir a doutrina em que foi criada, é chamar sobre si o ridiculo, é marejar a santa lembrança da mãe querida que lhe apontou a igreja como caminho de moral, ensinando-lhe á orar e lançar os olhos ao ceu "nas grandes afflicções da vida como caminho de salvação segura!

Em todas as seitas, a mulher não se envergonha de ser religiosa, e, tanto a Budhista, como a Mahometana, como a Protestante e a Evangelica, compenetrando-se do *deber*, frequentam as igrejas, e nesse credo formam o coração dos filhos.

119

Porém... si se achar que a religião de nada serve, para nada val, e si se julgar que a Caridade seja igualmente um salvo conducto para os plains do céu, si nessa religião dictada pela razão se encontrar um balsamo para essas chagas que saagram mas que se não veem, então faça-se do *deber* um altar illuminado pela compaixão, e juncto ao leito do moribundo, ante a effigie dolorosa de pedinte, nessa salinha intima onde sob o tecto honrado se condensam as dôres e as alegrias, onde se respeitam as cans do velho progenitor, ou a fronte amada do esposo, erga-se a esmoia como a estrella brilhante que da abobada celeste illumina o grande peristyllo do aperfeiçoamento moral da sociedade.

IGNEZ SABINO PINHO MAIA.

Rio de Janeiro—89.

AIDA

Aida, quando os olhos teus
Plenos de vida e belleza,
Fitas nos meus, fico preza
De uma cruel commoção,
Pensando no teu futuro
Qu'inda vem longe, distante,
Suspira meu peito amante
Lembrando meu pobre irmão.

Tu eras o seu thesouro,
O seu amor mais ardente,
A um teu sorriso innocente
Su'alma se abra em flôr;
E sonhava ver-te um dia
Roza entre as rozas mais bellas,
Flôr entre as flôres singelas,
Lyrio gentil do Senhor.

Mas a morte, a morte algente
Veio a sorrir traçoeira,
Cortar a vida á rozeira
Que começava a florir;
E tu ficaste orphãsiuha
Tão mimoza e tão pequena,
Oh encantada phafena,
Que apenas sabes sorrir!

Por isso agora fitando
O rosto teu adorado,
Meu coração desolado,
Fica a pensar no porvir ...

CORYMBO

PUBLICAÇÃO SEMANAL

REDACTORA E PROPRIETARIA -- REVOCATA H. DE MELLO

ANNO VI

RIO GRANDE DO SUL, 19 DE JANEIRO DE 1890

N. 19

Assinaturas:

N'esta cidade — por mez . . . 1\$000

Para fóra — trimestre . . . 3\$000

PAGAMENTO ADEANTADO

O DIA DE NATAL

(REMINISCENCIAS)

Sob o tecto rustico das choupanas ou sob a abobada dourada dos palacios, as crianças, os eternos representantes de Jesus pequenino, cá na terra, como elle louvas, mimosas, roçados e saíões, beincam no lar commum do regozijo n'esse dia em que desde o pequenino que engatinha até o mais crescido que já comprehende, tem o seu presente apropriado dado pela mãe carinhosa, a fada santa do lar, que depõe entre as mãosinhas uma surpresa na comprehensão do sentimento que vai tambem no coração dos pequeninos ao verem um brinquedo bonito ou uma gozozeima qualquer, dando em paga um beijo innocente.

Eu, tambem como vós, oh crianças, oh anjos bons que perfumaes o lar de vossos paes, tive o meo natal, o meu mimo de festas, a minha caixinha de confeitos, e isto ao som dos beijos de uma mãe casta e piedosa.

Como vós, tive as santas alegrias da familia, rodejada dos irmãosinhos traquinas, da bonção do velho avô e de toda essa serie de alegrias que gozaes agora, e que mais tarde, sob o sudario das dores do destino, serão lembradas com inveja, vindo a saudade a doce emissaria do conforto, derramar uma baga, em gratidão ao passado que mais não volta!

Sim! crianças! O dia de hoje, vos pertence; Aproveitai-o!

Lembro-me bem!
Fazia um frio horrível, e foi ha muito tempo já.

Lá, na Europa, eu muito doente, muito anemica, pequena, e muito travessa, adormeci uma noite de Natal envolvida em grossos cobertoras, porém feliz, satisfeita, nessa idade em que sente-se mas que se não pensa, senão na doce impressão de um premio havido pelo adeantamento, ou então pela generosidade paterna que envia-nos mais algumas patacas para os doces proprios da época.

Pela manhã, ao abrir os olhos, com surpresa vi que, tinha entre as mãos uma cestinha de amendoas, e ao lado, deitada sobre o meu traveseiro, uma boneca grande, bonita e bem vestida.

Incontinentemente, larguei a cesta e peguei na boneca, beijei-a, abracei-a, e puz-me a mirar os sapatinhos de sola, as meias que se podião tirar, as saias de rendas finas, os cabellos naturaes, atados por uma fita azul, mas tão sedozos e bonitos que fazião-me ficar boqui-aberta. Immediatamente lembrei-me que podia penteal-os sem grande custo; e assim, elevada, a passar a mão pela boneca, a puxar a cabecinha dos brincoes, e a moxer umas rendas que tinha no corpete, não sei como, toquei n'uma molla.

A minha companheira pronunciou as seguintes palavras: — Papá, Maman! Assustada larguei a boneca e saltei da cama. A tremor, convulsa, não podia afastar-me d'alli, porém, ouvi a campá, ora necessario vestir-me.

Estava em feijas, mas tornava-se preciso seguir o regimen escolar.

Depois do almoço com os meus dous presentes fui saudar a directora, uma ingleza magra, espigada e muito grave.

Após os bons dias, e uma — « *Mery Christmas* » dirigido a mim com um sorriso quazi gracioso, eu perguntei-lhe quem me havia mandado aquelles dous presentes.

— Um, fui eu, Miss Agnes, e outro, veio do Brazil; quem o mandou foi sua mãe.

Ella entregou-me uma carta que li avidamente, beijando depois a boa senhora e agradecendo.

— Aqui faço as vezes de mãe que lhe falta, *darlinge* por tanto fiz-lhe esta surpresa hoje.

Beijei-a de novo, e ella crendo ser-me agradavel, prometteo-me que ao jantar *alun de guita* ouza *hã* *regio* *mas* *um plum puding*.

Sem lembrar-me que estava em face a directora fiz uma careta de repugancia ao celebre bollo misturado com cêbo de rim de carneiro, — e, si tive, como mandava a boa educação de tragar o detestavel pudim, com tudo, era toda sorrisos, por ver que minha mãe de tão longe enviara-me o seu presente, mostrando que não esquecia o dia que pertencia; o de Natal, finalmente.

Inez Sabino Pinho Maia.

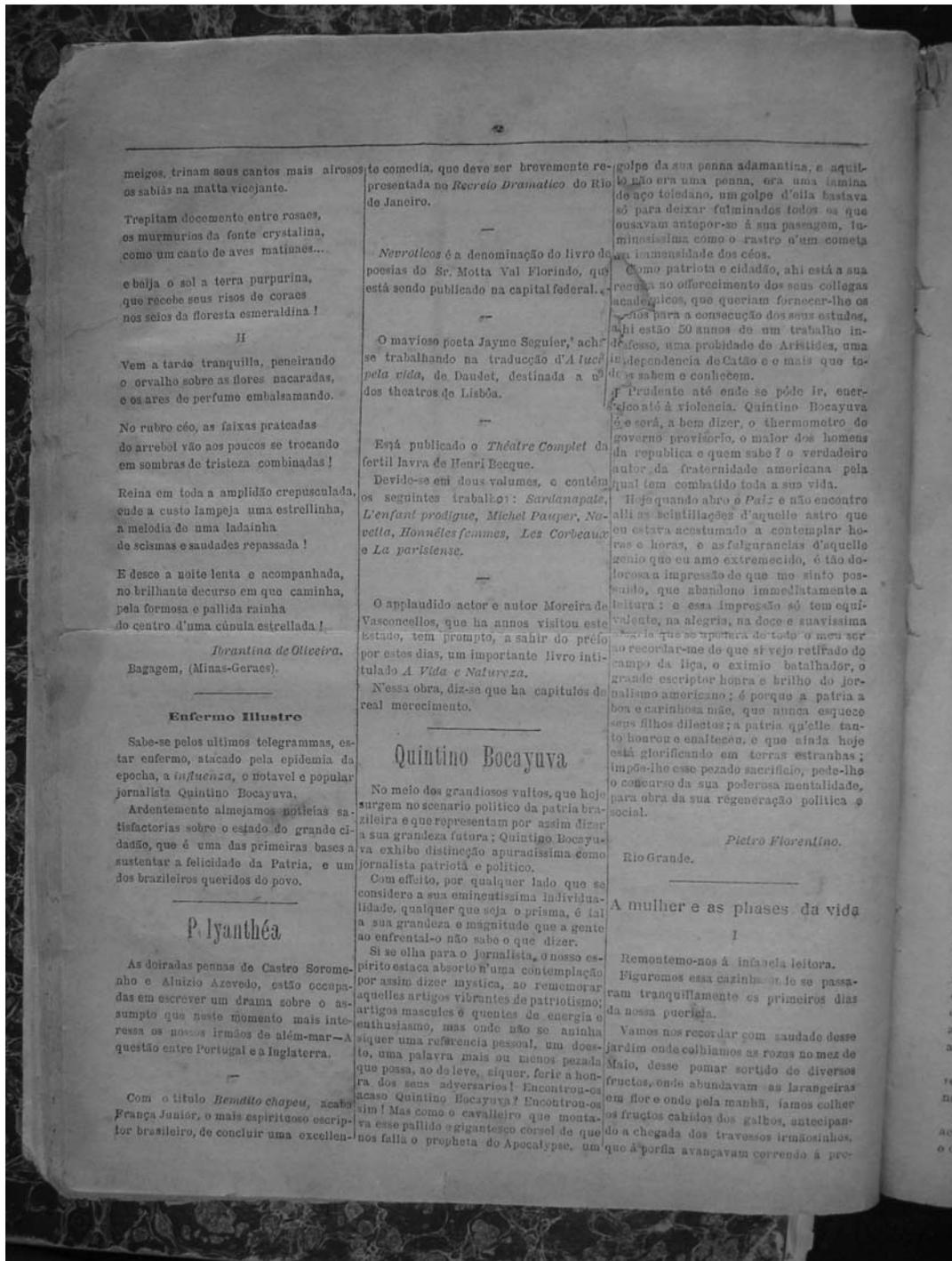
Rio de Janeiro.

BARCAROLA

(Imitação de Th. Gauthier)

Aonde ó rei dos cantores
Queres commigo aportar?
E' prompta a barca, os amores
Vão feiteiros remar.

Os remos são de saphyras.
Na bandeira ha duas lyras
Enlaçadas de flores.
Vao ao lome Apollo ardente.



meigos, trinam seus cantos mais airosos, e os sabiões na mata vicejante.

Trepitam docemente entre rosas, os murmúrios da fonte crystalina, como um canto de aves matinaes...

e balja o sol a terra purpurina, que recebe seus risos de coraças nos seios da floresta esmeraldina!

II

Vem a tarde tranquilla, peneirando o orvalho sobre as flores macaradas, e os ares de perfume embalsamando.

No rubro céu, as faixas prateadas do arrebol vão nos poucos se trocando em sombras de tristeza combinadas!

Reina em toda a amplitude crepusculada, onde a custo lampeja uma estrellinha, a melodia de uma ladainha de scismas e saudades repassada!

E desce a noite lenta e acompanhada, no brilhante decurso em que caminha, pela formosa e pallida rainha do centro d'uma cúpula estrellada!

Ivorantina de Oliveira.
Bagagem, (Minas-Geraes).

Enfermo Ilustre

Sabe-se pelos ultimos telegrammas, estar enfermo, atacado pela epidemia da epocha, a *influenza*, o notavel e popular jornalista Quintino Bocayuva.

Ardentemente almejamos noticias satisfactorias sobre o estado do grande cidadão, que é uma das primeiras bases a sustentar a felicidade da Patria, e um dos brasileiros queridos do povo.

P. Iyanthéa

As doiradas pennas de Castro Soromenho e Aluizio Azevedo, estão occupadas em escrever um drama sobre o assumpto que neste momento mais interessa os nossos irmãos de além-mar — a questão entre Portugal e a Inglaterra.

Com o titulo *Bemdito chapéu*, acaba França Junior, o mais espirituoso escriptor brasileiro, de concluir uma excellen-

te comedia, que deve ser brevemente representada no *Recrêto Dramatico* do Rio de Janeiro.

Neuroticos é a denominação do livro de poesias do Sr. Motta Val Florindo, que está sendo publicado na capital federal.

O mayoso poeta Jaymo Seguir, achase trabalhando na traducção d'*A tua vida*, de Daudet, destinada a um dos theatros de Lisboa.

Está publicado o *Théâtre Complet* da fertíl lavra de Henri Beque.

Devido-se em dous volumes, o contem os seguintes trabalhos: *Sarlanapale, L'enfant prodigue, Michel Paupe, Novella, Honnêtes femmes, Les Corbeaux e La parisienne*.

O applaudido actor e autor Moreira de Vasconcellos, que ha annos visitou este estado, tem prompto, a sahir do prelo por estes dias, um importante livro intitulado *A Vida e Natureza*.

N'essa obra, diz-se que ha capitulos de real merecimento.

Quintino Bocayuva

No meio dos grandiosos vultos, que hoje surgem no scenario politico da patria brasileira e que representam por assim dizer a sua grandeza futura; Quintino Bocayuva exhibe distincção apuradissima como jornalista patriota e politico.

Com effeito, por qualquer lado que se considere a sua eminentissima individualidade, qualquer que seja o prisma, é tal a sua grandeza e magnitudé que a gente ao enfrental-o não sabe o que dizer.

Si se olha para o jornalista, o nosso espirito estaca absorto n'uma contemplação por assim dizer mystica, ao rememorar aquelles artigos vibrantes de patriotismo; artigos masculinos e quentes de energia e enthusiasmo, mas onde não se antinha sequer uma referencia pessoal, um desoto, uma palavra mais ou menos pezada que possa, ao de leve, sequer ferir a honra dos seus adversarios! Encontrou-os sim! Mas como o cavalleiro que montava esse pallido e giganteo corcel de que nos falla o propheta do Apocalypse, um

golpe da sua penna adamantina, e aquillo não era uma penna, era uma lamina de aço toledano, um golpe d'ella bastava só para deixar fulminados todos os que ousavam antepor-se á sua passagem, luminosissima como o rastro d'um cometa na immensidade dos céos.

Como patriota e cidadão, ahí está a sua recusa no offerecimento dos seus collegas academicos, que queriam fornecer-lhe os meios para a consecução dos seus estudos. Ahí estão 50 annos de um trabalho infatigavel, uma probedade de Aristides, uma independencia de Catão e o mais que todos sabem e conhecem.

Prudente até onde se pôde ir, energico até á violencia. Quintino Bocayuva é e será, a bem dizer, o termometro do governo provisório, o maior dos homens da republica e quem sabe? o verdadeiro autor da fraternidade americana pela qual tem combatido toda a sua vida.

Hoje quando abro a *Paz* e não encontro ali as bellilliações d'aquelle astro que em estara acostumado a contemplar horas e horas, e as fulgurancias d'aquelle genio que eu amo extremecido, é tão dolorosa a impressáo de que me sinto possuido, que abandono immellitadamente a leitura; e essa impressáo só tem equivalente, na alegria, na doce e suavissima memoria que se apotara do todo o meu ser ao recordar-me de que si vejo retifado do campo da liza, o eximio batalhador, o grande escriptor honra e brilho do jornalismo americano; é porque a patria a boa e carinhosa mãe, que nunca esquece seus filhos dilectos; a patria q''elle tanto honrou e enalteceu, e que ainda hoje está glorificando em terras estranhas; impõe-lhe esse pezado sacrificio, pede-lhe o concurso da sua poderosa mentalidade, para obra da sua regeneração politica e social.

Pietro Florentino.

Rio Grande.

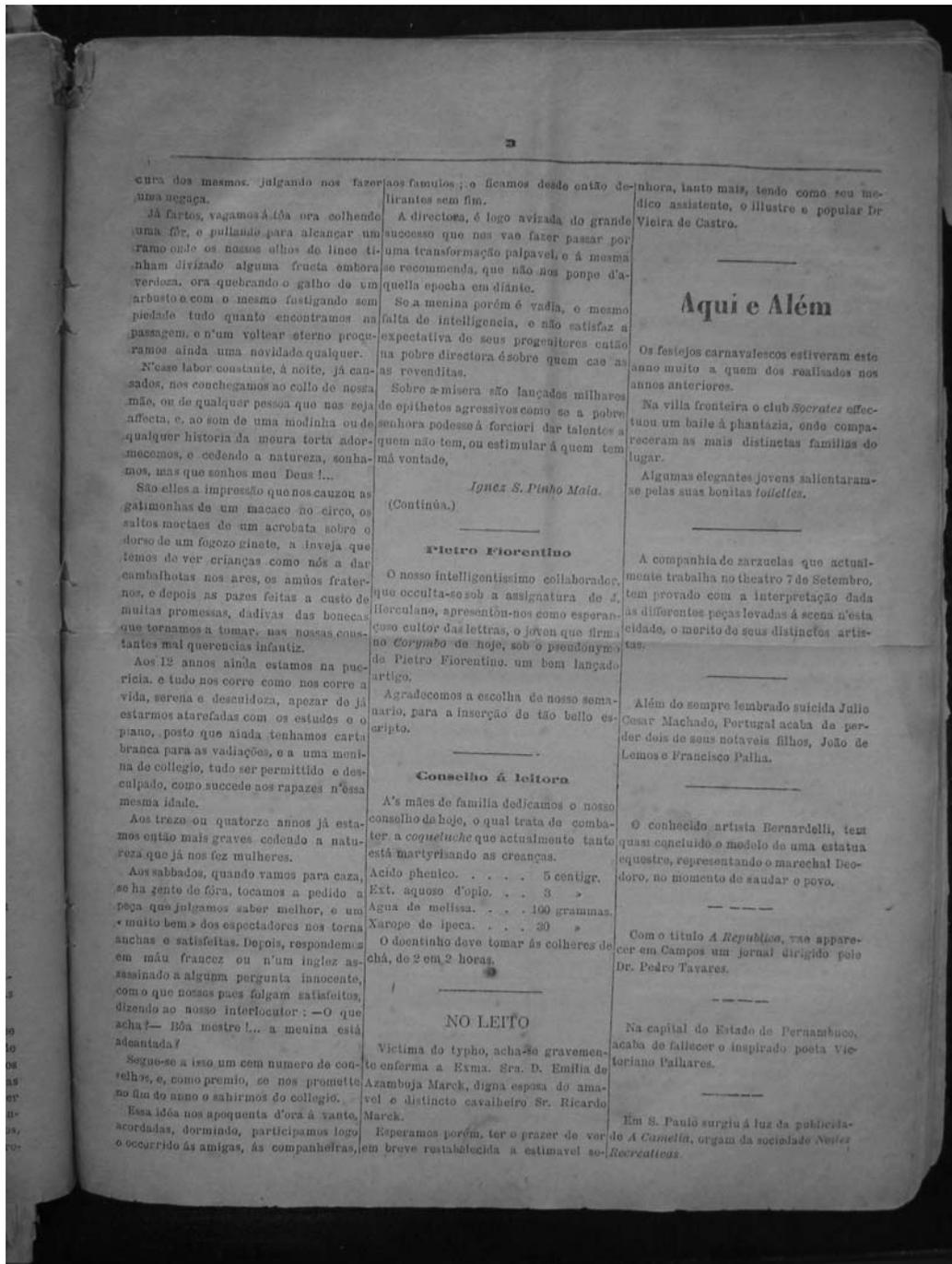
A mulher e as phases da vida

I

Remontemo-nos á infançela leitora.

Figuremos essa casinha, onde se passaram tranquillamente os primeiros dias da nossa puerigia.

Vamos nos recordar com saudade desse jardim onde colhiamos as rozas no mez de Maio, desse pomar sortido de diversos fructos, onde abundavam as laranjeiras em flor e onde pela manhã, íamos colher os fructos cahidos dos galhos, antecipando a chegada dos travessos irmosinhos, que á porta avançavam correndo á pre-



cura dos mesmos. Julgando nos fazer
uma negação.

Já fartos, vagamos á tã ora colhendo
uma flor, e pullando para alcançar um
ramo onde os nossos olhos de linee ti-
nham divizado alguma fructa embora
veridica, ora quebando o galho de um
arbusto e com o mesmo fugitando sem
piedade tudo quanto encontramos na
passagem, e n'um voltear eterno progri-
ramos ainda uma novidade qualquer.

N'esse labor constante, á noite, já can-
sados, nos couchegamos ao collo de nossa
mãe, ou de qualquer pessoa que nos seja
affecta, e ao som de uma modinha ou de
qualquer historia da meira torta ador-
mecemos, e cedendo a natureza, sonha-
mos, mas que sonhos meu Deus !...

São elles a impressão que nos causou as
gatilhonhas de um macaco no circo, os
saltos noctaes de um acrobata sobre o
dorso de um fogozo ginate, a inveja que
tomo de ver erianças como nós a dar
cambalhotas nos ares, os amdos frater-
noz, e depois as pazes feitas a custo de
muitas promessas, dadiyas das bonecas
que tornamos a tomar, nas nossas cons-
tantes mal quereencias infantiz.

Aos 12 annos ainda estamos na puer-
ricia, e tudo nos corre como nos corre a
vida, serena e descuidada, apesar de já
estarmos atarefadas com os estudos e o
piano, posto que ainda tenhamos carta
branca para as vadiagões, e a uma meni-
na do collegio, tudo ser permittido e des-
culpado, como succede nos rapazes n'essa
mesma idade.

Aos treze ou quatorze annos já esta-
mos ontão mais graves cedendo a natu-
reza que já nos fez mulheres.

Aos sabbados, quando vamos para caza,
se ha gente de fóra, tocamos a pedido a
peça que julgamos saber melhor, e um
« muito bem » dos espectadores nos torna
anchas e satisfeitas. Depois, respondemos
em má francez ou n'um inglez as-
sassinado a alguma pergunta innocente,
como que nossas pazes folgam satisfeitas,
dizendo ao nosso interlocutor : — O que
acha? — Boa mestre !... a menina está
adeantada?

Segue-se a isso um cem numero de con-
selhos, e, como premio, se nos promette
no fim do anno e sabirmos do collegio.

Essa idéa nos apoquentá d'ora á vante,
acordadas, dormindo, participamos logo
o occorrido ás amigas, ás companheiras,

aos fassuios; e ficamos desde então de-
lirantes sem fim.

A directora, é logo avisada do grande
sucesso que nos vao fazer passar por
uma transformação palpavel, e á mesma
se recommenda, que não nos ponhe d'a-
quella epocha em diante.

So a menina porém é vadia, e mesmo
falta de intelligencia, e não satisfaz a
expectativa de seus progenitores cutão
na pobre directora é sobre quem cae as
as revenditas.

Sobre a misera são lançadas milhaves
de epithetos aggressivos como se a pobre
senhora possesá forcioti dar talentos a
quem não tem, ou estimular á quem tem
mã vontade,

Ignéz S. Pinho Maia.

(Continúa.)

Pietro Fiorentino

O nosso intelligentissimo collaborador,
que occultá-se sob a assignatura de J.
Herculano, apresentón-nos como esperan-
çoso cultor das lettras, o joven que firma
no *Corymbo* de hoje, sob o pseudonymo
de Pietro Fiorentino, um bem lançado
artigo.

Agradecemos a escolha de nosso sema-
nario, para a inserção de tão bello es-
cripto.

Conselho á leitora

A's mãs de familia dedicamos o nosso
conselho da hoje, o qual trata de comba-
ter a *coqueluche* que actualmente tanto
está martyrisando as creangas.

- Acido phenico. 5 centigr.
- Ext. aquoso d'opio. 3 »
- Agua de melissa. 100 grammas.
- Xarope de ipeca. 30 »

O doentinho deve tomar ás colheres de
chá, de 2 em 2 horas.

NO LEITO

Victima do typho, acha-se gravemen-
te enferma a Exma. Sra. D. Emilia de
Azamboja Marck, digna esposa do ama-
vel e distincto cavalheiro Sr. Ricardo
Marck.

Esperamos porém, ter o prazer de ver
em breve restabelecida a estimavel se-

nhora, tanto mais, tendo como seu me-
dico assistente, o illustre e popular Dr
Vieira de Castro.

Aqui e Além

Os festejos carnavalescos estiveram este
anno muito a quem dos realizados nos
annos anteriores.

Na villa fronteira o club *Socrates* effec-
tuou um baile á phantazia, onde compa-
receram as mais distinctas familias do
lugar.

Algumas elegantes jovens salientaram-
se pelas suas bonitas *toilettes*.

A companhia de zarzuelas que actual-
mente trabalha no theatro 7 de Setembro,
tem provado com a interpretação dada
as diferentes peças levadas á scena n'esta
cidade, o merito de seus distinctos artis-
tas.

Além do sempre lembrado suicida Julio
Cesar Machado, Portugal acaba de per-
der dois de seus notaveis filhos, João de
Lemos e Francisco Palha.

O conhecido artista Bernardelli, tem
quasi concluido o modelo de uma estatua
equestre, representando o marechal Deo-
doro, no momento de saudar o povo.

Com o titulo *A Republica*, vao appare-
cer em Campos um jornal dirigido pelo
Dr. Pedro Tavares.

Na capital do Estado de Pernambuco,
acaba de fallecer o inspirado poeta Vic-
toriano Pallares.

Em S. Paulo surgiu á luz da publica-
ção *A Camélia*, organ da sociedade *Nestes
Recreatias*.



CORYMBO

PUBLICAÇÃO SEMANAL

REDACTORA E PROPRIETARIA — REVOCATA H. DE MELLO

ANNO VI

RIO GRANDE DO SUL, 2º DE MARÇO DE 1890

N. 25

Assinaturas :

N'esta cidade — por mez . . . 1\$000

Para fóra — trimestre . . . 3\$000
PAGAMENTO ADEANTADO

A MULHER E AS PHASES DA VIDA

(Continuação)

Estabelecidas de vez no nosso domicilio domestico, sonhamos mil chimeras, abandonamos os livros para sempre, atiramos com desdem o lapis e o crayon do desenho em qualquer canto, e eis-nos de agulha de crochê na mão desde que findamos a refeição matinal, até à tardinha, quasi sempre de pé, e á janela.

Quando estamos de bom humor abre-se o piano ás instancias da mamãe, e nisto cifra-se a elegancia do sexo feminino aqui da terra (*).

O papá vê-se doudo com os convites continuos, multiplos, e a mamãe, essa, só por si prepara tudo em casa, coze á morrer, e com uma paciencia sem limites atura as nossas importunações, emulas da futura vaidade. Escolhemos por nossa conta o figurino, já queremos esta ou aquella fazenda, mais tantos metros de fita, um ramo para o vestido, uma agrette para o cabelo, luvas, sapatinhos, meias cor de carne, jóias, e depois de cansar os criados da casa e os caixeiros das lojas, dessas compras, desses gastos, desses nadas que requirem *toilettes* femininas, ainda nos lembramos do leque, que para fazer face ao mais, é preciso ser novo...

II

Penetramos agora n'um sala onde vão ter lugar uma reunião.

(*) Este trabalho foi escripto no Norte, referimo-nos pois á vida nas provincias.

Abundam as flores, os espelhos, os cortinados, e a arrumação de uma sala nessas condições, é sempre a mesma, pela disposição das cadeiras inclinadas á roda das paredes.— A um canto, ou em frente ao sophá, está o piano com lanternas accezas. Os cavalheiros, perfumados, com uma flôr qualquer na *botonière* do fraque; as meninas solteiras ensaiando sorrisos, e dizem á amiga que está ao lado um gracojo por sob o leque.

Principiam logo as quadrilhas, as moças espirituosas ou que pretendem sê-o, respondem aos cumprimentos adrede preparados mas que no geral são frivolos, rasteiros, sem *verve*, e... até incivis para uma senhora instruida, misturados com umas phrases no mesmo theór, mas... n'uma *saída* é toda permitida. *Chorá* e *soando* de maripozas que doudas voltejam em roda das salas sem terem tido ainda o dia de hontem, e sem cuidarem sequer no dia de amanhã ! !..

Nós, que sahimos do collegio, e que queremos ser da moda, tratamos logo de imitar as mais travessas, as de mais nomeiada, e, d'ahi, é que provem as levandades, as loucuras, os fuctuos luctos do pensar leve, com a razão grave, as reprimendas paternas, e as guerrilhas domesticas.

Tomamos logo uma amiga, que torna-se uma individualidade da qual não nos podemos separar mais. D'ahi, nos vem o mal, se não fôr a mesma, uma criatura cordata. De uma má amiga, de uma má conselheira, provem muitas vezes o nosso mal no futuro, porem leitora, a mocidade exige uma certa leveza nas acções, e nós nos perdoamos a nós mesmas as levandades praticadas nessa primeira epocha da nossa vida.

IGNEZ S. PINHO MATA.

(Continua)

A UM NAVIO

A'.....

Abre, batel, as velas á procella
E deixa-te levar pelos tuffes
Como um sonho de amor, que váe á vella;
Pelo ramo fatal das illusões...

Assim como quem váe, na mocidade,
Agitado, correndo ao Sol da vida...
E sente espadanar-se, a cada idade,
— Uma vaga de amor adormecida !..

Váe pois !.. Deixa que estalem teus risalmes
Aos soluços d'ess'agua em que te espalmas
Quando o tuffo te váe pelos velames
Como um cahos de paixões por nossas
(almas !..)

Váe ! Deixa-te arrastar por esses mares
Aproado e sinistro para a morte !
Como o crime que foga entre os esgares
Ou tormenta moral que não tom morte !..

Voa ! Rasga mais inda a vella ao vento
Como eu rasgo este seio ao meu amor !
E deixa-te levar, como um lamento
Que eu soluçasse cheio n'este ardor...

Mas lá !.. Si lá mui longe uma saudade
Entristar-te á maruja nas procellas,
— Então batel, detem-te ; a tempestade
Poderia vencer-te : — Amaina as velas !
Serra do Herval, 1890.

AUGUSTO DE SÁ.

Dr. Demetrio Ribeiro

De passagem para a capital deste Estado, esteve entre nós, tendo chegado a 24 do mez p. p. o illustre rio-grandense Dr. Demetrio Ribeiro.

O glorioso democrata recebeu de seus concidadãos, innumeradas provas de apreço, sympathia e reconhecimento que lhes merece, quem em tão curto espaço de tempo tanto pugnou pelos interesses de Estado rio-grandense.



CORYMBO

PUBLICAÇÃO SEMANAL

REDACTORA E PROPRIETARIA — REVOCATA H. DE MELLO

ANNO VI

RIO GRANDE DO SUL, 16 DE MARÇO DE 1890

N. 27

Assinaturas:

N'esta cidade — por mez . . . 1\$000
Para fóra — trimestre . . . 3\$000
PAGAMENTO ADEANTADO

A MULHER E AS PHASES DA VIDA (Continuação)

Ha ainda uma outra phase cruel para a mulher, é a viuva sem recursos, carregada de filhos, que trabalha a morrer para obter os meios de subsistencia, e, que em troca de uma esmola que pede, recebe a irrisão alheia!

N'essas conjecturas, quasi sempre, a infeliz, ou succumbe ao peso das precissões, ou deixa-se caber da seu theatro de xitudo.

Sobre a misera, chovem inconscientes mil recriminações justas, é verdade, porém para estas, haja a commiserção, e não se a olhe com desprezo, mas sim, com dó.

Vamos ao theatro, leitora; — os ricos, podem sem sacrificio assignar um camarote para a estação lyrica ou dramatica. Os menos favorecidos porém, levam-se de mente a familia de quando em vez. A mulher que é razoavel, satisfaz-se com o que o marido lhe pôde dar, porém outras, em desespero, ou vivem desconsoladas por que não podem ostentar como as privilegiadas da fortuna, ou então, obrigam o misero a, se é fraco, individuar-se sem se lembrar do escarneo que incorre com o seu máu pensar.

Feliz, pois, quem se conforma com a sua sorte! Que alegria não inunda a alma d'aquelles que tem na frente o stygma da virtude...

N'um camarote fronteiro vemos uma verdadeira antitheze.

Uma mulher que está só, ostentando uma toilette custosa, e joias de subido valor, com olhar impudico, sorriso escarnevavel, em posição desenhosa, modos provocantes, e afastando de si os olhares honestos. Um bom observador notará um que de sarcasmo em todos os seus adomanos, aliaz estudados.

Vede-a! Ninguém a comprimenta, ninguém a visita, ninguém a beija, está sempre só, se passeia, é sempre só, ninguém a conhece!

As perversas da sociedade funesta. Os seus amigos, notemos, ahí, coram de conhecel-a, de enviar-lhe até um olhar amistoso, ahí; e ella, arrastando a longa cauda de seu vestido de luxo, abana-se frouxamente, tendo calmo o semblante, porém enfermo o coração!

Já a deveis ter conhecido, leitora, essa mulher, pertence ao mundo equivooco, e a sua posição precaria, como é precaria a sua mocidade, a affasta de tudo quanto seja puro, sadio e bom!

Essa, vive morrendo a cada passo — A moral fecha-lhe as portas da sociedade, e mais tarde, com pequenas, raras excepções mesmo, o leito de um hospital, é o paço commum que se dá a qualquer, e o unico bem que ainda se lhe dispensa, oriundo da caridade publica!

Inda muito me estenderia, sobre o assumpto, porém creio que as phazes que apresentei são as principaes da vida feminina.

A mulher, é sempre mulher, e o coração da mesma, é a unica recommendação do sexo. — Se bem que, nem todos dispõem infelizmente de uma bda indole, com tudo, no geral, a mulher é bda, terna, compassiva, amavel, e com o peito sempre aberto para as grandezas do cofre da caridade.

IGNEZ S. PINHO MAIA.
(Continúa).

Procurar instruir os homens, e deixar na ignorancia as mulheres, é um erro e um crime.

A. E. Zatur.

A Litteratura Brasileira

Na galeria patria, entre aquelles que se esforçaram por imprimir á nossa litteratura um caracter visivelmente grande, encontram-se alguns vultos, que infelizmente, desapareceram nas brumas de

prematura morte, e com elles as concepções divinamente bellas de seus cerebros.

E' de lastimar esta fatalidade que parece resolvida a esmagar todas as inspirações brasileiras, roubando á civilização o concurso de nossos talentos.

O Brazil é novo, poderão dizer aquelles que julgam extemporaneas as palavras dos que combatem pelo engrandecimento litterario d'esta patria; mas não se lembrem que a litteratura de um povo é o reflexo do seu maior ou menor progresso, e que, quando as artes, n'um paiz qualquer, tem attingido á um nivel igual aos dos genios que as crearam e alimentaram, com o sangue de sua organização especial, é que tal povo é rico e cuida de suas necessidades moraes.

A questão não é só de tratar de nossos interesses materiaes; ha tambem o nosso adiantamento moral e intellectual; e a litteratura exige, de todos esses que tem sentimento esthetico, um pouco de trabalho e esforço.

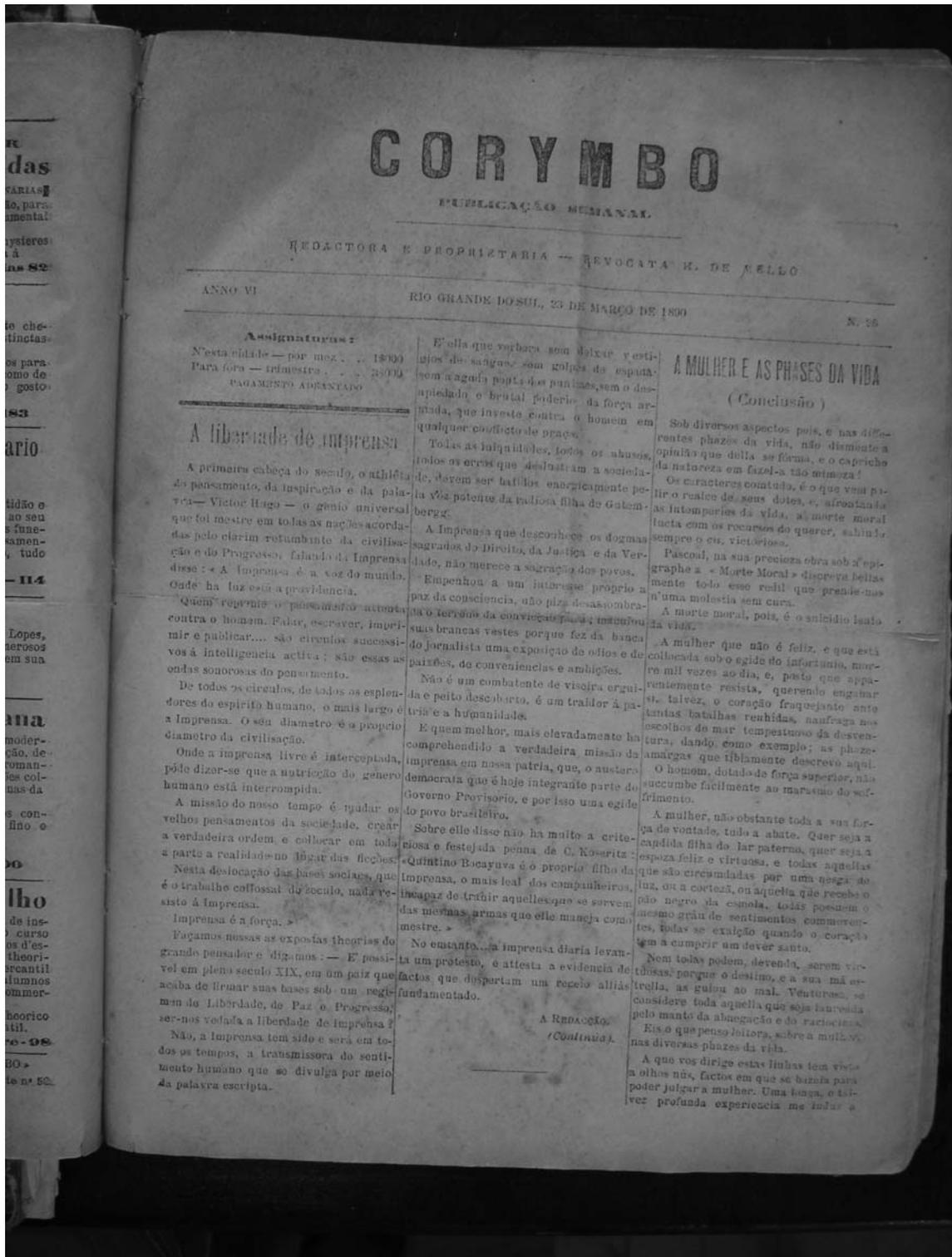
E qual é o quadro, o prisma sob que apparece o nosso gosto litterario?

Nullo, completamente nullo, é esse pretendido gosto litterario.

Falta-nos o sentimento artistico; e, o que é mais, o nosso meio nada tem de estimulante, rasão essa a que devemos attribuir a degeneração do gosto entre nós.

Nada importa termos conseguido a unidade politica; cumpre-nos trabalhar na obra de nosso desenvolvimento litterario e artistico; porque, como já disse um illustre critico brasileiro, a questão não é só de produzir batatas; mas sim de abrir novos horizontes a esta litteratura, que desfallece de languidez.

Temos uma patria rica e elementos de sobra, o que, porém, nos falta é a iniciativa que conduz aos grandes committimentos; é a coragem, accentuadamente energica, para affrontar novas concepções.



CORYMBO

PUBLICAÇÃO SEMANAL

REDACTORA E PROPRIETARIA -- REVOCATA M. DE MELLO

ANNO VI

RIO GRANDE DO SUL, 23 DE MARÇO DE 1890

N. 26

Assignaturas:

Nesta cidade — por mez . . . 1\$000
Para fora — trimestra . . . 3\$000
PAGAMENTO ADIANTE

A liberdade de imprensa

A primeira cabeça do século, o athleta do pensamento, da inspiração e da palavra — Victor Hugo — o genio universal que foi mestre em todas as nações acordadas pelo clarim retumbante da civilização e do Progresso, falando da Imprensa disse: « A Imprensa é a voz do mundo, onde ha luz está a providencia.

Quem reprime o pensamento atenta contra o homem. Falar, escrever, imprimir e publicar... são circulos successivos á intelligencia activa; são essas ondas sonoras do pensamento.

De todos os circulos, de todos os esplendores do espirito humano, o mais largo é a Imprensa. O seu diametro é o proprio diametro da civilização.

Onde a imprensa livre é interceptada, pôde dizer-se que a nutricao do genero humano está interrompida.

A missão do nosso tempo é mudar os velhos pensamentos da sociedade, crear a verdadeira ordem e collocar em toda a parte a realidade no lugar das ficções.

Nesta deslocação das bases sociais, que é o trabalho colossal do século, nada resista á Imprensa.

Imprensa é a força.

Façamos nossas as expostas theorias do grande pensador e dignos: — É possível em pleno século XIX, em um paiz que acaba de firmar suas bases sob um regimen de Liberdade, de Paz e Progresso, ser-nos volada a liberdade de Imprensa?

Não, a Imprensa tem sido e será em todos os tempos, a transmissora do sentimento humano que se divulga por meio da palavra escripta.

Ella que verbera sem deixar vestigios de sangue, sem golpes de espada, sem a agudo ponto dos punhes, sem o despiadado e brutal poderio da força armada, que investe contra o homem em qualquer conflicto de espaço.

Todas as iniquidades, todos os abusos, todos os crimes que deslustram a sociedade, devem ser batidos energeticamente pela voz potente da radiosa filha de Gutenberg.

A Imprensa que desconhece os dogmas sagrados do Direito, da Justiça e da Verdade, não merece a sagrão dos povos.

Empenhou a um interesse proprio a paz da consciencia, não piza desasombros e terrenos da convicção; manteve suas brancas vestes porque fez da banca do jornalista uma exposição de odios e de paixões, de conveniencias e ambições.

Não é um combatente de visagra orgulada e peito descoberto, é um traítor á patria e á humanidade.

E quem melhor, mais claramente ha comprehendido a verdadeira missão da imprensa em nossa patria, que, o austero democrata que é hoje integrante parte do Governo Provisorio, e por isso uma egida do povo brasileiro.

Sobre elle disse não ha muito a critica e festejada penna de C. Koseritz: « Quintino Bocayuva é o proprio filho da Imprensa, o mais leal dos campulheiros, incapaz de trahir aquelles que se servem das mesmas armas que elle maneja como mestre. »

No entanto... a imprensa diaria levanta um protesto, e attesta a evidencia de factos que despertam um receio alligado e fundamentado.

A REDACÇÃO.
(Continua)

A MULHER E AS PHASES DA VIDA (Conclusão)

Sob diversos aspectos pois, e nas diferentes phazes da vida, não dismente a opinião que della se fórma, e o capricho da natureza em fazel-a tão mimosa!

Os caracteres contido, é o que vem pillar o realce de seus dotes, e, affrontando as intemperias da vida, a morte moral lucha com os recursos do querer, sabendo sempre o em, victorioso.

Pascal, na sua preciosa obra sob a epigrapha « Morte Moral » discreta bellamente todo esse rudil que prende-nos a uma molestia sem cura.

A morte moral, pois, é o suicidio isato da vida.

A mulher que não é feliz, e que está collocada sob o egide do infortanio, morre mil vezes ao dia, e, posto que apparentemente resista, querendo enganar si, talvez, o coração fraquejante entre tantas batalhas reuhidas, naufraga nos escolhos do mar tempestuoso da desventura, dando como exemplo; as phozemarmagas que tiblamente descrevo aqui.

O homem, dotado de força superior, não succumbe facilmente ao marasma do sofrimento.

A mulher, não obstante toda a sua força de vontade, tudo a abate. Quer seja a capdida filha do lar paterno, quer seja a esposa feliz e virtuosa, e todas aquellas que são circumdadas por uma neza de luz, ou a corteza, ou aquella que recebe o pio negro da esmola, todas possuem o mesmo grau de sentimentos commoventes, todas se exalção quando o coração tem a cumprir um dever santo.

Nem todas podem, devendo, serem virtuosas, porque o destino, e a sua má estrella, as guiou ao mal. Venturosas, se considere toda aquella que seja favorecida pelo manto da abnegação e do raciocinio.

Eis o que penso leitora, sobre a mulher, nas diversas phazes da vida.

A que vos dirige estas linhas tem visto a olhos nus, factos em que se bazna para poder julgar a mulher. Uma longa, e talvez profunda experiencia me inda a

sondar os caracteres e nelle os arcanos do coração l...

Com a pratica que tenho tido de raros dias felizes, e dias por demais tempestuosos, tudo me impelle a crer que a mulher em qualquer phase da vida só se deve governar pela razão

O coração é o attenuante para os disvarios de um dia, porem o amadurecimento do pensar virá cumprir com seu dever, apontando-lhe a espinhosa estrada da virtude.

Rio de Janeiro.

Inez Sabino Pinho Maia.

HOMENAGEM

AO BRILHANTE TALENTO DA SYMPATHICA
POETISA D. IBRANTINA DE OLIVEIRA

Da tua lila diadama preciosa
uma perola fina desflaste,
e com mão delicada me offertaste
o mimo apreciavel, valioso.

Senhora: no meu peito jubiloso,
d'este germen tão puro que lanceste,
como o tyro gentil da branda haste,
hectou um sentimento dulcoroso.

E pois que a gratidão minh'alma inunda
qual luz de aurora bella que ao rajar
inteiro o espaço interminio circunda,

deixa tu que este placido brilhar,
da tua intelligencia alma e fecunda
as rosas peregrinas vá beijar!

Desterro.

Delminda Silveira.

Madrigaes

Carta ao Sr. Araujo Figueredo

Ainda que um pouco tarda, cumprio
n'este momento o grato dever de agrada-
dozer-lhe os encantadores Madrigaes com
que surprehendeu-me no triste iso-
lamento em que vivo, e a que votei-me vo-
luntariamente, desde que a fatalidade
per um crudelissimo capricho, fez-me alro
de seus golpes fulcraes.

Conto muito de versos, amo mesmo
a poesia; e, hoje mais do que nunca,
amigo conviver com ella, porque casa-se
perfeitamente com o estado de minh'al-
ma; no entanto, a minha penna geral-
mente pára, mais ainda se torna, quan-
do falo das musas e dos poetas!

Paracer-lhe-á isto colubre, não é ver-
dado? Mas que quer, é sempre assim,
a é essa a razão porque ora não con-
sigo transmittir no papel—senão mul-
tudamente—o que senti apoz a leitura
do seu apreciavel lyrinho.

Actualmente apparecem poetas e *verse-
jadores* novos, quasi diariamente; mas,
santo Deus, alguns delles trazem uma
tal lyra que, melhor fóra jamais te-
rem, surgido a martyrizar-nos com os
seus detestaveis sons.

Só tem um lado util, e esse é, fa-
zem sobrecahir as melodias que de quan-
do em quando escapam-se de afinados
aiaudes, laes como o de Araujo Figue-
redo, o autor dos *Madrigaes*.

As suas poeias fóra dessa vulgarida-
de que hoje em dia tanto nos aborre-
co, merecem ser lidas attentamente.

Têm muita inspiração, muita delica-
deza, muitas imagens novas, mesmo.

O espaço de que disponho n'esto *mi-
gnon* batalhador da imprensa, não me
concede transcrever, aquellas que mais
me agradam; deixo porém dito que,
todas encerram em si algum pensamen-
to formoso.

Ha estrophes tão mimosas nos *Ma-
drigaes*, tão cheias de dulçores, illusões,
sonhos irrealisaveis, verdadeiras utu-
pias, que a gente ao lê-las lembra os
maviosissimos versos do poeta das *Rosas
Loucas*, um dos nossos mais queridos ly-
ricos.

Páto aqui; não disse tanto como de-
sejava, mas já fiz vêr ao poeta, quan-
to é insulsa a minha penna ante assump-
tos que requerem uma linguagem doce e
suave.

Subscreevo-me pois

De V. S.

admiradora obscura e gratissima.

Julietta de M. Monteiro

Rio Grande—90.

Revocata de Mello

Vida sem letras a morte

—Visconde da Cayra—

A litteratura é o echo universal do
povo que pensa. Assim Lamartine, expres-
são q'perfeitamente traduz o valor moral
das nações que a cultivam, dando-lhe o
vigoroso impulso de sua actividade.

No meio d'esta geração moderna, ge-
ração de glorias que synthetisa o nosso
progresso intellectual, eu, criança ain-
da, já ouvira pronunciar o nome de Re-
vocata de Mello.

Era apenas um som para mim, cuja
significação não comprehendia; como
que divisiava as irradiações luminosamen-
to ideas que elle projectava no mundo
litterario; hoje, porém, que os lampejos
da razão estabeleceram-se dominadores
no meu cerebro, a impressão que em mim
produz este nome só tem equivalente
n'estas convicções que nunca mais des-
pedem-se do nosso espirito.

A biographia dos grandes talentos téra
sido, para nos servir da phrase de um
escriptor brasileiro, o objecto de artigos
nueis posto que as vezes desprezados e
proscritos; e essa é quem agora preten-
demos, não biographar, mas render uma
homenagem, humilde certamente, tem da
justiça lugar proeminente no capitulo
de nossas glorias litterarias.

Primorosa poetisa, alma aberta a to-
das as manifestações do bello e do gran-
de, Revocata de Mello, a valente bata-
lhadora pela causa de nossa litteratura,
colloca-se hoje como sempre á frente do
Corymbo, e d'estas columnas, onde jul-
gamos vel-a illuminada pelo fogo das
concepções, atirar ao mundo constella-
ções de idéas, maduramente engendradas
e artífices palpitanes de força, por isso
que são a produção de um espirito luctu-
do de ha muito acostumado ás luctas do
jornalismo, esta tribuna da verdade e ju-
stiça.

Bem sabemos que não nos competia
fragar o seu panygyrico, bem comprehen-
demos que esta homenagem não será
agradavel á distincta poetisa; a modestia,
porém, que a envolve, não exclue o seu
merecimento, antes o realça, o enaltece.

O que, porém, não podemos calar é a
energia admiravel que tem empregado
para sustentar o *Corymbo* e dar-lhe uma
posição que o torna a sentinella avança-
da da nossa litteratura, e, se os marty-
res obscuros, ei os heróes ignorados de-
vem ter estatua, á Revocata de Mello
cabe honra-l-a, enaltece-la, porque sem-
pre soube collocar-se na vanguarda das
letras patrias, apéz de seus preconceitos
que muitos se ergulam na carreira
que seu génio traçava com brilhantismo.

A' esta que não mendiga uma glori-

A criança mendicante

(A ALICE)

Eu sou impressionista, leitoras, e só gosto de escrever com a alma cheia de uma emoção qualquer copiada do natural.

Uma destas manhãs, tendo a meu lado minha filha, eu almoçava cercada da boa roda que commigo vive na pensão, servida por criados limpos e bem vestidos, quando chegou-me aos ouvidos o som de um realejo que dispreadia os maviosos accordes da linda valsa ingleza: — *Myqueen* — Machinalmente larguei o talher e puz o ouvido á alerta. Na vespera havia dançado ao som da mesma, n'um anniversario de pessoa de certa gerarchia cá da eaza, alem de acordar-me a lembrança de uma outra, que é douda pela mesma musica. Reparei que todos continuavam a almoçar entre as phrazes lig'ras ou picantes dos commensaes e que ninguem prestava attenção ao que a mim commovia.

Com effeito, o instrumento tocou depois, mais umas tres peças, e eu, emocionada, lembrando-me da infancia, remontando-me a muitos annos atraz, sem o querer, sem o sentir, achei-me com os olhos razos d'agua. Dando por findo o almoço, ergui-me; a menina correu na frente e de um pulo achou-se á varanda. Por entre as cortinas de rendas brancas, eu olhei para a rua.

De frente, exposto ao sol, um velho com a cabeça alva como a prata, com o realejo collocado sobre um banco portatil, sustentava-o, emquanto uma menina de uns dez annos, movia ligeiramente a manivella.

Cobria-lhe o corpinho um vestido que não lhe pertencia; nos pés, trazia umas botas enormes e na cabeça, um chapéu com fitas encarnadas. Qual outra *chaperon rouge*, ella olhava para os sobrados, surpresa, mas ingenuamente. Aquelle olhar fez-me mal; revolucionou-me a alma, muito especialmente quando a vi com um pratinho na mão a pedir uma esmolla pelo trabalho que tivera.... O sol a dardejar seus raios pela atmosphera, batia de chapa sobre a pobrezita que continuava a estender a salva onde mal cabiam algumas moedas de cobre, que ella agradecia a cumprimentar e a enviar com a mão beijos a quem a beneficiava. 'Pobre creaturinha!... oh quanto o teu trabalho vae aformosear a tua innocencia, a tua candura quando a depozeres na pedra d'ara, do altar paterno!... Tu criança ainda, desdenhada, mal vista pelos ricos, tens a consciencia de que o teu dia principiou radiante pois quem compartilhou a lei commum do universo

que te impõe como castigo o viveres do suor do teu rosto! E essas bagas que enchugas com o teu lenço de chita são perolas que formam o tapete argente do divino artifice, que deunos por si o exemplo, trabalhando seis dias na formação do Universo, e que, olhando misericordioso para ti, fará com que o pão só teo sustento seja mais alvo que o trigo da terra, por que foi comprado á custa do suor de uma criança do povo em proveito da manutenção de seu pae!

Então eu a vir recolher no bolso do ancão os vintens das esportulas, tão satisfeita como se obtivesse contos de reis.

Depois, tocou mais uma peça em agradecimento, findo o que, o velho carregando o instrumento e ella o banquinho, sumiram-se na esquina, d'ahi a pouco ouvi de longe ainda, as vozes do realejo.

Chamei a minha pequenina, fiz-lhe uma prelecção sobre o assumpto, porque: essas crianças que inconscientes são o sustento do velho tronco de quem são arrebentos, tem, sem o saberem, no coração, o hymno tocado pela caridade que em lampejos celestes unindo-lhes a alma, desperta-se em nós esse interesse que nos subjugua, e que transforma-se no paraizo em aureola de luz, que sobre a terra illumina como corôa de diamantes, os alvos cabellos paternos, filhos do sofrimento e das grandes privações.

Rio de Janeiro.

INÊZ SABINO.

Partida

E' com todo o sentimento que o *Corymbo* despede-se de seu talentoso e sympathico collaborador o Sr. Francisco Pinto de Azambuja (*Joca Malandro*) que no *Rio Pardo* seguiu hontem para a Capital do Estado, com o fim de fixar alli sua residencia. Ha uns poucos de mezes que o distincto joven distinguia as columnas deste semanario com recommendaveis trabalhos litterarios, apparecendo não só nas espirituosas *Pennadas* com o pseudonymo de *Joca Malandro*, como ainda sob outros incognitos.

Aguardamos porém a esperanza de que o *Corymbo* mesmo de longe, será lembrado pelo estimavel moço, e concluimos fazendo votos pela realisação de suas bellas aspirações, em seu novo destino.

Deodoro da Fonseca

Com o titulo supra distribuiu-se a 24 do corrente, nesta cidade, um bem escripto jornal, commemorativo do trigessimio dia do passamento do illustre general.

Traz na pagina de honra um bem acabado retrato do primeiro presidente da Republica Brasileira, contendo o texto algumas produções de merito, devidas a pennas já amestradas nos torneios da imprensa.

Agradecemos o exemplar que nos foi offerecido.

AO CORRER DA PENNA ()

Como me sinto bem! Respiro puro ar!
Como o prazer irrompe agora dentro em mim
N'uma doce explosão, casta como o olhar
Castissimo de alguem, mimoso serafim...

Elle, outr'ora infeliz—meu coração coitado!
Era fransina nau em tormentoso mar,
Eil-o agora de luz, sim, de clarões cercado,
Sentindo em si da vida o fluído a si entornar.

Como me sinto bem!—litteraria sessão,
O meu ser elevou em magica ascensão
A ignotas regiões talvez nunca sonhadas...

E' que aqui, não lá fóra, onde formiga o mal,
Conserva-se inda puro o limpido ideal
Que só pôde medrar nas almas estrelladas.

Rio Grande, 25 de Setembro de 92.

DR. CORREIA DA CAMARA.

(*) Impressão que causou-me a sessão litteraria effectuada a 15 do corrente na residencia das distinctissimas senhoras Revocata H. de Mello e Juizica Monteiro, em homenagem ao prestimoso litterato rio-grandense Damasceno Vieira.

CORYMBO

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Proprietaria e Redactora — REVOCATA H. DE MELLO

4 DE DEZEMBRO DE 91

Dois annos ! dois annos de lutas e de soffrimentos, tem decorrido desde a data lutuosa em que Elle desceu ao tumulo !

Parece que a mão fria e pesada da fatalidade, estendeu-se sobre este, hoje tão desventurado, quanto out'ora florescente paiz.

Guerra, sangue, destruição !

Ainda bem, que ao nobre e generoso coração, que a morte colheu em seu seio, poupou Deus a grande dor de presenciar o esphacelamento da

patria !
Elle foi a estrella fulgurante deste torrão amado ; enquanto brilhou sobre elle, o progresso, a paz, a felicidade emfim, sorriam-lhe.

Mas, desde que a cegueira dos homens procurou empanar o brilho do astro radioso, desterrando-o para longinquas plagas, um véo negro, tenebroso, cobriu as opulentas terras do cruzeiro.

Pobre Monarcha, tu que foste o amantissimo Pae de teu povo, jamais pensaste no fim que te estava reservado !

Mas, quão immensos são os decretos da Providencia, e quão cedo os homens em sua maior parte, embora o não confessem, conheceram o seu grande erro.

Se è possível de alem, desse desconhecido e mysterioso mundo onde ora habitas, lançar um olhar sobre a terra, tu'alma santa, tu'alma de martyr, deve ter soffrido immenso.

Quarenta e sete annos da mais invejada paz, deste a esse punhado de

homens que te não souberam comprehendêr.

Qu'importa ? Tambem o Martyr do Golgotha só achou ingratião nos homens !

A tua apothose oh sabio Monarcha, oh inolvidavel Pae dos pobres, oh grande protector das artes e das sciencias, está nas significativas palavras que, entrelaçadas de espressivos louros, foram depostas em teu sagrado esquite. A D. Pedro II, que deu ao Brazil meio seculo de liberdade, progresso e gloria, nos tempos felizes em que o pensamento, a palavra e a pena eram livres e em que o Brazil libertava povos oprimidos.

Brazileiros, a data de amanhã è de luto nacional.

Contritos ajoelhemos e oremos por D. Pedro II.

Julieta de M. Monteiro.

DEZEMBRO DE ABRIL

O' que saudade infinda !

Não posso tuas falas escutar

E nem no teu regaço ora enchugar

O pranto que não finda...

N'ausencia que devora,

Minh'alma entristecida eternamente

Noute e dias ehorar supplica, implora

— Beijar-te, unicamente !

Meu pensamento voando

Vai desfolhar por sobre ti, chorando,

Lyrios de amor, esmaecidas rosas...

Ramalho de Campos.

A SEDUZIDA

Airosa como uma palmeira, ar aristocratico, mãos pequenas, pés delicados, olhos negros, vivos e scintillantes, testa ampla e nobre, sempre occulta por uma miuda franja de cabellos crespos ; alma, sem uma mancha, com a bocca pequena ornada de uns labios rubros, adivinhava-se já em Mathilde Tinoco uma futura belleza, quando a idade desenvolvesse-lhe as formas.

Orpha, desde os cinco annos era criada pela D. Angelica, sua tia materna, senhora bonacheirona e surda, a quem a menina illudta, sobretudo, quando conversava com o primo Gabriel, estudante do quarto anno de medicina, seu professor de francez, e que galanteador, sensual, jurou conquistar a prima, que, cedendo aos seus protestos de amor, estava até resolvida a abandonar o tecto honrado em que vivia, não obstante os conselhos da velha senhora que prohibio o rapaz de frequentar-lhe a casa.

Ferido no seu amor proprio, uma noite raptou a rapariga, sentindo por isso tanta commoção a D. Angelica que esteve ás portas da morte, terminando por se lhe manifestarem incommodos imprevistos, que a torturaram de veras. Passados alguns mezes, porém, a moça principiou a sentir os remorsos invadirem-lhe a consciencia. Elle, já aborrecido de seus encantos, lançou-lhe em rosto a pobreza, a posição modesta em que a achara, a sua educação abaixo do vulgar, não commovendo-se ás lagri-

mas da victima incauta, nem tão pouco ainda com a esperança de ser em breve pai. Os dias, levava-os elle fora da familia illegitima creada pelo habito da seducção, procurando uma nova preza, que dessa vez, rica, e de familia nobre, só pelo casamento poderia obter a.

Ambicioso, desconhecendo a dignidade, o pudor, elle, o homem que dentro em pouco ia entrar na sociedade, que abria-lhe as portas de par em par, recebendo pelo segredo de seu magisterio mil confidencias, atroz, indigno e ruim, ouviu o primeiro vagido da innocente que lhe devia a vida, com a mesma indifferença com que ouviria um outro vagido qualquer, no qual elle não partilhasse a alegria que sente-se, mas que se não exprime, quando a natureza da-nos como premio esse entezinho que redime, que eleva nossa alma ás alturas do sentimentalismo, que nos identifica mais com a propria natureza, fazendo-nos bons, sensiveis e humanos.

E ella, a joven mãe, snblime de abnegação, de sacrificios, amamentava á custa da propria saúde a pequenina que, ao ter a penetração da luz que desabrochava no cérebro, ria, affagava-a inconscientemente rosada como um cherubim, juntando os labiosinhos para receber um beijo dado com esse amor sem visos de recompensa, mais, do que o mesmo sorriso innocente!

Ah! quantas vezes a misera ouvia o relógio dar horas sem ter tomado ainda a menor refeição, ao passo que elle, dormindo a sono no solto, ao acordar, vestia-se sabiamente, divertia-se, sem olhar sequer para o anguinho, que seguia-o com a vista, alegresinha, acordando o silencio da habitação com os gritos infantis e esse titubeas que causa o enlevo materno.

Perfílhe-a ao menos disse Mathilde ao academico, fazendo ver a necessidade de baptisar a innocentinha.

Para beneficiar somente a ella, respondeu pegando ao collo a criança, pela primeira vez na vida.

(Continúa)

Ignéz Sabino.

RISOS E FLORES

Foi desses dois expressivos nuncios de felicidade, que inundou-se a primeiro do fluente, o lar dos dignos progenitores do joven poeta França Pinto, por motivo de festejar nesse dia, mais um ridente anniversario, o talentoso e apreciado moço.

O CORYMBO, ainda que um pouco tarde, veste as suas roupagens de gala, para apresentar ao futuro cantor das promettedoras BORBOLETAS, as suas homenagens de sincero apreço e muito leal affecto.

TRIOLET

(A SIBYLLA)

Por meio dos triolets,
Vamos conversar Sibylla,
E deixa que eu a teus pés
Por meio dos triolets,
Venha dizer que tu és
Estrella que não tem Sibylla
Por meio dos triolets,
Vamos conversar Sibylla.

A India.

NÃO!

A.....

Alfim sou forte; alfim encontras-me como devéras ter encontrando-me sempre—resoluta, firmé.

Tambem o sexo fragil tem instantes de coragem; instantes em que a força de vontade sobrepuja todo o affecto não comprehendido, embora muito sincero.

Não, não!
Risquai hoje de minh'alma sempre propensa ao bem, a palavra— Perdão!

O sim que tantas vezes ouvistes quando fingindo-te arrependido de tuas faltas vinhas implorar indulto, está para sempre acabado.

Em seu lugar colloquet o Não, frio e certo porem bem eloquente.

Não mais quero ouvir tuas palavras mentirosas, teus juramentos falsos, enganadores.

Vai, não mais te recordes do meu lar.

Não mais te lembres que um dia tive a loucura de ouvirt e quicá de acreditar-te!

Vai, cruel!

Não mais sorrirás de mim; não podes crê-lo. Hoje, quem sabe, talvez seja eu quem sorria.

Vai, perfido, e esquece-me.

Aldina Corrêa.

Sempre que possa...

VII

A ESTRELLA

Onde volitas, phalena,
Onde levas nosso amor?
Ai, de mim tu não tens pena,
Olvidas meu amargor.

Não és, formosa camêna,
Aquelle anjo sonhador;
Juraste calma e serena
—O sonho d'esperança em flor...

A ausencia apaga a lembrança?
—Jamais! Jamais! Em minh'alma
Viverás eternamente.

Não tardes... volve, criança,
Vem colher a rósea palma
Do amor que fez-me um crente!

J. Florentino.

FORTALEZA

VARIAS CORES

O amor proprio é incontestavelmente um dos peiores inimigos do homem, e não poucas vezes a causa primordial de seus erros.

Pela primeira das sciencias, isto é, pela sciencia do bem, deve a creatura humana guiar-se afim de cum-

CORYMBO

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Proprietaria e Redactora — REVOCATA H. DE MELLO

Liberdade da Imprensa

Disse alguém, cuja penna illustra o paiz, que, «a liberdade da imprensa, é o esteio mais inabalavel das fórmãs da constituição de qualquer povo.»

Quanto mais civilisado é o meio, quanto mais elementos de progresso, de engrandecimento se patenteiam na vida de uma nação, quanto maior é o numero de grandes cabeças a dirigir os destinos de um povo, tanto mais ampla, tanto mais larga, a esphera onde a liberdade da imprensa derrama seus beneficos resultados.

Se a imprensa é a guarda avançada do povo, se é o refugio dos opprimidos, o facho salvador dos calumniados, o defensor possante e recto das victimas de um juiz ou de uma authoridade despotica, como negar-se-lhe os poderes impostos pelo mesmo povo?

A imprensa precisa alargar-se:

Mesmo em uma villa, em um municipio de acanhadas dimensões, de fracos recursos, deve existir alem da escola, sagrado manancial do espirito, um jornal, embora de resumidas fórmãs, porém ainda assim um advogado d'aquella população, independente, juiz sem servilismo, sem paixões, sem interesses particulares.

Logo, a imprensa não deve, não pôde ser amordaçada.

Coactal-a, é dizer ao erro, caminha, ao abuso, toma azas, a mentira, avulta, ao despotismo, arraza, e ao crime, levanta aqui o teu imperio.

Perrier, affirma com inteira verdade:

«Um jornal independente, é uma formidavel barreira levantada pela equidade e pela justiça, contra a fraude e contra o despotismo.»

Perguntaremos, qual dos inventos devidos ao grande cerebro humano, é considerado o primeiro, d'entre esse maravilhoso conjunto de ramos do progresso que as gerações tem sagrado atravez das idades?

Serão mil boccas a responder-nos: — A Imprensa.

Ella, que leva aos extremos o pensamento do homem, que unifica pelos laços da idéa, que ensina o povo, que archiva os fructos do talento, que foi creada para a grandiosa e sublime missão de amparar o fraco, de chamar ás armas, por amor da usticia e do direito, não, não pôde ser humilhada em paiz algum, aonde o civismo seja comprehendido.

A Imprensa nasceu para ser livre, roubar-lhe esse direito, é attentar contra a moral de um povo, é negar os meios de defeza aos opprimidos, e lançar a treva no seio das sociedades; é querer a ruina onde podia sorrir a paz.

Bemdigamos, todos, as nações illustres, onde a Imprensa não tem péas, a sua róta é invejavel, o seu labrao circula-se de todas as homenagens de respeito.

Ahi, sim, deve haver constituição, justiça e direitos.

Revocata H. de Mello.

Volta

Volto depois de prolongada ausencia
A vagar no paiz das illusões,
Sinto que vai fugindo-me a existencia,
Cancei-me a procurar do amor a essencia,
Só deparei crueis decepções!

Peregrinei por escabrosas sendas
A buscar o ideal que vira em sonhos,
Mas, embalde escutei do amor as lendas,
Os filhos da paixão só armam tendas
Sobre abysmos fataes, negros, medonhos.

Volto descrente e triste e desolada,
Ave ferida que não acha o ninho.
Quem me trará a paz tão desejada?
Talvez só tu, oh morte abençoada,
Possas beijar-me com febril carinho.

A Forasteira.

Rio Grande

A SEDUZIDA

II

(*Conclusão*)

Acho que o Barbosa quer ser nosso genro, disse uma noite confidencialmente Madame Bastos ao marido.

Eu creio que elle pende mais para a Pepita, respondeu-lhe.

Desde esse dia o moço foi espreitado, jurando a filha e a mãe tomarem uma justa vingança do caso. Uma tarde, todos no jardim viram passar uma rica caleça puxada por dois cavallos inglezes ajazados de prata.

Uma mulher negligentemente sentada, sustentava na enlavadã mão, uma sômbriinha de rendas.

Conhece Sr. Barboza, quem seja aquella creatura, perguntou a madrastra de Pepita olhando de esguelha para a moça, que conhecia a mãe, possuía-lhe a photographia, que a respeitava, embora a falsa posição em que havia cahido, amando-a muito.

E', supponho, uma mulher do mundo equívoco, a quem desconheço, respondeu elle embarçado.

Pois é mãe aqui da minha enteada, replicou a madrastra da moça.

Os olhares presentes cruzaram-se, censurando a interlocutora, que victoriosa abanava-se satisfeita.

Pepita deu um suspiro o disfarçou fletando o cêo para occultar duas lagrimas, que foram vistas pelo hospede de seu pai.

Passada meia hora ouvia-se de novo o rotar da carruagem, cujos cavallos agora com o freio nos dentes, não obedeciam ao cocheiro, vindo em disparada atirar com a dama e o « groom » em umas pedras que havia em frente á chacara.

A curiosidade moveu os circumstantes ; todos approximaram-se e a moçinha ao ver sua mãe cahida sem sentidos, inconsciente, de um pulo achou-se junto áquella que dera-lhe a ser, tomando-a nos braços. Que pouca vergonha ! disse a mãe de Josephina com desprezo, a dessa rapariga reconhecer assim a mãe ás nossas vistas !

Fez o seu dever, minha senhora, accedio intervindo o Barbosa, que deu passagem ao dono da casa, que foi chamado ás pressas.

Elle, livido, tremulo, aproximou-se da filha ; ao tomar porém o pulso de Mathilde Tinoco, susteve-se pensativo ;

Está morta ! exclamou lugubremmente.

Mandem chamar a policia, disse um dos circumstantes.

IV

Dentro em pouco, o corpo da vicima do Dr. Gabriel, era posto em

uma maca e conduzido ao necrotério.

Elle, a Pepita, mais uma vez beijou a fronte ainda quente da morta, entrando pelo braço do pai na residencia d'elle sob o peso de uma dôr profunda.

Barbosa sentio então um que de anormal passar-lhe na alma.

Ouvia o coração pulsar-lhe com mais força ; as mãos resfriaram-se-lhe, um sentimento desconhecido invadio-lhe todo o ser : uma nota de compaixão soou-lhe ao de ouvido sentindo a moça soluçar, e, quando depois perguntou a si mesmo, o que era aquillo que experimentava pela primeira vez, o coração respondeu-lhe fazendo-o ir officialmente ao medico pedir a mão de sua filha, porque a amava !

Ignês Sabino.

AO FIM DA TARDE

A. Ramalho de Campos

Em torno ás rosas, aos lyrios,
A's violetas gentis,
Voam travessos lampiões,
Brincam as auras subtileis.

E o sol, alem se atufando
Entre cortinas de anil,
Vai-lhes um beijo enviando,
Um beijo ardente, febril.

Depois, de manso desmaia,
Desmaia e some-se a fim.

Só não desmaia, não morre,
A dôr que abriga-se em mim.

Ego.

OS SONHOS E A MORTE

O que são os sonhos ?

Não sabemos, mas não estamos de accordo com as muitas opiniões que sobre elles temos lidas.

O sonho é como o mysterio da morte; todos querem adivinhar, des-

ventar, sem que tenham para fazel-o, as necessarias bases.

Se morre alguém apóz um crâel desgosto, diz-se immediatamente que a causa da morte foi a grande impressao soffrida; no entanto são innumerables os factos a mostrarem-nos individuos entregues a lancinantes dores, supportarem-n'as por longos annos !

Logo, a dôr mata ? Não.

Morre-se quando se tem de morrer. E porque se morre ? Porque estava cumprida a nossa missão sobre a terra ?

Impossivel.

Uma creança que morre ao nascer, ou aquelles que morrem em plena mocidade, isto é, quando geralmente se diz, começa-se a viver, não podem ter cumprido a sua missão.

A morte pois, como o sonho, é mysterio que jamais será descoberto, desvendado.

Porque se sonha ? O que é o sonho ?

A sciencia tem querido demonstrar; mas, a nosso ver, cousa alguma tem adontada.

Será o sonho a consequencia immediata da impressao que levamos para o leito ? Nem sempre. Temos muitos sonhos apóz dias alegres, e sonhos felizes em momentos bem dolorosos da vida.

Sonhamos com pessoas que nunca vimos, e ainda mais extraordinario, sonhamos factos que mais tarde se vão a realizar.

O sonho teria uma explicação clara, comprehensivel, se relacionasse-se sempre com os acontecimentos que estão durante o dia, desenrolando-se deante de nos.

Deitando-nos sob aquella impressao, nada havia de notavel em que ella continuasse a permanecer em nosso espirito.

O sonho seria então o espelho em que ella se veria reflectida.

Mas, sonhar com bailes, com festas, com o delirio da walsa, no momento em que acabamos por exemplo de dizer o ultimo adeus ao ente que mais amavamos no mundo, e que se conseguimos adormecer foi apenas vencidos pelo cansaço de um sem numero

CORYMBO

ASSOCIAÇÃO SEMANAL

PROPRIETARIA E REDACTORA REVOCATA H. DE MELLO

Luiz Cunha

Tivemos ha dias o prazer de visitar o Ateller do habil pintor rio-grandeense Sr. Luiz Cunha, trazendo de tão agradável visita as mais gratas impressões.

Entre os bellos trabalhos que alli se encontram, alguns dos quaes figuraram na exposição por S. S. feitas nas salões do Club Sacca Rolhas, em Março do anno p. p., sobressahe presentemente o bellissimo retrato do preclaro general Galeão, o legendario pacificador deste glorioso pedaço de terra brasileira.

Rio Grande que tão saliente se tem tornado entre os estados do Brazil, por ter servido de berço a não pequeno numero de homens illustres, quer nas lides litterarias, quer nos campos da batalha, começa a conquistar mais um lugar distincto, apresentando no certame das bellas artes, pintores tão habéis quanto talentosos e modestos.

Mais de um artista nestas condições contamos presentemente, o que é em extremo grato a todos os filhos deste florescente estado, e muito especialmente aos que como nós rendem religioso culto a tudo quanto é grande, nobre e imponente como o talento, esse facto luminoso que tanto faz brilhar os predestinados do Genio.

Luiz Cunha, o joven pintor de quem ora nos occupamos, pertence ao numero dos que concorrerem largamente para que o seu formoso torrao natal possa ser devidamente appeilhado ninho *d'aguas altanciras*.

O retrato do inesquecivel herde de 23 de Agosto, séria o bastante para conquistar-lhe o titulo de pintor emérito, se outros bellos trabalhos apresentados em sua curta porém já victoriosa carreira artistica, lhe não tivessem grangeado o applauso franco e merecido do publico illustrado.

Sem que sejamos autoridade na materia, parece-nos, e comnosco pensamos todos aquelles que tem tido o prazer de apreciar a teta em questão, que Luiz Cunha foi de uma felicidade invejavel na execução de seu ultimo trabalho, onde o v. lto sympathico do distincto General, está copiado com uma fidelidade extraordinaria.

Brevemente, segundo consta-nos, será o mesmo exposto, e o publico

terá commo de apreciar e julgar a obra de que ligistramente nos occupamos agora.

Pela ROSA parte só temos palavras de enthusiasmo para dirigir ao estudioso filho da arte, ao talentoso artista que tanto dignifica o seu querido Rio Grande.

TRAIÇÃO

Dizta, lendo os meus versos: tudo quanto Contem estas estrophes, é mentido! Existe uma ironia em cada pranto. Uma perfidia em cada gemido!!

Rirás mofoando! Eu te dirai no entanto Que apenas, como um lugubre rugido Soluça pelas notas do meu canto O praguejar de um coração trahido!

Serão mentidos porque tu mentiste Porque a minha alma tímida encobriste Nas ondas triumphaes do teu cabelo!

Ri! Mas teu labio que o remorso opprime Traz estampado em cada frizo, o crime Que te persegue como um pesadelo!

Ceará Themistocles Machado

ULTIMA JOIA

A REVOCATA DE MELLO.

Fraca luz de dous bicos de gaz davam á sala de visitas n'uma confusão de roupas, e diversos objectos de uso feminino, espalhados a tãa sobre os moveis, um aspecto da casa de modas.

Aqui, via-se uns vestidos de balie e outros de sãda, para visitas; no chão, uma capa de velludo; quase a cahir n'uma mezinha de Karão, rendas, fitas, capotas, e veos, postos, e amontados uns sobre os outros, n'uma desordem sem nome.

Sobre o sophá, bellas riquissimas,

<pegnoirs> de surrah, sapatinhos desestim, capas de inverno, mantas para pescoco, luvas, meias de sãda, e sobre o assoalho duas grandes malhas, umas caixas de papelão cheias de flores, lenços, legues, uma cãsta com artefactos amarrotados e ao lado, uma gaveta com papéis.

As janellas que davam para o jardim, estavam abertas; os cortinados de cores, moviam-se ao balanço da aragem de fria madrugada de Julho.

Vasta neblina encobria o formoso Guanabara. Ao longe, ouvia-se o ruído do mar, e perto, os apressados passos de rarissimos transeuntes.

Nos morros, cantavam as aves da noite, que com a cadencia da pendula do relógio do gabinete continguo, formavam uma especie de harmonia, com os passos vagorosos de Malvina Rodrigues, em <toilette> cazelo, cabello em abandono, a passear ao longo do corredor que dividia o apozento descripto, dos outros interiores.

N'uma agitação cruel, a misera passava- em revista os seus calmos dias de solteira, os successos do salão do Club que frequentava, onde conheceu o que era hoje, seu marido, que bem pouco apreciava agora os seus encontros, e a virtude da fidelidade guardada por ella, sem que uma leve sombra contornasse-lhe a pureza.

Muito moça então, alma ardente e romantica a despeito dos conselhos paternos, n'uma teimosia apaixonada, suggestiva, accellou a cõrte do Dr. Raphael Rodrigues, que, na insinuante forma de captar affectos, conquistara a alma da filha do Barão de G. fallecido dous annos antes de principiar esta narrativa.

Não obstante a frieza quasi glacial que reinava entre os conjuges, não viviam a rugar.

CONTINUA.

de manto, descollido, olhando á volta, como temendo o que se veja).

Continúa

EMMA

Branca, gentil, mimosa creatura,
Passaste pela vida n'um adejo
Que terminou na fria sepultura!

Tiveste a duração tão só d'um beijo,
Ardente as vezes, sim, porém tão breve
Como da bruxa o tepido beijo.

Não tocaste sequer mesmo de leve
Na fação do praser, tua existencia
N' um verso tão somente se descreve.

Foste archanjo de amor e de innocencia,
Sem conhecer as dôres da saudade
D'ella deixaste neste mundo a essencia.

Dormes agora em triste soledade,
Mas és feliz no entanto o flor de um dia.
Ditosos des que fogem nessa idade
Ao phantasma oruento d'Agonia!

JULIETA DE M. MONTEIRO

ULTIMA JOIA

A REVOCATA DE MELLO.

(Conclusão)

anunciou que alguém entrava. Era elle, pallido, abatido, desfigurado.

— Está tudo prompto f... Olhe, que é preciso partir ás sete horas.

Depois de lançar um olhar rapido sobre tudo, como um idiota, encaminhou-se para o quarto.

Ella a tremer de frio sentou-se no assoalho, sobre o qual daspejou a cesta com flores amarrotadas, quando vio brilhar alguma coisa que despertou-lhe a attenção.

Era o solitario, achado providencialmente.

Valla seguramente uns tres contos; qualquer joalheiro daria por elle a metade.

Com o coração a pulsar violentamente, ergueo-se. Farto sorriso de esperanza desenhava-se no rosto. Aquella ultima joia seria a redempção da sua honra. Com ella o marido conseguiria aplinar as urgentes necessidades. Entrando no aposento do Dr. Rodrigues, vio que elle levava o revolver á altura dos miólos.

Arrancar-lho da mão, foi obra de momento.

— Suspenda, desgraçado. O Sur, não tem o direito de matar-se. Não manche o nome de seus filhos com a lembrança triste de que seu pae morreu suicidando-se.

Eis a ultima joia, achada em circumstancias bem criticas!

Vê aquelles leitos e os anjos louros que dormem tão placidamente, em quanto seu pae medita um crime? Em nome delles seja ainda um homem de bem, e sirva-lhe o caso de lição. Volte de novo a ser o meu esposo ido-

latrado, que eu juro continuar a ser a amiga fiel que mais o respeita, amando-o sempre.

Apresentando o solitario que brilhava como mil fachos de luz, vio-o com os olhos marejados de pranto tomar-lhe as mãos e beijal-as reconhecido, dizendo:

— Em nome de meus filhos juro que elles não mais terão vergonha do comportamento paterno.

Ella sorriu, e sobre a fronte loura como que um raio de luz parou, durante a corôa da maternidade, com a suprema fulgencia que Deus concede a quem tem a pureza dos seus actos.

Inês Sabino

Rio de Janeiro.

A Veiga Cabral

Não cedemos ao tentame inglorio
Da velha Europa-la terra das riquezas
«Nem um calhão das nossas fortalezas
Nem um palmo do nosso territorio.»

Vencendo das nações as asperesas
Ha de o Brazil-o vencedor marmorio,
Ser um dia talvez o grande emporio
Das artes, do commercio e das grandezas.

Saudemos pois o herde que entre bombardas
Soube guardar leitor, como tu guardas,
O céu que o vio amar, que o vio nascer,

E que heroico mostrou ao mundo inteiro
Que o peito varonil de um brasileiro
Não sabe recuar, sabe vencer!...

ALVARINX

Ceará.

Scismas

A OCTACILIO DE OLIVEIRA

Branca, muito branca, envolta no seu pallente e diaphano manto, a luz,

a eterna peregrina, a merencoria musa dos notivagos trovadores, segue morosamente o seu longo itinerario....

Na terra tudo silente, triste e suavemente bello. No mar a poesia da solidão, do mysterio, do intraduzivel.

Divina poesia a do mar! No firmamento milhões de virtuos astros a scintillar em fuscantes, sobre o aveiludado tapete gaseo que o Senhor estendeu nas alturas.

Tudo grande, tudo sublime, tudo falando ao coração! Quem poderá pela cadeia de uma noite de esito, quando tudo que nos rodea parece repouzar das fadigas do dia, estendendo a vista pelo grandioso painel da natureza, deixar de sentir-se poeta? A natureza é a poesia de Deus.

Perfetta, correcta, infinitavel! Sim, quem compará com mais arte, mais perfeição?

Val a noite em meio. Meu pensamento semelhante ás avesinhas que abandonam o lar em busca de alimento para a prole implume, atravessa a longa vastidão do espaço e vai em busca das queridas recordações do passado, para com ellas alimentar o coração que á mingoa de iluzões dia a dia vai desfallecendo!

E vai, e segue, e caminha perdendo e na sombria noite da saudade, noites feita de dôr e gottas de ventura!

E vê então esse dourado berço onde embalaram-se os meus primeiros dias; depois a rósea meninice junto dos adorados paes e dos queridos irmãosinhos; mais tarde a mocidade com o seu gentil cortejo de creanças, iluzões, esperanças e sonhos atulados, e o primeiro amor, esse poema mysterioso que nunca desaparece de todo de nosso coração amante!

Passa após a segunda phase da existencia; a quarta dedicada ao lado do escolhido de minha alma; daquella que repartiu conmigo as suas dôres e os seus sorrisos, que soube comprehender-me, que tapizou de olentes flores esse periodo de minha vida, que fatalidade tão cedo cobriu de eterno luctuoso. E, paira além no presente, sombrio, merencorio, envolto em duvidas e saudades mas ainda assim amenizado pela suavidade da ventura do amor de meus irmãos.....
Languidamente a noite desmala em

CORYMBO

PUBLICAÇÃO SEMANAL

PROPRIETARIA E REDACTORA REVOCATA H. DE MELLO

Na Arêna

Disse já eu algures, que a mulher brasileira estava reservada uma grande missão na sociedade, desde que a mesma se convencesse que, embora tenha talento, com tudo é preciso estudar e dispor-se a crear desaffectedos, ao sentir vocação para as letras. Já

que lhe são abertas as portas da sociedade, assim também devem-lhe ser abertas as portas da Imprensa.

Ora, quando eu me refiro a essas senhoras excludas das «Bas-bleus», que querem á forciori escrever, fazendo um grande esforço e afinal nada sabindo que preste. Eu refiro-me

á mulher talentosa, que busca ter um nome, que o alarga por necessidade de espirito.

Sei, que apesar de intelligente, embaraça-a um certo modo de arrastar preconceitos que superabundam em desfavor da mulher — intellectual, atirando sobre a mísera um punhado de invectivas, de apódos, pelo simples facto de pegar a desgraçada da penna, e dizer o que pensa sobre isto ou aquillo. Os homens temem-n'a. Será porque os avassalle?... Não!... elles temem-n'a porque ella, com a verdade e o raciocinio, o convencerá dos erros; se constituirá em em ula, será senhora no mundo da publicidade quanto è do lar domestico. E' só por isso, sim!...

Eu, sei, desgraçadamente por experiencia, que quando se tem merito, quando se sabe do chatismo da vulgaridade, a mofa dos pequenos «parvenus» litterarios cae como vésphas ameaçando destruir o esforço.

Mas.. ainda assim, ha quem despreze os inimigos continuando a trabalhar, comprehendendo que a vida deve ser mais suave, desde que o Ideal com o poder da sua graça, faça do

bello, a estrella dos stepes da existencia.

A mulher que cultiva as letras, que se ajoelha ante o bello, afina os sentimentos tem mais susceptibilidade, sente a alma mais propensa ao bem, tornando assim aliada, a Moral, amiga indispensavel que cicia ao ouvido o segredo da virtude, que eleva ás culminancias de sublime os arroubos do amor, fazendo-se honesta pelo espirito; não corrompendo-se na lama da sensualidade.

A sociedade pois, desde que ella tenha talento, desde que o prove, só tem a lucrar. O talento, não é um crime-elle, n'uma mulher superior, é, para os proprios collegas uma planta exotica que deve ser abandonada

ao calor das estufas, medrando e florindo somente em falar do lar! Accaso seus filhos, os her! es de um dia, os patriotas de amanhã não precisarão da luz preclara da sua intelligencia? Não será isso um quaze virtude, uma obrigação moral? E, o cerebro da mulher, accaso não poderá comportar um ceitil de esforço, um átomo de vontade, servindo por intermedio da penna a bem estar do seu paiz?

A phylosophia da ação é muito clara: já não estamos na epocha em que ella não passava de simples machina da reprodução da especie, e a servir de escrava ao marido e aos filhos, fechada como u na aziatica, entre as paredes, do poder marital.

A influencia da mulher util pelo cerebro, torna-se precisa a mais e mais. Do que servem então os tres predicados sociologicos: — Liberdade, Igualdade, e Fraternidade? Accaso entre nós os teme a mulher?...

Rio de Janeiro.

(Continúa)

IGNEZ SABINO

DURANTE A TEMPESTADE

Geme a floresta aos impetos do vento; Rebôa, forte, a tempestade agora... Carrancudo e sombrio o firmamento Copioso pranto sobre a terra chora.

Turvado o espaço, triste e nevoento Nem uma estrella, e inda vem longe, a aurora.

Noite escura de mais. Rairoso e lento Brame o trovão pelo infinito a fóra...

O fusilar ligeiro e scintillante Dos relampagos vem, instante a instante Cortar a treva traiçoeira e densa.

E ante todo o furor da tempestade, Passa n'ella, ai de mim, com que san-

dade E com que magoa! com que magoa im-

mensa!

AURELIO

PASSAMENTOS

Entre e regular numero de mortos que o obituario registrou na semana finda, a sociedade rio-grandense teve a lamentar a perda de tres estimaveis e virtuosas mães de familia; a Exma. Sra. D. Maria Cecilia Rios, digna progenitora do Sr. Silvestre Rios e sogra do nosso conceituado collega do «Echo do Sul», Sr. Alfredo Oliveira, cavalheiros a quem apresentamos sinceras condolencias, e mais as Exmas. Sras. D. D. Leufrida Martins de Lima, esposa do illustre magistrado Dr. Alcides Lima, e Romana de Mello Guimarães, consorte do Sr. commendador Mello Guimarães.

Aos parentes das respeitaveis finadas o «Corymbo» envia sentimentos.

CORYMBO

PUBLICAÇÃO SEMANAL

PROPRIETARIA E REDACTORA REVOCATA E. DE MELLO

Na Arena

Grande Deus! se ella lembra-se de subir á tribuna: — é utopista, se estuda medicina: — já não tem pudor: — se faz-se dentista é plena faceitica, e se escreve: — horror!... é uma desmollada que namora, que desce do seu throno, que tem direito a entrar nas tavernas, nos lupanares, nas casas de jogo; que idere fumar, beber congnac como quem bebe agua fresca da fonte, tornar-se máscula, emfim!

Como se enganam! outra como escriptora, é a sua missão sociologica.

Verdade seja que nem todas podem ser heroínas, affrontando a opinião publica de um meio, nada illustrado, e poucas, quasi, raras, sabem das fleitras das donas de casa para alistarem e nas fleitras da mentalidade e escrevem assim: Somos tanto como vós, homens, que arrogas á vos mesmos grande nome, talento, quando não passaes muitos, de pequenas me diocridades!... Nós, temos o direito da perseverança, por tanto junto a vós nos collocaremos hombro a hombro. Um passo atrás meus senhores, em nome da intelligencia, e de nós outras que comungamos igualmente no banquete de mentalista humana.

O talento, não é unicamente partilha vossa... Eu sou vossa igual!

Ah!... com o sinto um callecito por passar-me a espinha d'argal como tre me a pena entre os m' dedos, ao expressar-me a mim; eu a mãe da mudez, a mais obscura das escriptoras brazileiras; eu, que tenho venicido uma compauba; eu, que tenho soffido os gollbes da inveja, e as reyenditas do escarneo; eu que affronto o melo e rio me do serca-me; eu que, remelhente aos antigos Apudens e a mimos cathecumenos, caminho na

vanguarda animando o estado da mentalidade feminina, entre nós!

D'aqui, vejo na imprensa Rio-Grandense um jornal feminino que conta já XIII annos de existencia.

Do meu modesto gabinete de estudo, imaginando trabalho e de dissabores, que tem duas fôrças mulheres affrontado para seguir as pugnas do bem. D'aqui por, através das marés, através do sentimento, através da vontade, através do coração, da amizade fraterna, através da liberdade da pena, da pilatra e do pensamento, etc. com as minhas diminutas fôrças intellectuaes, vou seguir o «Corymbo» pequeno embora, grande de aspirações, modesto ainda que pobre no intento!

As suas redactoras, são bem pontificadas. Elogia-as se desce a vulgaridade. Ellas estão na arena, empunham a lança de campeões.

Por si, se fizeram, por si irão na vanguarda do Pro-gresso...

Quem as impara?... Ninguém!...

Eu sou a amiga e collegas e cubro de flores o «Corymbo» que será para a Revocata e a Julietta, o lapidario das superiores gemmas do seu bonito talento.

INÊS SABINO

Rio de Janeiro Novembro de 94

A Umás Flores

São quatro flores singelas
Cheias de vida e frescura,
A traduzirem candura,
A repetirem saor!
São quatro flores mimosas,
São quatro flores pequenas,
Como as travessas phalenas,
Como os arjos do renhor!
Uma as mãos delicadas,
Mão perfumosa e querida,

D'aquellas que nos dão vida e sa
N'um só dos apertos seus!

Uniu-as mão de poet,
Mãe que escreve melodias,
Por isso ellas tem magiar e de co
Em todos os sonhos meus.
Rio Grande

Eco.

NINHO ABANDONADO

«Eis o ninho abandonado
Dos sonhos do nosso amor.»
V. DE CARVALHO.

Isolado, poetico, allencioso e triste, elle lá está, suspirando e restando.

Não mais pelo cabir da tarde o teu vulto meditativo e bello apparece á janella por entre as verdes trepadeiras; não mais pela calada das noites de lua quando os astros ostentam no firmamento toda a pujança da seu incomparavel brilho, e cuto d'aquelle ninho abençoado os deliciosos sons do saudoso violino que tantas e tantas vezes falou-me ao coração, apaixonado.

Não mais o bando alado de dulcissimos cantores, vem posar graciosamente á beira do telhado do ninho dos nossos sonhos!

Tudo mudo, tudo queto.

E' tão triste, tão saudoso, tão lugubre mesmo o olhar a vivenda onde se foi feliz, onde se amou e onde como que escutou-se um coração pulsar por nós, e agora o gelo da indifferença palpita em todos os objectos, e não mais uma voz amiga pronuncia o nosso nome...

E' tão triste, tão triste que a alma confrange-se e as lagrimas mau grãdo nosso, despiet de me e nos pelas faces vagarosamente!
Volta, Menestrel, volta, não tardes!
Vem de novo posoar aquelle gen!

CORYMBO

PUBLICAÇÃO SEMANAL

PROPRIETARIA E REDACTORA REVOCATA H DE MELLO

PATRIA

VERSOS DE GUERRA JUNQUEIRO

III

(Continuação do n. 9)

O verso alexandrino, inventado no século XII pelo poeta francez Alexandre de Bernay que decantou as façanhas heróicas de Alexandre, o Grande, acompanhou o idioma francez desde o seu periodo embryonario até ao actual desenvolvimento.

De especialissima estuctura, á com posto de dois hemistichios de seis syllabas cada um, de tal forma concatenados que se o primeiro finalizar em

Verdade seja que nem todas podem ser harmoniosas affrontando a opinião publica de um meio nada illustrado, e poucas, quasi raras, sabem das flelras das donas de casa para alistarem-se nas flelras da mentalidade e escreverem assim: Somos tanto como vós, homens, que arrigaes á vos mesmos grande nome, talento, quando não passaes muitos, de pequenas mediocridades!.. Nós, temos o direito da perseverança, por tanto junto á vós nos collocaremos hombro a hombro. Um passo atraz meus senhores, em nome da intelligencia, e de nós outras que comungamos igualmente no banquete de mentalidade humana.

O talento, não é unicamente pertilha vossa... Eu sou vossa igual!

Ah!... como sinto um calafrio passar-me a espinha dorsal como tre me a penna entre os meus dedos, ao expressar-me assim; eu a mãe nu míde, a mais obscura das escriptoras brazileiras; eu, que tenho vencido uma compaña; eu, que tenho soffido os gibões da inveja e as revenditas do escárnio; eu que affronto o meharinho meddo sarcasmo; eu que, remelhante aos antigos Apostolos animados cathecumenos, caminho na

creve-o ás vezes como se escrevesse prosa.

O livro «Patria» acha-se inçado de versos horrorosamente incorrectos.

Submetto á apreciação dos entendidos, um punhado de trinta, colhidos logo nas primeiras scenas. São estes os monstros:

Um talento, uma coisa grande de espantar: As tremendas calamidades da nação; Teopattas, bruxarias, judiarias; O mal estar... de saço cego, uma aventura; Não, entretanto, parada feita: jogo ao rei! De maneira que apenas eu subime diota: Guimarães, Policarpo, Antunes, Brag. & C. ! Se emigrando me vejo livre de tal peste; ...

pequena embora, grande de aspirações, modesta ainda que pobre no intento!

As suas reflecturas, são bem conhecidas—Elogial-as? & descer á vulgaridade. Ellas estão na arêna, empunham a lança de campeões.

Por si, se fizeram, por si irão na vanguarda do Progresso...

Quem as impata?... Ninguém!..

Eu sou das amigas e collegas e cubro de flores o «Corymbo» que será para a Revocata e a Julietta, o lapidario das superiores gemmas do seu bonito talento.

IGNEZ SABINO

Rio de Janeiro Novembro de 94

A Umás Flores

São quatro flores singelas

Chelas de viço e frescura,

A traduzirem candura,

A repetirem amor!

São quatro flores mimosas,

São quatro flores pequenas,

Como as travessas phalenas,

Como os arjos do senhor!

Unta as mãos, deliciada,

Mão perfumosa e querida,

veis versos de Junqueiro com a perfeição dos versos de B. cage na espirotuosa fabula da macaca namoradeira.

A MACACA

Nos cerros do Brazil diz certo author que havia Uma namoradeira, uma sagaz bugia; Mithôas de chichibéas pela tafol guinchavam E por não terem aza o rabo lhe arrastavam Qual, cahindo-lhes aos pés, de amores cego e louco, Nas cabelludas mãos lhe apresentava um edco; Qual do as ucar hitha-te a sumarenta cana. E qual um an-naz, e qual uma b-mana. Ella com riso astuto, ella com mil caretas, Lhe entretinha a paixão, lhe ia dourando as pelias;

Os olhos requ-brava ao som de um su pirinho, A todos promettia o mais fiel carinho, E se algum lhe rogava especial favor,

...

lento, poetico, silencioso e triste, elle lá está.

Não mais pelo cabir da tarde o teu vulto meditativo e bello apparece á janella por entre as verdes trepadeiras; não mais pela calada das noites de lua quando os astros ostentam no firmamento toda a pujança de seu incomparavel brilho, escuto d'aquelle ninho abençoado os deliciosos sons do saudoso violino que tantas e tantas veses falou-me ao coração apaixonado.

Não mais o bando slado de dulcissimos cantores, vem posar graciosamente á beira do telhado do ninho dos nossos sonhos!

Tudo mudo, tudo quieto.

E' tão triste, tão saudoso, tão lugubre mesmo olhar a virenda onde se foi feliz, onde se amou e onde como que escutou-se um coração pulsar por nós, e agora o gelo da indifferença palpita em todos os objectos, e não mais uma voz amiga pronuncia o nosso nome....

E' tão triste, tão triste que a alma confrange-se e as lagrimas mau grato nosso, desprendem-se nos jels afagos vagarosamente!

Volta menestrel, volta, não tardes. Vem de novo povoar aquelle gentil

em honrosas referencias ao retratado, do vulto moral e intellectual do distincto escriptor, discripto encomiasticamente.

Ultimamente tem o apreciavel rio-grandense sido alvo de duas identicas manifestações da apreço, pois o conhecido «Almanack Luso Brasileiro» que se publica em Portugal, trouxe tambem o retrato de Damasceno Vieira, seguido de um bello estudo biographico.

Felicitemel-o.

Federalista

(A REVOCATA DE MELLO)

A bolsa dos ricos alargou os cordões, deixando ver no fundo um lastro de ouro.

Em nome da patria e da dignidade commum commettiam-se as peiores accções, enxovalhava-se a alma nacional.

Pelo campo á fora, existia a família bem cultivada, entalada da Cunga, o seu proprietario, moço instruido e viajado, que introduziu nos seus dominios os modernos processos da arte de criar.

Os seus campos, as suas mattas ricas de madeira, o seu gado, os seus animaes, o trato fino le sua mesa, o asseio da casa de moradia, muito confortavel; as maneiras amenas e finas, tornavam-no querido e procurado.

Que bellos aquelles tempos em que os rapazes divertiam-se a correr a cavallo pelas vastas savanas e coxilhas, emquanto a fazer pic-niks e a dansarem em animadas soirées queixosas habaneras, as moças, que mal comprehendiam os accidentes da vida!... Como tudo passara!...

E que especial sabor tinha a horva matte, tomada na cuia com bomba de prata assente sobre garras de leão do mesmo metal, algumas ricas com caprichosos labores, outras simples, apenas adornadas com um ligeiro friso, quando nas longas noites de inverno, ao sopro do «minuano», a familia fazia serão á luz do candieiro!...

Seu casamento fôra pomposo, —quasi fidalgo duraram oito dias as festas, emquanto elle fascinado pelo sorriso

de Adelia, viá escoarem-se as semanas da lua de mel, audacioso, ardente, ella timida, vaporosa, poetisando a phase que frua, reclinada ao hombro delle, deixando arrastar o pensamento n'um bem estar supremo ao flectar das janellas o prateado das aguas onde acola e além bebia o gado, farto de pasto macio e perfumado.

Rompeu á revolução.

Em nome da familia rio-grandense chocavam-se as opiniões, e alterava-se o pensamento.

O vandalismo imperava; não havia treguas; o sentimento, a caridade; o coração, tudo vestia uma outra forma. Entristecido, Miguel de Frias, federalista por convicção, generoso, leal, dera gratuitamente parte de seus animaes, assim como fornecia gado para matar a fome daquelle punhado de bravos; que, herdes, arrostavam sacrificios; affrontavam a miseria; desfazião-se dos seus haveres em proveito de uma causa nobre e santa.

E com a alma sadia o moço na perquisição do seu direito, reputava caução que commungasse as idéas delle. Morrer ou vencer, era a sua divisa.

Por em quanto, porém, não lhe tinha sido necessario fugir; abandonar como um foragido, os seus commodos, o seu lar.

Quanta cruexa, quanta covardia praticava-se, desrespeitando-se a familia, o pudor, sem ter o paciente direito de revelar-se tal qual era!

Sim! No campo da honra, pensava elle, só existe uma alternativa: vencer com honra ou morrer como herde.

Bandido, ladrão, ou agiota deve confessar e fazer respeitar a soberania da sua opinião.

Uma tarde, quando o sol em convulsões sanguineas, despedia-se da natureza, a familia achava-se reunida na sala de jantar, ouviu-se o tropel de animaes que se approximavam.

Muitos dias antes a esposa com a intuição que possui a mulher sensivel, em segredo, tremia, prophetisando uma desgraça.

Ao par das injustiças que se praticavam, aconselhava ao marido, ou que se retirasse, ou então francamente, declarasse o que era: assim seria melhor.

Ella sabia quanta revendicta se praticava, por isso, sempre que tinha occasião lembrava-lhe o alvitre.

«Nada me succederá, respondia tranquillamente; a causa é nossa, aguardemos o que ha de vir».

O tropel avizinhavam-se mais; varios homeas em fogosos cavallos, pararam perguntando pelo dono da estancia.

O sangue do moço gaúcho alterou-se, apesar de, conforme as leis da hospitalidade, convidal-os a entrar.

—Que desejam de mim? perguntou.

—Que nos acompanhe; respondeu o que parecia chefe.

—Para onde?

—Para uma justificação.

—Não desço a miseria: sou livre, independente; não me declarei politico, o que querem de mim?

—Seguir-nos e nada mais.

—A's suas ordens, deixem me apenas ir prevenir a minha mulher.

Com effeito, ella, aterrada, livida, prestes a desfallecer, sentia bater-lhe a pressadame (Gonçalves)

em direção aos comedores que prometteram dentro em uma hora o moço de volta.

Com certo presentimento partio. As duas leguas da villa estavam longe de serem feitas, quando ao entrarem n'um atalho traiçoeiramente um dos que o acompanhava cravou-lhe o punhal tres vezes, dizendo-lhe:

«Morre federalista, e que te venham agora resuscitar, os teus infames confrades».

Como a luz morticia de uma tocha o ultimo rai sanguineo do sol allumiu o cadaver do estancieiro e os vultos dos inimigos que fugiam ligeiros.

A bolsa dos ricos alargou os cordões, deixando ver em nome da patria um enorme lastro de ouro, que se transformou em sangue.

IGNEZ SABINO.

(Das noites tempestuosas).

CORYMBO

PUBLICAÇÃO SEMANAL

PROPRIETARIA E REDACTORA REVOCATA H. DE MELLO

O VIOLINISTA

Acrisio era um elegante rapaz apaixonado pela musica, que cultivava com ardor e reconhecido aproveitamento.

Teria de 26 a 28 annos. Esguio, pallido, tristonho, consolava as suas grandes e mysteriosas magoas arrancando ao violino as dulcissimas harmonias que só o arrebatador instrumento sabe traduzir.

Havia o que fosse de luctuoso em sua existencia, que o violinista procurava occultar e que lhe atormentava dia a dia o viver.

As dores sepultadas no recondito do coração, que não respiram, que se não communicam a quem quer que seja, martyrisam, sangram, matam lentamente.

Acrisio soffria muito, e o seu grande soffrimento não lhe permittia reparar em Jacy, pobre creatura que o amava perdidamente e que se sentia morrer por elle.

Impressionavel, idealista, creadora de utopias; a moça visionaria via Acrisio em todos os seus sonhos de acordada, em todas as phantasias de seu cerebro ardente e doentio.

Quantas vezes levantou-se as dez horas de uma formosa noite de estio para escutar á janella os gemidos do violino ou a voz romanescaamente saudosa do sympathico violinista, cantando amorosa canção!

Quantas, ai! quantas!

«Amor sem esperanza é céo sem astros.»

Uma enfermidade de coração consumia-lhe a vida.

Ella, ou não conhecia o seu estado ou era-lhe indifferente a morte, porque ninguem a via preoccupada com a molestia.

As dores Moraes em certos organismos actúan mais poderosamente que as phisicas; e Jacy tinha a desgraça de estar verdadeiramente apaixonada pelo moço artista, que a fita-

va indifferentemente, razão porque a morte apparecia-lhe como um balsamo consolador.

Acrisio passava horas inteiras na solidão do seu poetico mirante confiando ao violino, os sentimentos que o avassalavam; e o violino, esse instrumento do céo pagava-lhe em ethereas harmonias as suas dolorosas confissões.

Dir-se-ia que passava pelo mundo sem o ver.

Jacy, porém, vendo-o ou senhando-o, vivia d'elle e para elle.

Acrisio nem sequer suspeitava o culto que merecia á moça idealista.

Correram dias, mezes mesmo, e a inquietosa violeta que se occultava na sombra da onda essencia peregrina de sua paixão evolvia-se com mais intensidade, morrou.

Morreu ao cair do crepusculo de uma serena tarde de outubro, quando as rosas entreabriam os brancos e rosados botões, e as madresilvas es-tornavam pelo ambiente o seu perfume indefinivel.

Morreu amando; e Acrisio veudo por entre os vidros da sua janella pagar o enterro da moça sonhadora, não teve para ella um sentimento sequer de gratidão, apenas como a sua alma de artista fosse emocionada pelo commovente espectáculo, tocou essa noite mais inspirado, mais triste, mais encantador, no seu querido violino!

Julietta de M. Monteiro.

A Mulher Brasileira

(Do Genesis Espiritual)

MORAL

Dirijo-me agora directamente a vós, crianças do meu sexo e mulheres modernas do futuro, sobre cujas fronteiras brincam esses cabellos louros co-

mo os raios do sol e baila a alegre nesse olhar cor de myosotis ou negros como dois diamantes sem preço.

Sabeis por accáso, meninas, que vêm a ser entre nós a mulher moderna e qual o papel que lhe caberá mais tarde?

Seja qual for a sua posição, jámais deverá ser analfabeta.

Graças ao governo do nosso paiz, acha-se disseminada a instrução popular pelas muitas escolas, entre as quaes esta, sob cujo tecto aprendeis a ter como guia — o cerebro e como juriscoconsulto — o coração.

Com o recurso do ultimo exame prestado entraes no vosso lar, aonde talvez mandem as condições precarias da vossa familia, que vos torneis uma mulher forte.

Ser forte não é ser grosseira, nem tirar os direitos dos homens prejudicando a moral, nem tão pouco fazer serviços rudes além das suas forças.

Ser forte é ter noção da pratica do Bem, da honra e da caridade.

Ser forte, é mostrar-se sobranceira, ante as vivissitudes sobrevidas, provando á familia que é feliz em face dos desgostos tendo muitas vezes pelas conveniencias, seccos os olhos, embora lagrimas no coração.

Ser forte, é affrontar o desespero a falta de recurso pelo trabalho, sem fazer alto na paragem da virtude, embora o vicio diga-lhe «retrocede», ella a pizar sobre espinhos, no fim do trajecto, veja mais brilhante a sua corôa da innocencia immaculada.

Ser forte é andar em dia com a consciencia e com o seu coração, olhando compassiva para a infancia, para o desgraçado, assim como para aquelles que são mais infelizes do que nós.

Da mulher depende o esteio secular da sociedade, já como cidadã, já como esposa, mãe irruã e amiga.

A politica discutida pelos jornaes, é

para ella por enquanto uma irrizão, quicá pernicioso para o meio, ao passo que deve entretanto saber o que significa a palavra — «Constituição», quaes foram os presidentes do seu país, quaes as festas nacionaes e populares, a fim de instruir a seus filhos — isso sim.

O politica da mulher deve ser a politica da tua sciencia que ella ignora, mas que tu tanto alcance tem como a politica das crianças.

A mulher é o ajuí da humanidade, é a sacerdotisa da familia, e para que ella conheça o valor da alta missão que falta parecer uma soberana, deve cumprir o código do bom tom e as regras da civilidade tambem.

Saber educar a sua prole, saber dirigir a sua casa, saber tornar-se a enfermeira dedicada e amiga da sua amiga, é esta a sciencia que fará a mulher forte; exemplificando-a de mais

A brasileira; não obstante seu bello exemplar de mulher dedicada, um cofre de ternuras e da confirmação do sacrificio quando elle se torna preciso, ainda falta comtudo comprehender a grande politica do lar que ácima me refiro, nessa delicadeza infinita da diplomacia que deve mostrar nas rixas da familia, abstrahindo de si, como esposa, o inferno do ciúme, tendo em vista que a sua casa, é o templo onde os pais, o marido e os irmãos, sítam-se em paz, abençoando a vida.

Assim, na psychologia alheia, ella aprenderá a sua propria, na exaltação das virtudes e da moral, sendo fidalga na dor e modesta na ventura.

Que disso faça um estudo e veja como tudo mudará de face ante a effigie da mulher forte.

Inês Sabino.

Heloisa

(FRAGMENTO INEDITO)

— Tu sabes que todos aquelles que escrevem para a imprensa, embora os seus escriptos não tenham o minimo merecimento, caso aliás vergonhoso e feio em que sempre me contei, tem sempre pelo menos um leitor — que é o auctor da «coisa». Pois eu que me considerava na classe daquelles que só tem o leitor referido, deixava de seguir essa regra invaria-

velmente seguida pelos tolos e pelos necios, para procurar com soffrega avidéz os escriptos de «Heloisa» ou de «Sompambula»:

Enlevava-me e prendia-me a leitura dos seus bellos threnos e, quer fossem artigos em prosa quer fossem inspirados versos, aquelle estylo primoroso encantava a minha alma, e a pobre, como que se sentia outra, — fascinada pelo bello, enthiasmada pelo sublime.

O encantamento e a fascinação inexplicaveis que eu sentia, ao lér tremulo e ancioso, as producções litterarias de «Heloisa», inebriavam o meu coração de um goso tão intenso e profundo, que eu não sei se n'aquelles instantes rapidos, mas sempre com crescente fervor, repetulos — o meu espirito se evolava e ascendia ás regiões hyperbolicas do sonho, onde necessariamente habita a Demencia e a Loucura.

O que é certo, porém, é que lia e relia os escriptos de «Sompambula» e, tal era a soffreguidão com que fazia essa leitura, que nem sei se mais devorava do que lia.

No entanto, bastantes annos já são passados e, para com sinceridade te falar com franqueza nem a despeito do tempo tão longamente decorrido, nem dos desenganos e vicissitudes da vida... eu ainda hoje sinto o ardor do mesmo enthusiasmo, ainda hoje o meu coração se agita e inflamma todas as vezes que recebe cartas ou noticias d'ella.

— «Nisso dás uma prova, a mais sobeja, de seres ainda um refinado pateta, disse dogmaticamente Henrique.

Bem conheço o teu genio, o teu temperamento demasiado impressionavel e sentimentalista, e que está plenamente de accordo com o teu modo de pensar e de sentir. E não se faz mister possuir eu aprofundados conhecimentos do coração humano, para aquilatar do deploravel estado lo teu espirito nesses longos e dolorosos tranzões de romanticismo por que tens passado.

A leitura de um escripto de mulher, onde sonhaste uma Sapho ou uma Hypathia, começaste por notar um colorido, um sentimento e uma expressão que não havias encontrado ainda nas mais fulgurantes producções dos escriptores de mais estófo; e por uma inducção naturalissima em semelhante estado espiritual, começaste tambem por crear dentro da tua fantasia uma constellação de astro ru-

tilantes, de magicas estrellas refulgentes, de sóes brilhantes e extraordinarios que, se não eram bastantes para illuminarem o mundo com seus raios luminosos — eram todavia sufficientes para incendiarem a tua incandescente imaginação, já de natureza propensa a esse genero de irradiações vulcanicas.

No lôpo de tudo isso, e muito acima de todo esse fastastico esplendor que te deslumbrava, collocaste, com um supedaneo formado de nuvens brancas e auroras rosadas, a tal poetisa dos teus sonhos, dos teus anhelos e das tuas maluquices... E, como afinal de contas, tu nunca passaste de um pateta da maior marca, começaste tambem a sonhar com esses esplendores que te punham o côco em brasas, e, por cumulo de todos os teus devaneios, julgaste-te guindado até essas nuvens chimericas que havias condensado em tua mais que tresloucada fantasia.

Juvenal fez com a cabeça um gesto que nem era affirmativo nem negativo mas, bem no intimo de sua consciencia elle confessava a si mesmo, que o seu amigo tinha razão.

Realmente, o que tu synthetico que Henrique tão perfeito e cabalmente havia esboçado, repetizia com pasmosa fidelidade o estado do espirito de Juvenal, propenso naturalmente á contemplação do bello, á concepção do maravilhoso, á idealisação do fastastico.

Gall, Spurzheina, Larrey e outros tantos abalisados phrenologistas poderiam, analysando o estado do espirito e as protuberancias do craneo de Juvenal, julgar e explicar os phenomenos que produziam a affectiva de sua alma para com essa chimera que nella mesmo se havia alojado e adquirido fórma, e, até, embora rasteje pelo absurdo esta inverosimil disparidade — possuia vida animada e expansiva.

Porém, apesar das sciencias phrenologica e psychologica tanto terem investigado e avauçado na analyse dos sentimentos humanos, é bem de suppor que a respeito das condições especiaes de Juvenal, a sciencia esbarraria de encontro a uma apocatyptica figura, mais inexplicavel e incompreensivel do que a besta dos dez diademas.

De ha muitos annos que Juvenal procurava estudar-se e definir-se a si mesmo. Nas locubrações espirituales em que constantemente se immergia, o pobre rapaz bem procurava reagir contra aquella força occulta e extranha que o subjugava, e que totalmen-

CORYMBO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

REDACTORAS

REVOCATA H. DE MELLO --- JULIETA DE MELLO MONTEIRO

Anno XVI ** Rio Grande do Sul, 1º de Março de 1899 ** Num. 110

FELIX FAURE

Mais uma vez enluta-se a gloriosa bandeira franceza.

Mais uma vez ajoelha, chorosa, a grande Republica, para oscular a fronte gelida de um filho extremecido.

A Fatalidade, que não cansa, roubando-nos sempre o que nos é mais caro, estendeu o seu braço possante sobre o braço de Victor Hugo e apontou a morte a presa escolhida.

Era ella Felix Faure !

Era o homem que, nascido no seio do obscurantismo, soube elevar-se até as culminancias do poder.

O illustre presidente da sempre grandiosa França, começou a sua vida como empregado de um cortume.

Foi mais tarde negociante de pelles ; depois adjunto do maire do Havre, e successivamente subindo, deputado, sub-secretario de estado das colonias no ministerio Gambetta, no gabinete Ferry e no ministerio Tirard.

Vice-presidente da Camara, ministro da marinha e finalmente ha quatro annos occupava o honroso logar em que a morte sempre impiedosa, sempre traiçoeira, o veio surpreender.

Prestou relevantissimos serviços ao seu paiz, que elle amava como verdadeiro patriota.

Consagrou-lhe parte de sua existencia, trabalhando sempre em prol do seu engrandecimento.

Fez muito pelo torrão que o vio nascer e que colheu-lhe o

ultimo suspiro ; o seu nome será sempre lembrado com respeito, veneração e saudade pelos seus contemporaneos.

A posteridade não deve esquecer-o.

Como Sadi Carnot, o presidente que acaba de descer ao tumulo soube impor-se, conquistando a sympathia dos seus concidadãos e a admiração do estrangeiro.

Teve um governo proficuo, de que oxalá o Sr. Emilio Loubet, que acaba de succeder-lhe, seja o continuador.

Paz aos restos do digno estadista tão inesperadamente roubado á Patria e á Família.

A' sympathica colonia franceza os nossos sentimentos pela grande perda soffrida

J.

CALMA APPARENTE

*A palpo o coração, é frio, eregelado,
Apparenta um silencio, uma nudez sem nome.
E, no entanto, elle esconde a febre que o consume.
Elle guarda um amor profundo, immaculado,*

*Busco chamal-o, eu não, silente, amortalhado
N'um stacismo atroz que o viso sepultou-me.
Indiferente á Gloria, aos sonhos de um renome,
Não ouve, não se agita, é quedo, amordacado !*

*Aearo de um amor que o tem escravizado,
Faz guarda ao seu thesouro, o pobre allucinado,
Temendo que haja alguém que o queira reaver;*

*E Ange que morreu, não fala, pra enganar-me,
Sem pensar que contrito inda ha de confessar-me
A historia desse amor, que é todo o seu soffrer !*

Rio Grande.

Revocata H. de Mello.

HONTEM, HOJE E AMANHÃ

DATAS NOTAVEIS

28 DE FEVEREIRO — Nasce em 1857, no estado do Maranhão, (então provincia) o distinctissimo Dr. Theophilo Dias,

um dos mais bellos e fu urosos talentos poéticos do nosso caro Brasil.

Morrendo na flôr da idade o inspirado sobrinho do immortal Gonçalves Dias, deixou farta colleção de provas do seu invejavel estro e fulgida intelligencia.

FLORES E AMORES, LYRA DOS VERDES ANNOS, CANTOS TROPICAES e FINFARRAS, são joias preciosas que não deixarão já-mais ser esquecido o nome do poeta.

1º DE MARÇO — Em 1870 termina a sanguinolenta campanha do Paraguay, onde o brioso exercito brasileiro cobre-se de glorias e immarcessiveis louros.

Salve, Patria Brasileira !

2 DE MARÇO — Mais uma vez veste-se de luto a grandiosa terra do Cruseiro, vendo morrer em 1814 o seu illustre filho Antonio Pereira de Souza Caldas, poeta de reputação firmada.

D. Delphina da Cunha

Vamos á valente terra dos gauchos, desses bravos herões que tanto se teem distinguido pelo valor, os unicos talvez (mas sem offensa) que se reduzem á pobreza voluntaria, sacrificando valores, propriedades, a favor da patria, desde que seja mistêr esse alvitre, que viu nascer a 7 de Junho de 1791 uma formosa criança, na fazenda do Pontal de S. José do Norte, Delphina Benigna da Cunha, filha do Capitão-mór Joaquim Francisco da Cunha Sá

e de sua mulher D. Maria de Paula e Cunha.

Um anno e pouco depois de nascida, foi atacada pela variola que assolava essa provincia, que-
rendo o infortunio que ficasse privada da vista.

Mas, é caso pratico e sabido, experimental até, que, se se perde um sentido, os outros se apuram.

O hymno da infancia não cantou as suaves e garrulas balladas de alegria nos frageis passos de Delphina que era timida e triste.

Por um contraste especial, porém, o talento se lhe desenvolvia n'uma graça toda nova, n'aquelle mesmo sorriso triste, posto que animado pela convicção de serem seus, sim, todos seus, os calorosos beijos maternos.

Desconhecia, é certo, o conjunto do mundo, comquanto o crescer em formosura a sua alma regulada pela força que a natureza dirige, ella sujeitava a vontade ao sentimento e d'ahi os seus bons versos.

Assáz intelligente, modificára a sua doença moral sentindo a unidade do seu ser revelar-se soberana.

Uma como que paixão predilecta dava-lhe força vital, vida ao espirito, conquistando pelo talento as sympathias dos estranhos.

Só a intelligencia pôde dominar a materia, assim como harmonisar as cousas n'uma serenidade infinita.

O espiritualismo consegue penetrar abysmos que a pessoa rude desconhece e gosos indefiniveis a quem estuda e trabalha.

Os seus primeiros versos causaram impressão, ouçam-n'a :

(Continua).

Rio de Janeiro.

Inez Sabino.

TRIOLET

Hoje um sorriso, um suspiro,
Uma esperança, uma flôr,
Em premio ao que tanto aspiro
Hoje um sorriso, um suspiro.
Amanhã... mas, eu deliro,
Dá-me outra vez doce amor,
Hoje um sorriso, um suspiro,
Uma esperança, uma flôr !

M.

IRRISÕES

Emquanto o potentado em farta e lauta mesa
Dá largas ao prazer, á grande saturnal,
Além se escuta a voz da misera pobreza
Um leito mendigando ás portas do hospital.

Sem ter um seio amigo, errante, abandonada,
Ao peso da desgraça e de afflicções austeras,
Expira tristemente em lagrimas banhada
A deslitosa Mãe do autor das PRIMAVERAS.

Mais longe pára um vulto enfermo, soluçante,
De fronte enbranquecida em fundas agonias,
Embalde erguendo a mão murmura ao caminhante :
— Esmola á pobre Mãe do bom Gonçalves Dias !

Tributo pago ao vate !... E ante a vil grandeza
O pranto do infortunio, ó Deus ! o que é que val ?
Té mesmo que a virtude á fome sendo presa
No vicio se desvaire e entregue ao lodaçal.

Que importa a dôr alheia ? Os ricos homens d'ouro
As flôres da pureza arrojaram pelo chão.
E vis querem lançar co'as faces sem decoro
As filhas da desgraça ás mesas de um balcão.

Se um dia a triste flôr seguindo a negra sina
As festas lhes turbar, pedin lo-lhes um pão,
O rico bradará : — Arreda, Messalina !
Não pôdes ter siquer do mundo a compaixão.

Que importa o crime e a dôr, se em farta e lauta mesa
Dão largas ao prazer, alento á saturnal ?
Lá fóra em abandono a misera pobreza
Mendiga pela rua ou morre no hospital !

Pelotas.

Cantilla Abreu de S. Pereira.

O Lar Domestico

A ORDEM

(Continuação do n. 108)

Nenhuma occupação feminil reclama tão grande exactidão como o cosinhar. Ha casas em que a cosinha se acha completamente entregue á criada, o que é um mal de effeitos perniciosissimos, não só quanto ao bem estar geral, mas, tambem quanto á falta de economia no gasto dos generos com que uma criada causa os mais sêrios e ininterruptos prejuizos a uma casa mal dirigida.

Ordem nos commodos é outra exigencia domestica a que uma dona de casa tem o rigoroso dever de dedicar toda a boa vontade e energia. Os moveis das salas e dos quartos, os utensilios da cosinha e despensa, os vestidos, a

roupa do pae, do marido, dos irmãos, bem como a roupa branca, devem estar escurpulosamente arrumadas e limpas. A ordem e o asseio contribuem poderosamente para a conservação de todos estes objectos. Esta obrigação é a mais facil entre todos os deveres domesticos a quem a dona de casa tem de submeter-se, porque o sentimento do bello que a natureza nos deu como instincto, é um auxiliar de inestimavel importancia.

A ordem nos commodos consegue-se facilmente collocando-se cada objecto, cada peça do vestuario em seu logar apropriado. Deste modo nunca perder-se-á cousa alguma e evitar-se-ão muitos desgostos e desperdicio de tempo. Ha senhoras que arrumam e enfeitam com pedanteria a-sua sala

CORYMBO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

REDACTORAS

REVOGATA H. DE MELLO — JULIETA DE MELLO MONTEIRO

Anno XVII * Rio Grande do Sul, 15 de Fevereiro de 1900 * Num. 133

DELIA

(Conclusão)

Formosa, com os bons predicados que possuía, a fascinação da gloria entreabria-lhe o reposteiro da fama, a vaidade veio oscular-lhe as plantas, a phantasia com o poder do seu doirado filtro fel-a, qual mariposa, embriagar-se de um ideal que aos poucos, pelo declive da realidade terrível, desceu, tornando-a em pessimista rancorosa, descrente, desamorosa pois que soffria, mas não se vingava.

E o coração, aquelle orgam palpitante, a victima do sarcasmo, resentido, só encontrava um allivio na penna, nessa especie de suggestão que arrasta o artista e fal-o comparar ás aguias que fictam o sol, mas que encarando-o, como se humilhadas da afouteza, descem á terra e vão das miserias da vida tirar o proveito do proprio mal, apresentando-o como exemplo na cartilha da experiencia...

Foi por isso que ella tornou-se em uma especie de Zola de saias, deixando na «Lesbia», o seu melhor trabalho, o cunho da escriptora que diz convicta o que sente e não se arrepende do que assévera. D'ahi a nobreza da phrase, a firmeza da penna.

Nesse romance fez a sua auto-biographia, dando a conhecer as amarguras que estralhavam-lhe as illusões, prestes a cahirem de todo...

Eu que ouvi ler o prologo desse livro ainda em manuscrito, analysando-o agora friamente, assim como a «Aurelia»,

«Magdalena» e outros mais, hoje que a pedra fria do tumulo occulta aquellas formas seductoras, ao acaso abro-o transportando para estas paginas o trecho que se segue:

«E' um monstro de orgulho o rei da criação, esse miseravel bipede sujeito á miseria, á dor e á morte, encerrando no fragil torax o mais sordido egoismo, á par de insensatas vaidades e tolos preconceitos. Tomando muito ao sério a sua realeza sobre todos os seres, refere tudo a si, exige constantes zumbaias, esquecendo que a sua superioridade apenas consiste na sua intelligencia ou por outra, na facultade de dissimular e de machinar, dosando assim a sua perversidade.»

Era ella que se retratava, despeitada, quando na culta sociedade que a viu nascer, ao passar pelos salões arrastando a longa cauda do seu vestido de baile espumante de arminhos com arregaços de flores, collo nú, braços esculpturaes, olhar avelludado, soberana pelo talento a analysar tudo com certa perspicacia julgando e sendo julgada, depois olhava-a com desdem. Terrível irrisão... Não foi melhor morrer!...

Com tudo, a descrença não lhe havia ainda sacudido os nervos, tornando-a em escarinho de si propria...

Depois da sua desastrosa «Celeste», seu ultimo livro, incomprehenhível, tresloucado, aneurasthesico, um livro mau de psychologia, appareceu o seu ultimo trabalho litterario numa orientação toda nova, nessa «Myladay», feita sobre outro

molde, burlado com esmero, um quê de philosophia na phrase, correcta na forma que segundo Scherer, faz o successo ou o descredito de um trabalho.

Foi este o seu testamento litterario; foi esse o ultimo mimo que legou ás letras n' «A Noticia», que deve orgulhar-se de possuir aquella joia.

A litteratura entre nós, por emquanto é mal comprehendida, sei, mas, se não se obscurecer o merecimento da mulher escriptora, o nome de Delia, tem direito a ser lembrado.

Ignéz Sabino.

(Das «Mulheres Illustres do Brasil».)

A vida é o delirio de uma febre mais ou menos intensa, que nos arrasta a abraçar uma sombra vã e fugitiva que na linguagem da nossa loucura chamamos — felicidade.

Dr. Gomes de Souza.

IDEALISMOS

Vagam no ar mil perfumes,
Veste o céu alegre cor,
Dós astros os vivos lumes
Segredam: — Amor, amor!

Um canoero saudoso
Guia um batel todo alvor,
E vai cantando amoroso
Sentidas trovas de amor!

Por sob a minha janella
Desbrocha candida flôr,
Branca, odorosa, singela
Qual um poema de amor.

A lua, seu véo de prata,
Dós amantés protector,

CORYMBO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

REDACTORAS

REVOCATA H. DE MELLO — JULIETA DE MELLO MONTEIRO

Anno XVIII * Rio Grande do Sul, 1º de Junho de 1901 * Num. 164

PATRICIAS

(Seculo XIX)

..... Conclusão

DEPOIS somente a separação de bens e corpos não bastam, ainda que a elles unicamente recorram os inimigos do casamento.

Foi sem duvida intempestivo o escrupulo clerical, se bem que todos saibam que no antigo casamento religioso os queixosos se dirigiam, não, aos padres, mas sim aos juizes, salvo, quando Roma acodia como mediadora em circumstancias gravissimas.

As leis civis que se lembrem dessa medida um dia e verão como se pôde acabar terriveis abuzos.

A outra, foi a lei do direito de voto, que daria lugar pelo direito racional da propria sociedade, a desintelligencia dos sexos.

Esse alvitre alteraria os nossos costumes e os nossos habitos, dando margem a grandes desgostos motivados pela critica talvez justa, em razão de não estar a mulher entre nós preparada para tal fim.

De mais, ella ainda ignora o que seja lei, desconhece a sciencia da politica e a consciencia do que seja Liberdade, Igualdade e Fraternidade, tornando-se necessario que primeiramente conheça a fundo o que seja a politica do lar, sciencia que ella ignora mas que tanto valor tem como a politica das nações.

Entre as senhoras distinctas que fazem parte da sociedade brasileira, temos medicas que

muitos julgam feridas no seu pudor, sem se lembrarem que o melindre só se ultraja quando a mulher se desrespeita.

As que assim procedem e foram no amphitheatro medico conhecer o corpo humano, fizeram-n'o por vocação, visto poder existir vocação scientifica, da mesma forma porque as ha religiosas e artisticas.

Já que do mutuo auxilio é que vive a sociedade, abra-se francamente á mulher compatriota a cortina do progresso á que ella tem jus.

As mães, sobretudo, é que devem cuidar da futura felicidade e gloria das suas filhas, fazendo-as conhecer o bem e o mal, para delle se livrarem, conseguindo essa educação pratica sem violencias mal comprehendidas, levando em conta as aptidões e os temperamentos.

Dê-lhes uma educação mental solida, preparando-as para não serem peçadas a ninguem.

Affastem dellas os elementos prejudiciaes das más companhias, das más leituras, dos theatros, onde as Revistas fazem corar as que tem pudor, inicie-as no trabalho, na modestia, na caridade, criem-n'as sem vaidades, sem orgulho e sem baixeiras, se quizer vel-as felizes e respeitadas.

O elemento religioso é extremamente necessario. A perseverança na virtude e a coragem no infortunio, fazendo com que o cerebro desça ao coração e o coração suba ao cerebro, tornam-as-hão em pedagogas de si proprias.

Sem se aterrorisarem com as

opinões alheias, alijem estes dous organos, que serão fortes no tirocinio da vida, sendo senhoras e não mulheres piegas e futeis.

Bem preparadas e sensatas quando ellas como mãe, educarem os homens do futuro, elles, mais tarde, no livro da Patria, escreverão o muito que lhes devem, por lhes ter ensinado a comprehender a alma das couzas, com o facto de que só ella dispõe.

Quando, enfim, não no seculo presente, mas n'outros seculos ainda, o nosso paiz sem luctas fraticidas movidas pela ambição, sem attentados politicos, sem paixões revoltosas, sem dividas no seu erario, veja-se feliz e independente, conscião do seu grandioso papel, tido enfim, como um poder sem competencia, a mulher culta desses dias, transformada em mulher forte, eila, a cidadã convicta, a mãe exemplar, fará uma realidade das palavras de S. Paulo :

«A mulher é a gloria do homem.»

Inez Sabino.

Rio de Janeiro.

EMBRIAGUEZ

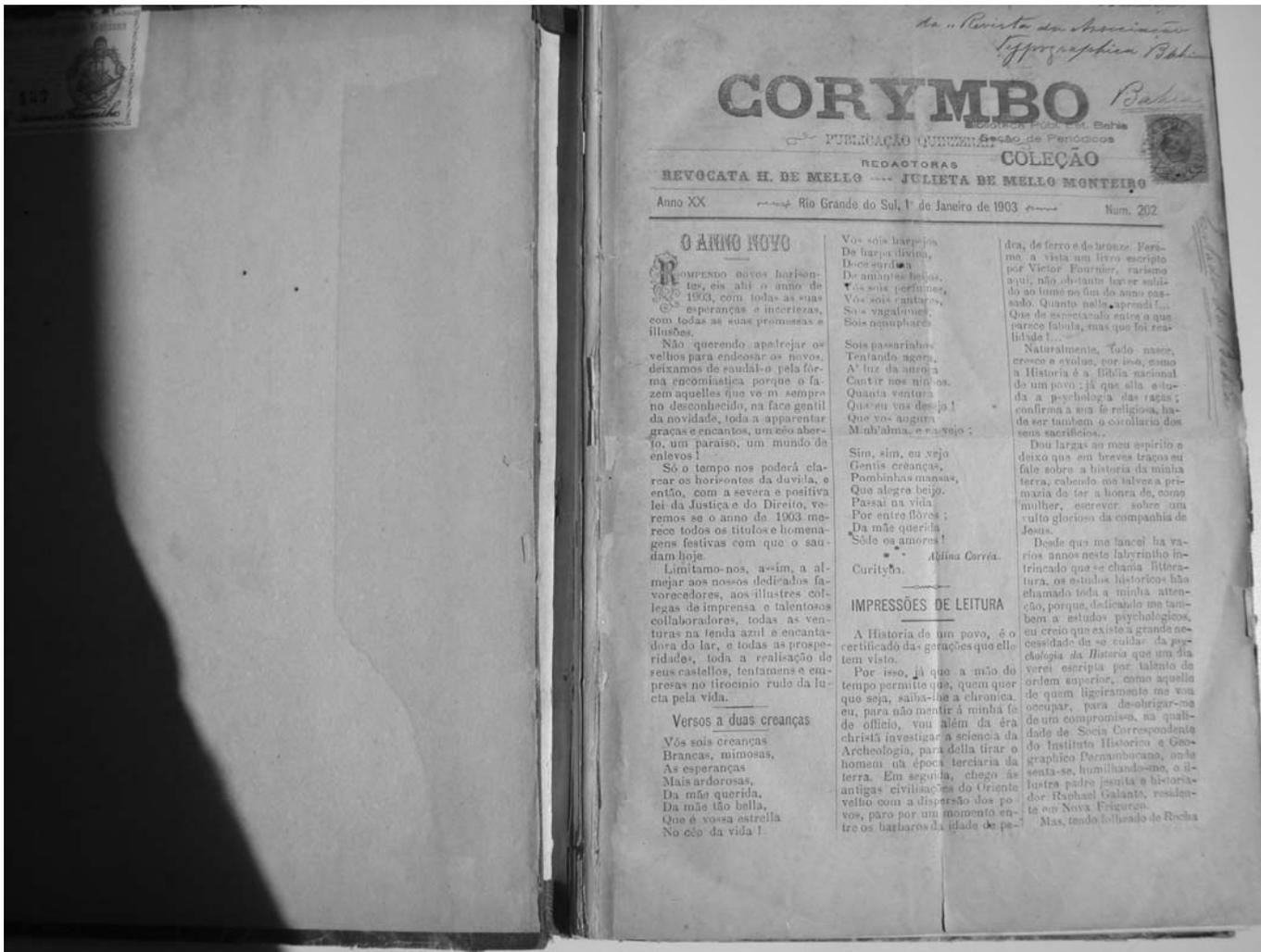
*Ha quem lusque esquecer fundos martyrios
Na embriaguez cruel, no ardor do vinho!
Almas brancas, mais puras do que os lyrios
Do cicio atroz restalam no caminho!*

*E seguem, seguem, té que encontram tyrios
1 a vez de sol, e dia a dia o espinho
Do mundo, sem piedade e sem carinho
Que nem poupa dos fracos os delirios!*

*Insania! a embriaguez do vinho é crime!
Só ha uma embriaguez grande, sublime,
Que nos transporta aos mundos ideaes!*

*E a embriaguez do Amor, doce feiurno
Que calistico e nos dá um goso eterno
A nutecendo venturas celestias!....*

Rio Grande. Idealista.



da "Revista da Associação
Litteraria Bahiana"

CORYMBO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL de Periódicos

REDACTORAS

COLEÇÃO

REVOGATA H. DE MELLO JULIETA DE MELLO MONTEIRO

Anno XX

Rio Grande do Sul, 1º de Janeiro de 1903

Nºm. 202

O ANNO NOVO

POMPENDO novos hori-
zontes, eis ali o anno de
1903, com todas as suas
esperanças e incertezas,
com todas as suas promessas e
illusões.

Não querendo apetrejar os
velhos para endossar os novos,
deixamos de saudal-o pela fór-
ma economicista porque o fa-
zem aquelles que ve-m sempre
no desconhecido, na face gentil
da novidade, toda a apparentar
gracias e encantos, um esbo-
ço, um paraíso, um mundo de
enlevo!

Só o tempo nos poderá cla-
rificar os horizontes da duvida, e
então, com a severa e positiva
lei da Justiça e do Direito, ve-
remos se o anno de 1903 me-
rece todos os titulos e homena-
gens festivas com que o sau-
dam hoje.

Limitamo-nos, a-fim, a al-
mejar aos nossos dedicados fa-
vorecedores, aos illustres col-
legas de imprensa e talentosos
collaboradores, todas as ven-
turas na tenda azul e encanta-
dora do lar, e todas as prosperi-
dades, toda a realiação do
reus castellos, tentamens e en-
cia pela vida.

Versos a duas creanças

Vós sois creanças
Branças, mimosas,
As esperanças
Mais ardorosas,
Da mãe querida,
Da mãe tho bella,
Que é vossa estrella
No céu da vida!

Vós sois harpijas
De farras livras,
Duce surta
De amantiss bobas,
Vós sois perfumes,
Vós sois cantares,
Sois vagalhões,
Sois nenuphars.

Sois passarinhos
Tentando agora,
A' luz da aurora
Cantar nos ninhos.
Quanta ventura
Que eu vos desejo!

Que vos augura
Min'h'alma, e a vós;
Sim, sim, em vós
Genis creanças,
Pombinhas namoras,
Que alegre beijo,
Passai na vida,
Por entre flores;
Da mãe querida
Sóde os amores!

Alfina Corrêa.

Curitiba.

IMPRESSÕES DE LEITURA

A Historia de um povo, é o
certificado das gerações que elle
tem visto.

Por isso, é que a unio do
tempo permitta nos, quem quer
que seja, sabia-las a chronica,
eu, para não mentir á minhá fe-
de officio, vou além da era
christã investigar a sciencia da
Archeologia, para della tirar o
homem em época terciaria da
terra. Em seguida, chego ás
antigas civilizações do Orienta-
velho com a dispersão dos po-
vos, páro por um momento en-
tre os barbaros da idade de pe-

dra, de ferro e de bronze. Fera-
mos a vista um livro escripto
por Victor Fournier, francez
aqui, não obstante lar-se salu-
do ao lume no fim do anno pas-
sado. Quanto nelle aprendi...
Que de espectacular entre o que
parece fabula, mas que foi rea-
lidade!

Naturalmente, todo nasce,
cresco e evoluo, por isso, como
a Historia é a Bíblia nacional
de um povo: já que ella, estu-
da a psychologia das raças;
confirma a sua fé religiosa, ha-
do ser tambem o cõrallario dos
seus sacrificios.

Das largas do meu espirito a
deixo que em breves traços eu
fale sobre a historia da minha
terra, sabendo me talvez a pri-
mizia de ter a honra de, como
mulher, escrever sobre um
culto glorioso da companhia de
Jesus.

Desde que me lancei ha va-
rios annos neste labyrintho in-
fructuoso que se chama Hítter-
tura, os estudos historicos ho-
chamado toda a minha atten-
ção, porque, dedicando-me tam-
bem a estudos psychologicos,
eu creio que existe a grande ne-
cessidade de se cultivar a psy-
chologia da Hítterica que um dia
verei escripta por talento de
ordem superior, como aquelle
de quem ligeiramente me vou
occupar, para des-obrigar-me
de um compromisso, na quali-
dade de Socia Correspondencia
do Instituto Historico e Geo-
graphico Pernambucano, onde
sentu-se, humilhando-me, o il-
lustre padre jesuita e historio-
dor Raphael Galante, residen-
te em Nova Friburgo.

Mas, tendo lido de Rocha



com-a que não é dado a qual-
quer.

Vae até o seculo XVII o seu
segundo volume, quando deu-
se a reentrega do religio-
so jesuitas no Collegio de S.
Paulo a mando de D. João IV.

Emfim, no seu livro, como
critico, elle é justo, nobre e
bom, dando ao leitor tanta luz,
tanta novidade que este ignora-
va, que as narrativas lidas, tor-
nam a ser relidas, por neces-
sidade pratica de quem quer
aprender.

O Brazil moderno deve a um
jesuita preclarissimo, esse belo
Compendio da *Historia do
Brazil*, com mais um beneficio
prestado por um homem que
tudo fez para a maior gloria de
Deus, mas, que sem o prever,
sem o orgulho dos papalvos,
mas sim com a modestia dos
doutos, dos egregios, conserva
para a sua Ordem a tradicion-
al sabedoria dos seus dilectos
filhos, e para si, a gloria do
trabalho.

E' esta a recompensa dos que
são verdadeiramente merecedo-
res de elogios sem regateios.

Ignês Sabino.

Novembro, 30—Hotel Metro-
pole — Rio de Janeiro.



Hontem, hoje e amanhã

Datas notaveis

14—Na villa de Maricá, nasce
A. J. de Macedo Soares, que
enriqueceu as nossas letras
com algumas obras de juris-
prudencia, critica e littera-
tura.

15—Em 1876, fallece o illustre
conego Dr. J. C. Fernandes
Pinheiro, autor da *Litteratura
Nacional*.

16—Deixa de existir, em 1871,
no Maranhão, o conhecido
homem de letras Francisco
Sotéro dos Reis.

CORYMBO

REGINA CECILIA

Tudo o que sobe ao céu, tudo
que desce à terra balbucia o
teu nome...

LUIZ MURAT.

Teu nome santo, ó Maria,
Tem a doçura innocente
De uma caricia macia,
De uma chiméra dolente.

Nelle se embala a esperanca,
N'uma meiguice dilecta,
Como no berço a criança,
Como no verso o poeta.

Do céu teu nome nos desce,
N'uma harmonia divina,
Como um cicio de prece
Nos labios de uma menina.

Teu nome é setineo laço
Prendido em formoso véo,
Qual branca nuvem no Espaço,
Qual uma estrella no Céu.

Teu nome reflecte a imagem
Da melodia serena,
Que passa rindo n'aragem
E no voejar da phalena.

Uma blandicia suave
Nelle cantando divaga,
Como no Azul uma ave,
Como no Mar uma vaga.

Teu nome, cheiroso lyrio,
No niveo calice encerra
Todo o mysterio do Emyreo,
Toda a alegria da Terra.

Como um contraste do encanto,
Neste teu nome diviso
Toda a -audade do pranto
E todo o afago do riso...

Ah! todo perfume amado,
Toda a fragrancia mimosa
Que o colibry namorado
Bebe no seio da rosa;

Toda pureza do Amor,
Todo o feitiço do olhar,
Orvalho a cahir na flôr,
Serenó a cahir no mar...

Tudo em teu nome palpita,
Tudo embriaga e seduz,
Como a delicia infinita
De um paraizo de luz.

E, n'um encanto repassada
Do lyrisimo que extasia,
Teu nome vive embalado,
Teu nome santo, o Maria!

Auta de Souza.

A viuva de Zehra

(Traduzido do allemão)

O cadi de Zehra, Benbaechir,
encontrou uma pobre viuva, que
tocava por diante um burro e cho-
rava.

—Porque choras, pobre mu-
lher?

—Na verdade, uma pobre mu-
lher, respondeu ella; «este bur-
ro, o sacco vasio que jaz sobre ei-
le, e as vestes que me cobrem, eis
tudo o que resta da minha for-
luna; o mais o callifa tomou-me».

—E em que consistia o exce-
dente dos teus bens? perguntou
Benbaechir admirado.

—Eu possuia uma quinta; era
ella o patrimonio dos antepassa-
dos do meu finado marido e dos
meus; era-nos sobretudo cara, ali
haviamos nascido e nos criado,
nosso reciproco amor ali teve o
seu principio; ainda em seu leito
de morte meu marido rogou-me
que olhasse por ella, que a nin-
guem passasse a nossa pequena
herdade, que nossos paes nos ha-
viam deixado, senão ao nosso fi-
lho, o qual talvez nesse momento
derrame o seu sangue por um se-
nhor, que toma tudo à sua mãe».

—E por que motivo, pergun-
tou o cadi, «o callifa tomou-te esse
imovel?»

—Porque quer mandar cons-
truir naquelle local uma casa de
recreio para si, respondeu a viu-
va.

—Bom Deus! pensou o cadi
comsigo mesmo, «elle tem tantos
palacios e casas de recreio e pelo
mero capricho de ter mais um
ainda, expulsa uma pobre viuva
da sua propriedade!»

—E que compensação deu-te
elle? perguntou Benbaechir.

—Compensação? nenhuma! re-
spondeu a viuva. «Primeiro

mandou-me offercer uma
na quantia; como eu, por
quizesse vender o meu
lão precioso, m'o tomou á
«Não lhe fizeste vér a t
situação?» tornou o cadi

—Prostrei-me diante
respondeu a viuva, «ba-
lagrimas os seus pés e
Implorei e disse-lhe tudo
me inspiraram as dôres
allicção e desesperação.

Elia nem podia conti-
causa dos soluços.

—E teus regos foram
dos? perguntou Benbae-
interesse.

—Foi repellida com
asperzeza! respondeu
chorando.

Benbaechir ergueu os
ra o céu.

(Continúa).

Azambuj



AO LUA

(Conclusão)

Cada nervo dessa n-
lista vibra ora forte, o
allegretto mysterioso da
nata...

Eil-o que murmura
surdina; depois cre-
rugindo como os vaga-
tes, em latego harmoni-
chedos!... O som...

No emtanto, quand-
a gloria que te esper-
vibração dessa tua má-
succederem as ovações

quando todas as almas
rem ante o teu vulto
encantador, eu ainda
tristeza acerba que de

meu coração, n'aquel-
pida e serena em que
milhões de astros no
resplandescia mysteri-

Ficará para semp-
cêrebro a lembrança
pallida e triste, em
longe, muito ao long-

no suspirosamente g-
sonata de Beethoven!

Horacina

gente se lembrava de morrer, e, pôde a idéa da morte vir abater o brio do brasileiro, quando se desfeiteou um patriótico seu?

Final elle cedeu ao pedido da esposa e quem assentou praça, fui eu.

Iguez Sabino.

(Continúa).



VISIONE...

Spirante edôr d'ambrosia il crimo d'oro tu sorgi, o bella, dall'aulente vâsca, di glâuche perla, il dúplice tesoro del peitto, stilla e quasi par cho nâsca.

Súlla gran mássa del tuo crin, l'allôro, spontâneo como di sua vèrde frâsca, cingê e corôna lei ch'amo, che adoro, che sol d'amôr, di glôria, par si pâsca.

Ignôdo il corpo di goccianti stille, l'imâgia vèra di Ciprigna nuda tu, seducete, pòrgi alle pupille che di mirâti non si sâzian mâi: e... in me, la voluttâ fôrte trasûda di scordâr teo della vita i guâi.

ALFREDO AMADORI.

Rio Grande.



PAGINA DE UM LIVRO INTIMO

Elle contára-lhe a historia do seu amor, com tanto sentimento, com tanto ardor, com tanta alma, que a impressionára vivamente.

Fôra assim: Uma tarde, ao cahir das sombras crepusculares, quando, nos paramos do infinito, como que paira um manto denso e brumoso, quando a natureza inteira reveste-se de uma tristeza, de uma melancholia intraduzível, quando o mar, o céu, as florestas e a phantasia do homem, enfim, veem-se dominadas pelo mysterio do lusco-fusco, no expirar do dia e no desdobrar das sombrias azas da noite, Elle e ella na sala, perto da janella por onde penetrava uma leve aragem, fazendo palpar a arrendada cortina, falaram do

amor que vae além do tumulo.

Elle, que sentira-se docemente attrahida para Elle desde a primeira vez que lhe falára, ouvia-o, pois, em religioso silencio; o coração pulsava-lhe com violencia e sentia-se tão emocionada que, de momento a momento, como que uma onda de sangue subia-lhe ao cerebro, tingindo-lhe as faces de um vivo colorido. Elle falava apressado, com o olhar brilhante, mas por vezes tremulo, hesitante, ao evocar esse passado querido, que o stoicismo da morte, com o seu guantê de ferro, sepultára para sempre!

Na sala, vagava um perfume de violeta, um não sei que, de solemne, de mysterioso, através das sombras que pareciam agrupar-se aqui, alli, dando ao recinto em que se achavam uns tons de acerba tristeza.

Sobre um dos dunquerquees, em uma jarra de baccarat, duas rosas, como testemunhas mudas d'aquella scena de dôr, incensavam o altar ideal d'aquelle amor tão grande, tão sublime, tão extraordinario, com o seu delicado aroma. Porém, no momento em que a narração do moço chegou ao auge do desespero, quando elle, possuido de todo esse transe de amargura, de toda essa tortura de Prometheu, descreveu a morte da noiva, uma das rosas, a mais bella, começou a deixar cahir as petalas, uma a uma, sobre o tapete, á semelhança de um fio de lagrimas.

Elle, um outro Romeu, Eurico, Petrarcha, Raphael de Lamartine, identificado á epopéa d'aquella amor, ao poema de uma sensibilidade rara em coração de homem, chegava, na grandeza do seu affecto, a supportar-se sempre acompanhado pelo espirito da mulher amada, como se fôra o seu anjo da guarda a sustar-lhe a pratica de qualquer acção menos digna, que por ventura viesse-lhe á mente.

Elle, então, olhava-o, cheia de impressão, fictava-o, envol-

vendo-o em um manto de incomparavel poesia e pensava, que aquelle homem tão longe da vulgaridade dos homens, merecia bem ser amado por uma mulher capaz de comprehender toda a immensidade de su'alma, embôra na triste certeza de que o coração d'Elle estava morto para o Amor.

Sonnambula.



AVANTE!

(A' uma joven professora primaria)

Vás diante de ti comprida estrada E te propões, affeita, percorrel-a; Dás os primeiros passos na jornada, Segura de vencer-a!

Não te illudas, romeira, no caminho Poucas flores ou fructos colherás; Muita urze, porém, e muito espinho Ao certo encontrarás!

Muita vez, no decurso da romagem, Da entrada ante os tropeços e as agruras, Sentirás vacillar tua coragem Ao peso de amarguras!

Mas... não penses q' busco desviar-te Do nobre intento que te anima, oh! não! Quiz apnã os riscos apontar-te Da peregrinaçã.

Não recues jámais; a lucta é nobre. E, se entrases p'ra ella apparelhada, Embôra os mil espinhos q' te encobre, Vencerás a jornada,

Tens, em falta da luz da experiencia, Uma segura bussola — o Dever; Um seguro bordão — a Consciencia; Não ha que esmorecer!

Avante, pois, romeira! o teu ingresso Vae pedir, corajosa e confiante, Na extensa caravana do progresso, E sé feliz. Avante!

Rio Pardo.

Anna Aurora.

No inverno da existencia — na velhice — ai daquelle que não estiver preso á terra pelas raizes do amor!

O vendaval do descoroçoamento e o gelo do abandono o farão cahir.

J. A. de Castro.

HONTEM

- Datas No

14—Antonio Augusto donça, poeta de recimento e a Mossalina, fale em 1879.

15—Dia de gloria. Em 1866 da guerra co a esquadra b passagem de

15—Inaugura-tatua do in-leiro Duque

DO MEU

Em derredor de mim Phantasma a tortura E cresce e cresce ao m' G' apenas pôde ouvir q

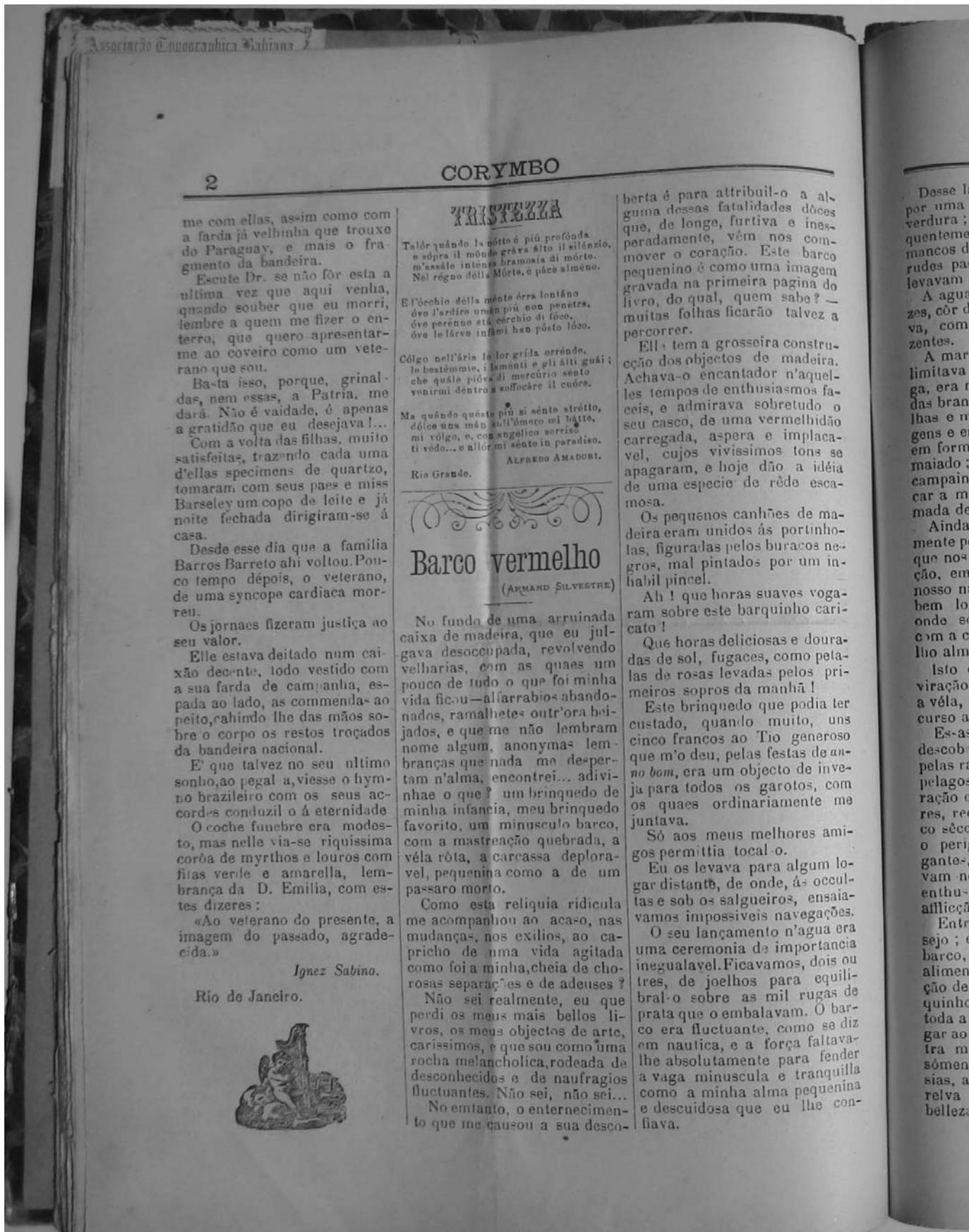
Do imo do peito meu Vence o grande atrazo Ao orgulho sem fim Este affecto sem par

Sombras, sombras pat Espirito lacerando De tantas illusões,

Mas lá, muito disto Passo esplendido so Que inunda de clar

Honrosi

A interess gy-mirim, (S) telligente e distincto Sr digno espos dos Plectros na, acaba d davelmente modesto p em sua pag los das me Acompan sere a Con gos de lbr Revocata d publicista sobre Julie Com o o justo orgu nbecimen ao festeja rosissima



me com ellas, assim como com a farda já velhinha que trouxe do Paraguay, e mais o fragmento da bandeira.

Escute Dr. se não for esta a ultima vez que aqui venha, quando souber que eu morri, lembre a quem me fizer o enterro, que quero apresentar-me ao cozeiro como um veterano que sou.

Basta isso, porque, grinaldas, nem essas, a Patria, me dará. Não é vaidade, é apenas a gratidão que eu desejava!...

Com a volta das filhas, muito satisfeitas, trazendo cada uma d'ellas specimens de quartzo, tomaram com seus paes e miss Barseley um copo de leite e já noite fechada dirigiram-se á casa.

Desde esse dia que a familia Barros Barreto ahí voltou. Pouco tempo depois, o veterano, de uma syncope cardiaca morreu.

Os jornacs fizeram justiça ao seu valor.

Elle estava deitado num caixão decente, todo vestido com a sua farda de campanha, espada ao lado, as commendas ao peito, cahindo lhe das mãos sobre o corpo os restos troçados da bandeira nacional.

E' que talvez no seu ultimo sonho, ao pegal a, viesse o hymno brasileiro com os seus accordes conduzil o á eternidade.

O coche funebre era modesto, mas nelle via-se riquissima corôa de myrthos e louros com fitas verde e amarella, lembrança da D. Emilia, com estes dizeres:

«Ao veterano do presente, a imagem do passado, agradeceida.»

Inês Sabino.

Rio de Janeiro.



TRISTEZZA

Talór quando la notte è piú profonda
o sopra il mondo grava alto il silenzio,
m'assale intensa bramosia di morto.
Nel regno della Mórta, è pace almeno.

El'occhio della mente è ora lontano
ova l'ardire unán piú non penetra,
ova perenne stá esercizio di fóco,
ova le larve infami han pósto lóco.

Cólgo nell'aria le lor grida orrende,
le bestémie, i lamenti e gli alti guái;
che quále pióva di mercúrio sento
venirmi dentro a soffocáre il cuore.

Ma quando quæsto piú si sento strétto,
dóico una máo all'ómico mi láito,
mi volto, e, con angélico sorriso
ti vedo... e allór mi sento in paradiso.

ALFREDO AMADORI.

Rio Grande.

Barco vermelho

(ARMAND SILVESTRE)

No fundo de uma arruinada caixa de madeira, que eu julgava desoccupada, revolvendo velharias, com as quaes um pouco de tudo o que foi minha vida ficou — alfarrabios abandonados, ramalhetes outr'ora beijados, e que me não lembram nome algum, anonymas lembranças que nada me despertam n'alma, encontrei... adivinhae o que? um brinquedo de minha infancia, meu brinquedo favorito, um minuscúlo barco, com a mastreação quebrada, a véla róta, a carcassa deploravel, pequenina como a de um passaró morto.

Como esta reliquia ridicula me acompanhou ao aca-o, nas mudanças, nos exilios, ao capricho de uma vida agitada como foi a minha, cheia de chorosas separações e de adeuses?

Não sei realmente, eu que perdi os meus mais bellos livros, os meus objectos de arte, carissimos, e que sou como uma rocha melancholica, rodeada de desconhecidos e de naufragios fluctuantes. Não sei, não sei...

No entanto, o enternecimento que me causou a sua desco-

berta é para attribuil-o a alguma dessas fatalidades dóces que, de longe, furtiva e inesperadamente, vêm nos commover o coração. Este barco pequenino é como uma imagem gravada na primeira pagina do livro, do qual, quem sabe? — muitas folhas ficarão talvez a percorrer.

Elle tem a grosseira construção dos objectos de madeira. Achava-o encantador n'aquelles tempos de enthusiasmos faceis, e admirava sobretudo o seu casco, de uma vermelhidão carregada, aspera e implacavel, cujos vivissimos tons se apagaram, e hoje dão a idéia de uma especie de rede escamosa.

Os pequenos canhões de madeira eram unidos ás portinholas, figuradas pelos buracos negros, mal pintados por um inhabil pincel.

Ah! que horas suaves vogaram sobre este barquinho caricato!

Que horas deliciosas e douradas de sol, fugaces, como petalas de rosas levadas pelos primeiros sopros da manhã!

Este brinquedo que podia ter custado, quando muito, uns cinco francos ao Tio generoso que m'o deu, pelas festas de *anno bom*, era um objecto de inveja para todos os garotos, com os quaes ordinariamente me juntava.

Só aos meus melhores amigos permittia tocá-lo.

Eu os levava para algum lugar distanté, de onde, ás occultas e sob os salgueiros, ensaiavamos impossiveis navegações.

O seu lançamento n'agua era uma cerimonia de importancia desigualavel. Ficavamos, dois ou tres, de joelhos para equilibrio sobre as mil rugas de prata que o embalavam. O barco era fluctuante, como se diz em nautica, e a força faltava-lhe absolutamente para fender a vaga minuscúla e tranquillá como a minha alma pequenina e descuidosa que eu lhe confiava.

PEROLAS CÔR DE ROSA

Assestava o seu binóculo de madre-perola e olho para a bahia da Guanabara, onde o mar em rudes ondas denunciava resaca, a joven Esther, muito garbada no seu *pegnoir* de surah côr do céu, ad'passo que uma linha de tri-teza annuviava-lhe o semblante bonito

Branda aragem balouçando as cortinas do apozento, desageitava-lhe o cabello com tal impertinencia, que a fazia zangar.

Como era esplendido o espectáculo do oceano, fazendo dançar os grandes navios, ao passo que os pequenos barcos mal podiam-se sustentar, se bem que o sol já um tanto cansado de aformosear a natureza, dizia o seu ultimo adeus, tingindo o horizonte de côres violaceas.

Esther adorava o mar; mais de uma vez experimentára-lhe a efficacia.

As salzas aguas de novo chamavam-lhe a attenção; mesmo o medico de novo as recommendára.

O oceano encerra no seu seio tanta riqueza em coraes e perolas! Sim, as perolas, sobre tudo as côr de rosa que tinha visto em um joalheiro de nomeada, como a seduziam, como desejava possuil-as!

Seria um sonho, poder viajar, atravessar os mares, observar a phosphorescencia das aguas, observar os phenomenos das correntezas, sentir as commoções da retirada, e experimentar o prazer da volta.

Iria ver Paris, o centro da civilização; Londres, o poder da grandeza; a Italia, com as suas recordações historicas, e o poder das bellas Artes; a Hespanha, a terra dos romancieiros; a Suissa com os seus lagos e os seus cantões; a Grecia, a fonte dos modelos em marmore, sob o poder de Phydias; Portugal, o velho heróe dos Luziadas, e finalmente a Allemanha, patria deste grande

homem que se chama Guilherme segundo.

Todavia um enorme cahos de dores invadia-lhe o espirito, ferozes, cruéis, espectraes, ao ver no espelho claro da vida, a ingratição horrivel do homem por quem n'uma vertigem de louca abandonou sua familia, sob promessa de dias melhores, que, no entretanto, nem o Pretor nem a religião confirmaram.

Todavia, era no coração que concentrava as dores da indifferença que o Augusto lhe dissipava agora, por ser nesse orgam onde se abriga as vergontees do amor que nasce e se recolhem as cinzas do amor que morre!...

Elle disse-lhe que ia viajar. Era rico, podia sem sacrificio correr mundo. O Rio o enfastiava tanto!...

— Independente de nelle existir eu? perguntou despeitada.

Elle sorriu e acto continuo preparou-se para saber, assobiando uma cançoneta.

Quando voltou trazia a passagem comprada no «Messageries Maritimes».

— Prepara-me uma malla, minha querida: basta uma. Um homem pratico, só leva para a Europa a roupa indispensavel.

— E eu, não vou? acudiu receiosa.

— Deixo-te como fiadora da minha volta; depois... como gostas das perolas côr de roza, trarei para o teu collo moreno um collar de preço: não é assim? accoita?

— Já não as quero: aqui ha braneas, portanto... murmurou quazi a chorar.

Elle accoidiu vivamente: — Esperarás por mim... é cazo resolvido; até logo.

E partiu, deixando-lhe boa mezada; só lhe escreveu uma vez, e por duas outras mandou-lhe um cartão postal de Genebra, e outro do lago de Cômô.

O rapaz era desses estroinas que fazem do amor um baralho de jogo, era desses homens gastos, cuja affeição mentirosa, não

vale por certo um meio dia da dedicacão da mais commum das mulheres.

Ella, porém, deixava que o tempo provasse a sinceridade da sua grande affeição.

Com effeito, elle tomára como companheira de viagem uma franceza ambiciosa, loquaz, toda pintada a pó de arroz e carmim, rizo de demonio, que rouba-lhe o dinheiro, a vergonha e a dignidade.

Esther, porém, filha de outro clima, com outra educacão, outros costumes, sacrificou o coração; eis tudo. Sabia amar!

Nas longas noites de insomnia em que pensava nelle, lembrou-se que na lama em que o moço a lançára, só havia um salvo conducto: — o Asylo do Bom Pastor cazo não cazasse.

(Continúa).
Rio de Janeiro.

Ignez Sabino



TEMPESTADE INFIMA

Estado o olhar amarelado e triste
E o que vejo que acorde-me a Esperança?
Nada! A treva fatal, sem fim, peraste
Sem um raio sequer de azul bonança!

E, no entanto, meu Deus, um culto existe
Fútil, ideal, e senhalança
De um soldado eret de fúria em rixa
Seu olhar de ferir-me jámais cança!

Um após outro os dias vão passando,
E sempre a meiga nuvem de amargura
Do meu futuro os sonhos enubliando...

Tempestuosa noite! Noite escura,
Seus astros, sem clarões de amor brilhando,
Só deve terminar na sepultura!

Rio Grande.



As mulheres não serão verdadeiras mães, enquanto não souberem trabalhar pelo desenvolvimento de seus filhos. O que o mundo lhes péda, é um homem completo, um homem cujas paixões participem do bello e do infinito.

Aimé Martin.



Hontem, hoje e amanhã

DATAS NOTAVES

30 — Faz quarenta e seis annos que, no Rio de Janeiro, deixou de existir o illustrado Dr. Joaquim José Dias, o ciano da Escola de Medicin

1* — Completa mais um anno de existencia o bem elaborado Paiz, que na capital brasileira tem nestes ultimos tempos despertado a attenção dos mais illustres patriotas pelas verdades que edita diariamente.

Parabens á importante Iha fluminense.

2 — No celebre combate de Fanfa, é preso o valente abnegado soldado da liberdade — Bento Gonçalves da Silva. (1836)

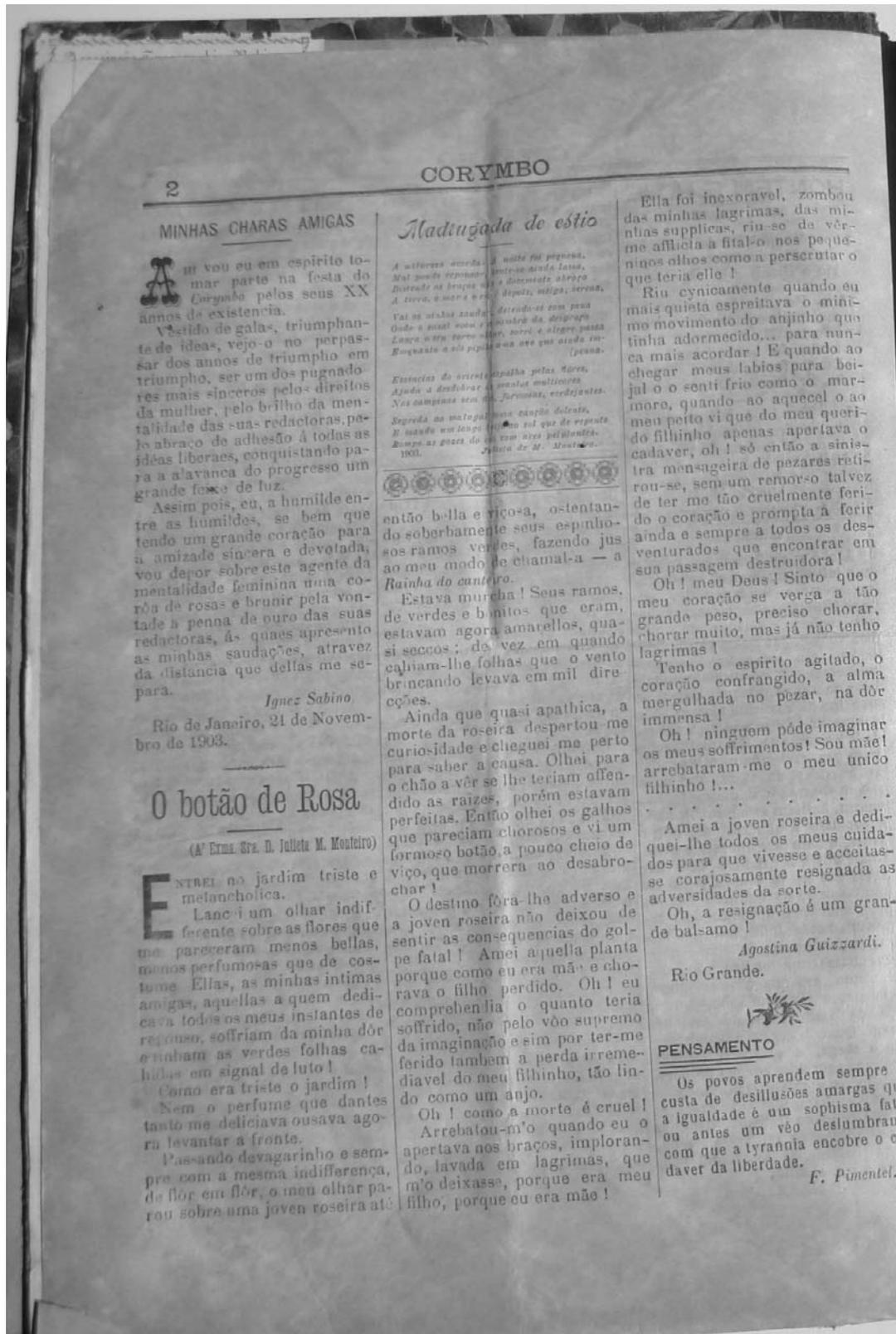
2 — Fallece, em 1877, o conhecido e festejado medico militar Dr. Pinheiro Guimarães.

E' preciso proporcionar-se á Iha uma cultura moral e espi ritual mais elevada, afim de ella possa occupar-se com espeducado da educacão de seus Ihos, independente de qual auxilio extranho, fazendo de Iha uma escola.

Annita Garibaldi

A nossa sympathica collegadradina de Oliveira, pelas colnas de seu bello semanario o *crinio*, aventou, em vibrante tigo publicado a 20 de Setembro a nobilissima idéa de uma união entre a patriótica mocidade de distinctos Clubs Gaúchos no Rio de Janeiro e a valente colonia italiana afim de ser levantada — na capital, por exemplo — uma estátua em homenagem a Annita Garibaldi.

Bella e grandiosa idéa! Applaudindo de coração a



2
MINHAS CHARAS AMIGAS

Vou eu em espirito tomar parte na festa do Corymbo pelos seus XX annos de existencia. Vezido de gala, triumphante de ideas, vejo-o no perpassar dos annos de triumpho em triumpho, ser um dos pugnadores mais sinceros pelo- direitos da mulhier, pelo brilho da mentalidade das suas redactoras, pelo abraço de adhesão á todas as ideas liberaes, conquistando para a alavanca do progresso um grande focos de luz. Assim pois, eu, a humilde entre as humildes, se bem que tendo um grande coração para a amizade sincera e devotada, vou depor sobre este agente da mentalidade feminina uma corôa de rosas e brunir pela vontade a penna de ouro das suas redactoras, ás quaes apresento as minhas saudações, atravez da distancia que dellas me separa.

Ignês Sabino.
Rio de Janeiro, 21 de Novembro de 1903.

O botão de Rosa

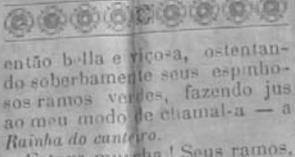
(A' Exma. Sra. D. Julieta M. Monteiro)

ENTREI no jardim triste e melancholico. Lanci um olhar indifferente sobre as flores que me pareceram menos bellas, menos perfumosas que de costume. Ellas, as minhas intimas amigas, aquellas a quem dedicava todos os meus instantes de repouso, soffriam da minha dôr e tinham as verdes folhas caídas em signal de luto! Como era triste o jardim! Nem o perfume que dantes tanto me deliciava ousava agora levantar a fronte. Passando devagarinho e sempre com a mesma indifferença, de flor em flor, o meu olhar parou sobre uma joven roseira at-

CORYMBO

Madrugada de estio

*A vittoria accolta, a morte foi pregada,
Mal posso reponer, dentro minha luto,
Doutado os braços e a dormente abraço
A terra, a mar e o ar, depois, aliça, serena.*
*Vai os olhos azules, deixando-se com pena
Onde o sol não e o sombrero da desgracia
Lança o seu torvo olhar, serri e alegre panna
Esquante a só pipila uma ave que ainda ru-*
pejuna.
*Essencias do oriente espalha pelas flores,
Ajuda a deslizar a nuvola multicolora
Nos campos sem fim, formosa, verdejante.*
*Sagrada ao matagal, como cenario dolente,
E manda em longo tempo o sol que de repente
Rompe as gozas do ar, com ares pallidantes.*
1903.



então bella e rica, ostentando soberbamente seus espinhosos ramos verdes, fazendo jus ao meu modo de chamal-a — a Rainha do cantero.

Estava murcha! Seus ramos, de verdes e binitos que eram, estavam agora amarellos, quasi seccos; de vez em quando cahiam-lhe folhas que o vento brincando levava em mil direcções.

Ainda que quasi apathica, a morte da roseira despertou-me curiosidade e cheguei-me perto para saber a causa. Olhai para o chão a vêr se lhe teriam offendido as raizes, porém estavam perfeitas. Então olhei os galhos que pareciam chorosos e vi um formoso botão, a pouco cheio de viço, que morrera ao desabrochar!

O destino fora-lhe adverso e a joven roseira não deixou de sentir as consequencias do golpe fatal! Amei aquella planta porque como eu era mãe e chorava o filho perdido. Oh! eu comprehendia o quanto teria soffrido, não pelo vôo supremo da imaginação e sim por ter-me ferido tambem a perda irremediavel do meu filhinho, tão lindo como um anjo.

Oh! como a morte é cruel! Arrebatou-m'o quando eu o apertava nos braços, implorando, lavada em lagrimas, que m'o deixasse, porque era meu filho, porque eu era mãe!

Ella foi inexoravel, zombou das minhas lagrimas, das mi-nhas supplicas, riu-se de vêr-me afflicta a fatal-o nos pequeninos olhos como a perscrutar o que teria elle!

Riu cynicamente quando eu mais quieta espreitava o minimo movimento do anjinho que tinha adormecido... para nunca mais acordar! E quando ao chegar meus labios para beijal-o o senti frio como o marmore, quando ao aquecel-o ao meu peito vi que do meu querido filhinho apenas apertava o cadaver, oh! só então a sinistra mensageira de pezarás retirou-se, sem um remorso talvez de ter me tão cruelmente ferido o coração e prompta á ferir ainda e sempre a todos os desventurados que encontrar em sua passagem destruidora!

Oh! meu Deus! Sinto que o meu coração se verga a tão grande peso, preciso chorar, chorar muito, mas já não tenho lagrimas!

Tenho o espirito agitado, o coração confrangido, a alma mergulhada no pezar, na dôr immensa!

Oh! ninguém pôde imaginar os meus soffrimentos! Sou mãe! arrebataram-me o meu unico filhinho!...

Amei a joven roseira e dediquei-lhe todos os meus cuidados para que visse e accitas-se corajosamente resignada as adversidades da sorte.

Oh, a resignação é um grande balsamo!

Agostina Guizzardi.

Rio Grande.



PENSAMENTO

Os povos aprendem sempre á custa de desillusões amargas que a igualdade é um sophisma fatal ou antes um vôo deslumbrante com que a tyrannia encobre o cadaver da liberdade.

F. Pimentel.

HONTEM E HOJE
DATAS NOTAVEIS

- 14 — A republica do Paraguay declara guerra ao nosso glorioso Brasil.
- 15 — Por ter praticado o manitarico e patriotico acto de libertar 63 escravos, recebeu o titulo de barão de Simões Dias, o fazendeiro da Paragiba, Sr. Simões Dias dos Rios.
- 15 — Em 1861 fallece no Rio de Janeiro o conhecido e estimado mem de lettras F. de P. Brito.

A INICIAATIVA
CONCLUSÃO

Não é a confiança em ta- que julga ter, mas a fé e perseverança e nos estudos tem feito. Quantas jovens ras conheço, dotadas de boa vontade, as quaes persu- de que são incapazes de henderem por si mesmas quer cousa, nem sequer d trabalho de experimentare porque lhes falle a idea, a dade e o engenho. São inte- visto que raciocinam sob as questões da vida, n sabem fazer por si mesm- ousam, hesitam se devem e por isso é que não a saber, e nem desejam ser. Citaremos um exemplo sante que se vê a cada muitas casas de familia seus membros acontec- pentinamente indispost- meiro pensamento de to- dar chamar um medico- contram, esperam-n'o- ciencia, e ninguem sa- ha de fazer emquan- vem. Quando porém a- dico chega, e prescre- pamos aquecidos aos p- te, ou uma cataplasma- veem embaraçadas n- d'este pequeno trabalh- os criados já se retira- estão habituadas a fa- sem o seu auxilio.

CORYMBO

2

poderíamos demonstrar ás Distinctas Redactoras, a nossa admiração, por tanta constancia, abraçando-as pessoalmente, como já tivemos a ventura de fazel-o em annos anteriores.

Porém, sendo-nos negado este prazer, pela ausencia que mutuamente nos separa, mandamos, hoje, com mais velocidade do que nunca, o nosso pensamento, orgulhoso e prazenteiro, da honrosa missiva, levar as respeitadas e merecidas homenagens a que fazem jus que merecem, aquellas, que no *Corymbo* consagram todos, os cuidados imagináveis, balejando-o com o immenso carinho de que são capazes unicamente as grandes almas, os nobres corações!

Assim pois, aceite o *Corymbo* as immarceáveis flores da admiração e os votos sinceros de longa e próspera existencia, de quem, mesmo de longe, participa sinceramente do justo regosijo que encho hoje os corações das suas Illustradas Redactoras.

Parabons! Muitos Parabons Buenos Aires—10-1906.

AGOSTINA GONZALEZ

Nuvem Branca

Não ha quem deixo de apreciar n'uma deliciosa tarde de verão as nuvens que a olhos nus brincam no espaço.

Formando castellos, rebolinos e varias formas bizarras, sua attitude poetica dá motivo a que os poetas canem-lhe as graças.

Mais de uma vez eu lhes derigi algumas estrophes tambem.

O que certamente porem já mais pensei, foi que por um capricho da Natureza, aos poucos se formasse na retina de uns olhos tranquillitos, umi persistente, así mordaz nuvem branca, ameaçando a calma do olhar transparente como a face liza de um lago, que entre tanto occulta no fundo a lama traço-eira, me pozesse por largos e largos mozes privada do tabullhar fosse em que fosse.

O CORYMBO

21 DE OUTUBRO

Não sei se a figura que apresento é exacta, pelo repouzo em que estive condemnada a guardar, pois quando se não tem em dia as idéas, estas tornam-se obtuzas sem dar couza boa.

Quanta noite de insomnia... quanta incerteza de cura; que de sombrios minutos não passei julgando-me perdida... eu, que considero a litteratura a hostia santa dos sacerdotes do cerebro, da mesma maneira que a hostia sacramental, purifica a alma religiosa dos crentes.

Sem ler uma linha, comtudo, commovida pegava nos manuscritos limados, outros em borrão, alguns deixados em meio, contava-lhes as folhas, fazia-lhes a autopsia, para em seguida beijal-os, guardando-os com carinho materno.

S'ráo os ultimos 7 mormurava sentindo as lagrimas da incerteza da cura cahirem sinceras sobre as faces, em razão de dizerem que é mais desgraçado o cego que já viu, do que o que jamais teve enchauses de ver a luz do dia.

Exacto é que cegos como Castilho, Milton e Homero deixam lindos versos, versos feitos sem o sonho da vista, apenas com a luz, luz cerebral que vive no sentimento da estrophe e no sentimento da musica, mas que lhes falta, para ver a esthetica das couzas a luz que so-

salienta das formas humanas da payzagem das florestas, do sorriso da amada e nos contornos de uma mulher divina.

Sentir, sem ver, sem comparar, sem do contacto de um, olhar, supplico sorrir de esperança, outo de amor, que cruel divida, que irrizo da sorte!

M, todavia, os cegos amam, e trabalham, animados pelo espirito da intelligencia, e distração, mas com sorriso tristonho.

(Continua)

J. J. S. S. S.

Rio-1906.

Replecto de flores está hoje em festa o Templo das Lettras, por completar mais um anno de preciosa existencia, uma das suas mais dedicadas Sacerdotizas.

D. Julieta de Mello Monteiro, escriptora de pulso, que ha tantos annos faz juz a admiração da culta sociedade Rio-Grandense, completa hoje um anno mais de vida, toda, dedicada a Virtude e a cultura das Lettras.

Por tão faustosa data, o templo festivamente engalanado, e uma melodiosa harpa, enche o espaço com as notas delicadissimas.

abelecimento,
lação que o
partida, cha-
rque ninguém
de tal qualifi-

de delicada,
para resistir
s trabalhos;
a de seu ca-
le seu sexo,
om juizo e
ntade.

firmo, sem
ss. Nightin-
tido a dôr
seus solda-

a que teve
não foram
pois como
esconfian-
umularam
ue saltou

na parte,
zeram-lhe
de impe-
missão.
acabo de
or docu-
irrecusa-
essa san-
te preten-
cimento,
bios reli-
negação
so zelo,
tante da
ricordia
otor.

Nightin-
superi-
sobre a
lo Syd-
e, prefe-
ás do
ndo lu-
culares

crenças dos enfermos a que assistia não exigindo a que um catholico, por exemplo, escutasse em seus ultimos momentos as exhortações de um pastor protestante, em vez de um sacerdote de sua mesma religião.

Todas as seitas são igualmente intolerantes! Todos os fanatismos se parecem.

(Continua.)

Scenas Quotidianas

Muitas vezes ao ver pelas ruas algumas crianças esfarrapadas, semi nús, e desgredadas, dá-me vontade, leitora, de segui-las para observar por mim a nudez do lar em que vivem. E no entretanto, os rostos ora saudios e rosados, ora pallidos e macilentos, traduzem sempre uma expressão indiffinivel de alegria, não tendo aspirações, não tendo futuro mais do que crescer, ganhar a vida, restringir o estomago a proporções gastricas muito diminutas, satisfazendo-o com um pouco de pão duro e bolorento — ou algumas fructas estragadas que devoram com appetite como se fosse o manjar mais sublime.

Si estendem a mãosinha roxa de frio e recebem uma esportula, a physionomia transforma-se em sorrisos, satisfazendo-se com o producto d'aquelles miseros vintens que garantem-lhe por um dia o parco conforto do sustento regrado com economia e avareza.

Eu tenho pena d'ellas; e como observadora, como quem gosta de escrever pela impressão, entrei n'uma casa ou antes albergue, da gente faminta da nossa sociedade.

No fim d'um corredor procurando equilibrar-me em vista da humidade de chão, fui parar n'um quarto em que resumia-se toda a vivenda de tres entes sem futuro, sem ambições, mas resignados e quasi felizes.

O assoalho era nojento. Duas janellas com vidros emporcalhados de pó e com tiras de papel de cores a tapar-lhes as rachaduras, davam uma luz baça ao mesquinho aposento que ao fundo tinha uma simples cama ja estragada, ao lado uma commoda velha com um pauperrimo sanctuario; juncto, uma malla em máo estado, do lado opposto uma meza redonda com uma bilha sem gargallo, ao pé, um copo de vidro, uma meia duzia de pratos alguns já desbeicados, uns talhares de chifre e umas colheres de metal em chicaras reles.

Vi umas migalhas de pão, um osso descartado, e roendo um outro, uma pequena de uns tres annos.

Bem junto a porta onde conservei-me do pé no meu posto, estava sentado um homem, ou antes uma mumia, pallido, nariz afilado, olhos brilhantes de febre, a bater o tacão de uma bota, parando em intervallos para explodir uma tosse cavernosa, rouquenha limpando fatigado o suor que orvalhava-lhe a fronte abatida.

A criança, vendo-me, olhou-me muito espantadinho e a sorrir desconfada, conchegou-se ao vestido de uma mulher que parecia má escondendo a cabeçinha com revoltos e asperos cabellos, mas segurando sempre no osso com energia.

A anemia da dona do quarto onde aos poucos sentia um cheiro de humidade bem pronunciado, mal deixava andar livremente. Os pés inchados e a brancura dos labios e rosto bem reclamavam uma alimentação mais copiosa do que aquella que naturalmente tem, e cujos restos frios e sebtos o gato da casa devorava com appetite.

Passada a primeira impressão, perguntei porque aquelle homem ainda trabalhava.

— E' que assim mesmo ainda nos sustenta, respondeu a mulher dando ao doente uma colher de remedio.

— E você, o que faz? perguntei.

— Todo o serviço d'aqui, e cuido d'esta filha a quem a humidade que absorve levaria á covase ainda não tivesse a elle para amparar-nos,

A criança já sem receio de mim veio affagar-me, e eu retribuindo-lhe a caricia, sahi fechando a porta, mas ouvindo sempre o ruido do martello do tysico, e a voz da criança que sem consciencia do que vale a miseria da vida, principiou a cantar descuidada.

IGNEZ SABINO.

A proposito da Questão Feminina

(Tradução)

(Continuação)

Tomou calorosamente a si a questão superior do direito feminino, contribuiu para criar cursos universitarios, dispendendo com elles muito dinheiro. Desses cursos sahiram algumas dessas mulheres heroicas cujos estudos medicos permittiram prestar serviços aos feridos durante a guerra russo-turca.

Em quanto o espirito acanhado e a sombria desconfiança da policia russa

58 A MENSAGEIRA

O casamento é um laço que a
esperança embelleza, a felicidade
conserva e a desgraça fortifica.

Obrariam os homens com mais
prudencia não constringendo as
mulheres; seria este o meio de
tornar-as prudentes e acauteladas.
(DAS MIL E UMA NOITES.)

Um amo demasiadamente apres-
sado é sempre mal servido.

WALTER SCOTT.

O ramo da esperança
(Inspiração do conto de Raul Pompeia)

Ergueu-se um delles... Pelo mar a tórta
Olhou; e o olhar piedoso e ariaturado
Apenas viu a purpura da aurora
E o vasto ceo depois avelludado.

Nada restava aos naufragos! Agora
Bó o batel por sobre o mar immenso!...
E o sol fusila, o fulvo sol vapora
Num estorcismo luminoso e intenso.

A tarde cêe. A calmaria morta
Traz-lhes á mente o lar num vago incenso.
Aos pés do abyssmo aberta a enorme porta,
Sobre a cabeça um mundo azul suspenso.

A' vista torva e tristemente absorpta,
Nem a fumaça, além, do continente!...
E o pequeno batel tão mal comporta
Os lassos membros da cançada gente!...

O quarto dia despontou brumoso
Como os sudarios alvos da tristeza!
— O nevoeiro encobre o sol radioso
E amortalha a coragem. Na aspreza

De uma agonis nova e sem repouso
Julgam-se todos pelo mar perdidos,
Enquanto um tenne raio luminoso
Rasga os lençoes das brumas destendidos.

Alguma cousa vem sobrenadando:
Uns galhos verdes como se ora erguidos
A's alterosas frondes demandando
Os claros ceos azues adormecidos,

Aviainham-se. Um braço mergulhando
Levanta ao ar o ramo da esperança,
Victorioso e soffrego agitando
O prenuncio da paz e da bonança.

Salvos! Allí na bruma se adivinha
A terra firme e o nauta que idolatre-a!
— O continente é firme e se aviainha
Como as palmeiras murmures da Patria!

SAMUEL PORTO.

Na Thebaida
A mulher intellectual é
a sacerdotisa dos salões.
Ei só reconheço uma
aristocracia: a do talento.
I. G.

A D. Presciliana Duarte

O meu espirito enfermo, nesta
tarde de Novembro, precisava de
um reagente que o dulcificasse.

Estava nos meus dias de spleen,
em que nada me agradava. Puz
de lado os *Contos Cruéis* de l'Is-
le Adam, atirei irreverente em
cima da meza *l'Eglise Chretien-*

A MENSAGEIRA 59

ne de Ronan, corri a vista so-
bre a philosophia do Spencer, de
Roberty e quasi sem attenção, para
a Historia Universal de Cezar Can-
tú, depois de ter deparado com
o estudo sobre os *Lusiadas*, de
Oliveira Martins. Estas leituras
fortes, instructivas, que tanto me
enchem o espirito de uma alegria
sem nome, nessa occasião faziam-
me mal, não as comprehendia, de-
sejava isolar-me ainda mais, sem
saber porque, quando traz-me o
correo dous numeros da garrida
Mensageira, toda vestida de branco,
ar senhoril, como gentil fidalga
que viesse visitar a pobre solitaria
da litteratura brasileira. E, por uma
sympathica coincidencia, vinha me
do Rio Grande o elegante «Co-
rymbo», jornal tambem de senhoras,
um numero da *Estação*, um outro
d' *A Família* e o terceiro deste
formoso jornal que tanto ruido ha
feito, «A União Academica», de que
sem duvida eu sou a mais humil-
de collaboradora.

Como por encanto, a crise anou-
rasthenica que me acabrunhava e
a que eu obedecia escravizada,
terminou inopinadamente; tanto,
que, ao ler a *Mensageira*, o *Co-
rymbo*, *A Família* e a *Estação*,
exclamei radiante: — *A mulher
intellectual!... bemvinda seja!*...

E tomava entre os dedos com
mais carinho e cerimonia a *Men-
sageira*, cujas columnas devorei e

por cuja iniciativa á sua directora,
D. Presciliana Duarte de Almeida, eu
envio atravez do espaço um sincero
aperto de mão, — com os perfu-
mes de um punhado de rosas tra-
zidas lá do meu norte, por *aco-
lher* nas suas columnas a seiva
mental das senhoras brasileiras, en-
xergando no futuro o quanto pode
o talento da mulher que pensa, lê,
estuda e trabalha.

A mulher intellectual!...

Do que vale? qual a sua mis-
são? que papel representa e re-
presentará na litteratura do nosso
paiz? que utilidade tem? quem a
compreende?

Num instante, atropelladamente,
estas perguntas se apresentam ao
meu espirito, a mim que tenho
collaborado em todos os jornaes
de senhoras, de ha oito annos
para cá. Eis porque, ao pegar no
novo athleta que já conhecia pelo
que disseram os outros jornaes, nos
meus bons desejos, abri para elle
um horizonte de caricias, por ele-
var tão alto as suas ambições, no
codigo absoluto da idéa.

De novo em scena apparece a
mulher brasileira no ideal do ta-
lento, com uma senda a seguir:
— a elevação intellectual, comba-
tendo os erros da sociedade, nessa
suprema ventura de ser util á fa-
milia, á patria e á humanidade,
despojando do seu coração as fra-
quezas que porventura lhe possam

admirar no espinhoso encargo de educar a infancia, a adolescencia e a mocidade.

Não será essa a unica ambição da mulher intellectual? Nas flores mysticas do sentimento, que melhor mestra do que a mãe que lecciona o filho na escola do coração; que melhor preceptora do que aquella que, a despeito da inveja, tenha qualidades para se tornar lida e comprehendida? Que divina missão, a desse apostolo, que aponta e corrige prejuizos, elevando assim as suas aptidões moraes, evangelizando e doutrinando?!

A mulher intellectual só tem uma ancia: é transmittir a su'alma a outr'alma que a comprehenda, sem os doidos enthusiasmos de uma vizionaria, mas sim com a simpliidade de maneiras, de palavras, nessa percepção do espirito que doutrina, protege e só deseja que a não condemnem, nem a julguem louca!...

Não admiro as politicas desequilibradas como uma Michel, mas em todos os tempos a mulher foi util na litteratura: algumas dellas como Staël, Sévigné, Lafayette, Jorge Sand e outras muitas, attestam o quanto vale a que é culta.

Entre nós, ella ainda não é bem comprehendida, com quanto os grandes espiritos apreciem aquellas que ou dizem o que sentem conforme o seu temperamento meigo ou as

que, dispondo de energia, ainda que o seu intellecto as faça parecer mais homens do que mulheres, como Nizia Floresta Brazileira Augusto, Corina Coaracy, Revocata de Mello, Josephina de Azevedo; ou amenas e circumspectas como Julia Lopes de Almeida, Adelina Vieira, Julietta Monteiro; ou despreziosas como Maria Clara, a elegante missivista das «Cartas do Rio».

Eu acho que no destino da patria, para a salvação de um povo que carece de severas lições, a mulher intellectual será a sua mais nobre preceptora.

A sua prepotencia, congrega os elementos da civilisação, sentindo allivio ao ser comprehendida na vanguarda do progresso, na justa ambição dos seus deveres não só intellectuaes como moraes, na marcha quotativa da felicidade de seu paiz.

Uma patria sem litteratura, é uma patria morta — que mais se pode esperar della? Felizmente a nossa não o é.

Ao findar, desejo á *Mensageira* a mais completa das victorias.

O porvir abre-lhe os braços nessa questão social da litteratura feminina brazileira demonstrando que o infinito do pensamento não será completo sem a evolução da mentalidade da mulher entre nós.

Isto até é questão de patriotismo.

Rio de Janeiro, 1897.

IGNEZ SABINO.

Petalas da sau
O o
Azas brancas c
Cartas, sois o
Dos que na aus

Estrellas pela
Ilhas de flores
Cartas, que da
Fazei

Sois dos saudos

18 de Março

PRESCILIA

Dão

Srs. Redact

Parecerá in
parte, ir pedir
no seu jornal
collaboradores

No emtanto
contrario. O
de reconstrução
primeiras cogi
os heroes do p
da mulher.

Não é só ac
esta idéa. Em
ropeos, e nas
ho concerto, h
midade de vi
communicar á
ral que lhe é n

mulher eminente houvesse existido sobre a terra, esta só bastaria para synthetisar a profundsza e a força moral do seu sexo! Mas, o mesmo cadafalso de onde rolou a sua cabeça gloriosa, nos recorda que aquelle grande movimento politico da França tinha no seu seio convulsionado caracteres como o de Carlota Corday, além de mulheres de espirito tão elevado como M^{me}. Necker!

A Revoluçã Franceza!...

Quem não terá chorado lendo as cartas da meiga Lucilla a Camillo Desmoulins? Quem não terá sentido extranha sensação de horror ao pensar na princeza de Lamballe, immolada no altar da amizade incomparavel que votava a Maria Antonieta?

Quem não extremecerá ao pensar que a cabeça da desvelada amiga, depois de decepada ainda foi afinhada numa lança e cozuzida á frente de Maria Antonieta para mais lhe espesinhar o coração já martyrisado com a retirada brutal do seu louro e tenro Delphim?

E pensar que essa enorme tragedia da Revoluçã Franceza não fez germinar no seio da humanidade todas as sementes do bem!

E pensar que ainda depois della ha quem sustente com intransigencia ferrenha a bastilha dos preconceitos; ha quem interponha, entre a dignidade da mulher e as suas

prerogativas, barreiras crivadas de espinhos; ha quem negue a seus semelhanças o direito da opinião e a opinião de direito!

Essas muralhas negras, porém, não entibiam os defensores da Justiça, como a guilhotina não amedrontava os heróes da Gironda. Abençoado desprendimento dos que sabem sentir a força de uma convicção! Bemdita verdade, que não te deixas obumbrar pelos sophismas dos que te querem opprimir!

Os luctadores convictos têm no entanto, compensação a tudo que soffrem; para que o seu coração irradie de jubilo e mais accentue a sua fé, basta ás vezes uma unica phrase de um homem superior, como aquella de André Rebouças, no seu livro *Orphelinato Gonçalves de Araújo*, ao terminar a transcripção de um trecho de Sophie Raffalovich: «Todas essas reflexões levam a um problema novo para as raças neo-latinas: — *Abolição da escravidão da Mulher.*»

Para pôr termo a esta chronica, queremos uns versos que nos lembrem que é no regaço da mulher que se acalentam as cabeças imberbes dos homens do futuro. Seja uma poesia de Silvio de Almeida, que me veio ha tempos numa folha paulista e que fôra classificada por Guiomar Torrezaõ, em chronica de

Por montes e valles

A Aurca Pires

Eu não sei porque, todas as vezes que saio da Capital e interno-me pelo interior, no que a outrem parece velho e sem encantos, os meus olhos de observadora encontram sempre uma novidade, maxime, tendo o espirito em ferias e em festas o coração.

A celeridade de trem não distrahe o meu pensamento, nem me perturba a idéa. Então noto que havendo no Brazil climas diferentes, com tudo não temos meio dia com fructos de outomno, nem norte em gelos perpetuos.

O nosso solo é rico e fecundo, por isso que se torna a saberba miragem do trabalhador europeu, que abandonando os patrios lares, vem colonisar esses enorme desertos de verdura, edificando a modesta czinha perto da fonte que lhe mata a sede, encontrando na agricultura a riqueza, já no apice dos montes onde se acimata o milho e o café; já na fertil campina, aonde pastam aminaes da raça vacum e cavallar. E' bello ver-se quarenta, cinquenta ou mais homens infileirados, movendo as enxadas a cavar a terra, preparando o terreno, contentes, felizes, enquanto pelo atalho vem a mulher e os filhos com a cesta da refeição

Lisbõa, como «uma suave elegia, penetrada da incoercivel sensibilidade tão pessoal e subjectiva como só a póde experimentar e reduzir á forma graphica o poeta, o cloito da inspiração, o verdadeiro artista namorado do ideal que o seduz.»

Porque sou triste?

Perque sou triste, si alegrar me cabe
A minha Mãe, já velha e alquebrantada,
Que tem vivido, como só Deus sabe,
De continas tristeza amargurada?

Não teré jus ao meu amor ardente
Quem tendo sido, como foi, tão pobre,
Me ensinou a prezar unicamente
O grande, o bello, o verdadeiro, o nobre?

E não merece as minhas poesias
Quem me contava o nome das estrelas,
Dizendo: «Silvio, vê as Tres Marias,
Estas... e aquellas... Que bonito é vel-as!»

Pois minha mãe, que me trazia ao peito,
E me embalava, quando mais menino,
Não tem agora, por igual, direito
De querer que eu lhe abrañde o seu destino?

Tudo lhe devo, desde a luz da vida
Até a mesma luz que me allumia,
Pois, só por minha doce Mãe querida,
Não vejo a noite quando brilha o dia!

Porque sou triste, pois? Quem lhe consola
A noite da velhice, que já desce?
Quem me dera um sorriso por osmola,
Com que sorrir á minha mãe podesse!

SILVIO DE ALMEIDA.

Flores ao poeta e descanço ás leitoras,
MARIA EMILIA



ção que apenas consta de carne do porco e polenta; elles, com o descuido proprio da idade, ellas com trajos exquisitos, resguardam a cabeça do sol já por um lenço atado sobre os cabellos, cobrindo as orelhas, já por um chapéu de abado de palha grosseira. No campo, eu accordo com os passarinhos, por isso desejando observar tudo, punha-me a caminho, correspondendo ao «Bom dia», dado disprotensiosamente, enquanto o sol feria o espaço com os seus raios embellosando os corregos e o murmuro d'agua nascente a repercutir n'alma o enlevo causado por essas manhãs tão lindas. Ora seguia a estrada geral, ora internandando-me por um desvio, vi uma vez um quadro digno do melhor dos nossos pintores. N'uma roça bem cultivada, de milho e de feijão, por onde serpenteava um riacho, na porteira, trepara-se linda criança de seis annos, com saia azul, camizinha branca de mangas compridas, collete escarlata e cabellos louros, em longas madeixas, cahidos sobre as costas, que gentilmente atirou-me um beijo, em quanto um rapazinho de quatro annos e uma menina de tres desfolhavam no chapéu, assentados na areia, uma porção de flores silvestres. Naturalmente parei a sorrir, seguindo depois de corresponder com igual gentileza, o cami-

nho bordejado de barrancos, quando um delicioso fectu chamou-me a attenção.

Arrancal-o foi obra de um segundo. Observando-o, dissertei rapidamente sobre a geographia botanica, a divizão das familias nessa especie que constitue a Flora de qualquer paiz, incluindo as plantas *socias, as cosmopolitas, as desagregadas*, lembrando-me de *Duhamel* que escreveu 6 volumes sobre a *physiologia das arvores e dos vegetaes*, de *Linné*, o primeiro que estudou o reino vegetal, depois, dos *Jessius* tio e sobrinho, de *Caudolle*, de *Cesalpin* que antes de *Jessieu* fez o primeiro ensaio sobre o assumpto, em 1583, com o seu: «*Libre XVI de plantis*», além de *J. Rai*, o *inglez Morison*, o *allemao Knaüt*, o *hollandez Hermann* em 1690, e mais os francezes *Ravisius* e *Tournefort*, em 1640.

E, no grande grupo da divizão dos vegetaes, os *Adocotylidoneos*, os *Monocotylidoneos* e os *Pocotylidoneos*, com as familias, os generos e especies, variam os individuos de raças, do mesmo modo porque se nota essa differença no reino animal, constituindo variedades superiores e inferiores. Julgo que o estudo da botanica deveria ser um encanto para o meu sexo, não só como passatempo, como tambem por necessidade até mesmo pecuniaria. Mas, custa, sei

bem, á mulher entre nós, com a educação falsa que recebe, gostar de instruir-se e saber o que chamam superfluo, quando não, se vissem o *Champignon* que se uza em varias iguarias, o *Milho*, a *Cevada*, a *Canna de assucar*, (*granineas*) das quaes se conta mais de mil especies, entrando nellas a grama sobre a qual se estende a roupa para corar, além da que sustenta os animaes, se analysassem umas algas, (da familia das *cryptogamas*) quer as do mar, quer as dos rios, verificariam has primeiras, umas *Monocotylidoneas* e nas segundas um *Adocotylidoneo* por não darem flor.

Nas *Bananeiras*, nas *Orchideas*, nos *Aspargos*, nos *Jasmins*, nos *Cravos*, nas *Campanulas*, no *ananz*, nas *Begonias* e nas *Palmeiras*, analysariam um *Monocotylidoneo*, ao passo que enfeitando os jarros do toucador e os jarrões da sala de vizitas, teriam a certeza de serem *Dacotylidoneos*. Se notarem que as grandes arvores da matta ou os arbustos do jardim têm verdes os troncos e as folhas, é necessario que não ignorem o nome da substancia verde que as anima, (*chlorophilla*) lhes é dada pelo ar e pelo sol, que por exemplo, no *Lyrrio* fornece a sua brancura imaculada, mas que nas folhas, formando a cor verde, essa materia contida no interior das cellulas, vê-

se através da membrana da folha, descoberta oriunda dos *chymicos* e *botanicos* francezes *Coventu* e *Pellitier*, em 1818. Depois os olhos se deleitariam a observar as immensas variedades de *Palmeiras*, as rainhas dos bosques, como as chamou *Linneu*; se folhassem *Richard* ou *Duchartres*, á pagina 807, já conhecendo nellas um *Monocotylidoneo*, saberiam tambem que *Martius*, as estudou particularmente, dando á *America* 273 qualidades e 300 distribuidas pelo resto do globo, dividindo-as em 5 grupos, a saber: 1.ª *Aracineas*, 2.ª *Calomeas*; — 3.ª *Borassinéas*; — 4.ª *Coryphineas*; 5.ª *Oscaqueiros*, — que dão fructos.

De algumas *palmeiras* se estrae *feculas* como o *sagú*, além de *cêra*, como a *carnaúba*, *oleo* e *bebidas* agradaveis como a *Jussara* no *Maranhão*, *Assahy*, no *Pará*, etc. etc.

As suas lindissimas *palmas* servem para cobrir ou construir mesmo os «*Mocambos*» da gente pobre do Norte, quer á beira dos rios, quer á margem do oceano. Existem outrosim *Palmeiras* historicas, haja prova as que se distribtem no *Domingo de Ramos* em lembrança da entrada de *Jesus* em *Jeruzalem* (veja-se *Caminhoá*). Ora, como o vegetal pela transformação do terreno, do clima e pela fraqueza do germen sofre a lei fatal do transformismo, oriundas

dos clima tropicaes, umas crescem a 600 metro de altura, outras descom a proporção de um ou dous metros, como as *Phoenix*, pertencentes a classe das «Caulis»,*) por isso que *sem tronco*, os talos surgem elegantemente da terra, nascendo das raizes adventicias que se intranham nella de tal sorte, como se fossem espetados os talos artisticamente, segundo affirma *Du-chartres* e confirma *Martius*, que admirou uma tão linda, em Madagascara, a ponto de impressional-o muito e della tirar o desenho. As nossas *Indayás*, são disso, prova.

E' ainda a manhã, nem uma nuvem fofa esmalta a athmosphera.

O sol esbrazea aquellas longinquas paragens, dando á natureza um encanto indefinivel a tudo que eu admirava, ora colhendo uma flor, ora respondendo a uma pergunta. Seguia pela estrada, quando vejo por um atalho varias pessoas dirigirem-se para uma capellinha que fica sobre pequeno outeiro e cujo sino repicava alegremente. Com as pessoas queridas que me acompanhavam, dirigi-me tambem para lá. O rustico templo já com alguns devotos, não tinha galas, notando-se uma pobreza enorme em tudo.

A minha entrada alli produziu

*) As *Acaules* são plantas que não têm talo ou o têm muito pequeno, como o telho, o Jacintho, e outras.

curiosidade, por não ser eu do logar; mas aos poucos, como meu irmão é d'aquella gente bem conhecido, ao sahir, correspondi á saudação de algumas pessoas, na maior parte fazendeiros e negociantes, que a convite do dono d'aquella caza de oração, com a sua presença davam prova de cortezia, que não de creença ou fervor religioso ao acto, talvez.

No campo, em plena natureza, como é suave e poetica a oração, nesse mysterio indefinivel que faz o ser humano compenetrar-se da sua fraqueza, da sua pequenez, para elevar o espirito ante o sublime Artificio, creador de táes bellezas!!

A mim, não passa desaperccebida uma flor delicada dos mórros ou da campina. Eu notava que o *Idikium Corronarium* formava extensissimo jardim nas varzeas e á beira dos correços, quando do baranco, proximo cahiu-me aos pés enorme torrão de terra humida, por haver chovido na vespera. Apanhei-o e mostrando-o, puz-me a phylosophar sobre o assumpto.

A terra, esta mistura de argilla e de areia que tinha na mão, esse globo que gira no espaço e que eu amassava entre os dedos, se fosse uma esculptora, aproveitallia em deliciosos bustos, figuras, flores, ramos, ornatos o utensilios. Todavia, quanta legua devoluta,

quando o lavrador aproveitando-a, nella teria a sua melhor amiga?...

Um dia, (não para os meus), esses ermos serão cidades, com fabricas, templos e escolas. Nas fazendas, a enxada e a charrúa, darão o proveito desejado; os jurros do suor humano, mitigarão o trabalho da honradez. Se o sol festeja-a com os seus raios; se a chuva brinda-a com a sua régua; se a lua brinca no cabeço dos seus montes; se a neve alveja os altos pincares; se as estrellas allumiam-a nogura; se entre nós a pozcia sertaneja infunde n'alma o painel da verdade sob uma forma tão amêna, para que o brasileiro deixa o estrangeiro uzurpal-a, para que consente-a á mênça de outrem, sobretudo o liberto, que tão depressa esqueceu esse penhor do seu trabalho, quando beneficiara o paiz por seu intermedio?

Não serão por isso uns grandes ingratos?!...

Nella temos um jardim perpetuo; das suas entranhas surge o marmore, o ferro, a prata, o ouro, o alluminium, as pedras preciosas; das suas veias jorra a cachoeira, que forma os grandes rios, os seus affluentes, os ribeirões, os riachos, os filetes argenteos com fontes crystalinas, cercadas de trepadeiras, arvores seculares, troncos cahidos ao accazo, n'um dos quaes já

muito fatigada, fui sentar-me, bebendo agua fresquissima na folha concava de um vegetal que floria alli perto. Corriam as horas desaperccebidamente. O sol fustigava-me o rosto, por isso puz-me a caminho, notando que os nomes dados aos logares, são improprios, mas naturalmente lembrados pelos antigos tropeiros, quando o apito do trem não despertava essas solidões ainda.

As crianças correndo na frente, ois que uma dellas lembrou-se de assanhar enorme caza de marimbondos.

Fugimos delles apressadamente e chegando á caza, tomei estas notas, respirando ainda com prazer o perfume das flores incultas que me trazia a matta, de envolta com o ozônio purissimo dos arcs campestres.

Capital—6.—Março—1898.

IGNEZ SABINO.



Parenthesis

Porque tão longa e desastrada ausencia Entre dois seres que a amizade encanta, Amizade que todo o mal quebranta E que tem da constancia a prescencia?

Do destino porque tanta inclemencia? Amargura porque na vida tanta? Aos que se nutrem de affeição tão manta Deveria sorrir sempre a existencia.